Comentário Dogmático

2ª. EDIÇÃO

EDITORA «O LUTADOR»
Manhumirim (Minas)
— 1958 —

http://www.obrascatolicas.com

PADRE JÚLIO MARIA, S.D.N.

COMENTÁRIO DOGMÁTICO

2ª. EDIÇÃO

Editora «O LUTADOR»
Manhumirim — Minas
— 1958 —

http://www.obrascatolicas.com

IMPRIMATUR
Caratinga, 31.3.58
† *José Eugênio Corrêa*
Bispo de Caratinga

APROVAÇÃO

DO EXMO. MONS. ARISTIDES ROCHA
Vigário Capitular de Caratinga

Caratinga, 21 de novembro de 1936.

Caríssimo Pe. Júlio Maria.

Li, com muita satisfação e edificação, o seu substancioso comentário do evangelho dominical.

Que belo trabalho! E como é prático! Parecia-me ouvir a voz solene, penetrante e arrebatadora do próprio Pe. Júlio Maria, pregando suas frutuosas missões nas paróquias, ou os seus incomparáveis retiros do clero.

Com um tal livro, não há mais um único vigário que possa desculpar-se de não fazer a sua homilia ou o seu sermão, nos domingos e festas.

O seu livro é único em seu gênero; não conheço outro igual, tão claro, tão substancial, tão bem dividido e tão prático como o seu admirável "Evangelho dominical".

Com êste livro na mão, só não será pregador ou orador quem não quiser.

http://www.obrascatolicas.com

Com um pouco de boa vontade, basta ler umas três vêzes um de seus esquemas, tão bem divididos, e qualquer sacerdote pode improvisar o mais patético sermão, ou fazer a mais substancial homilia.

Congratulo-me com V. Revma. pelo bem que vai fazer êste livro, facilitando aos vigários a sua gloriosa missão de instruir, de orientar e de entusiasmar o povo, e expondo-lhe uma doutrina evangélica firme, prática e clara.

De todo o coração envio a V. Revma. o IMPRIMATUR que me pede, e faço votos que êste precioso livro chegue às mãos de todos os sacerdotes e pregadores de nosso querido Brasil.

Com meus sinceros parabéns, por mais esta jóia brotada de seu coração de apóstolo, peço aceitar a expressão da minha sincera estima em N. Senhor.

Mons. Aristides Rocha
Vigário Capitular

INTRODUÇÃO

AOS VENERANDOS SACERDOTES, VIGÁRIOS E PREGADORES

Permitam os venerandos sacerdotes que um velho missionário, com 30 anos de prática da vida paroquial e missionária, lhes apresente umas *notas* e *esquemas* de homilias sôbre o Evangelho para cada domingo do ano.

A vida absorvida do serviço paroquial, os improvisos de certas solenidades, o labor exaustivo do confessionário, a administração de outros sacramentos, etc., não deixam, às vêzes, bastante tempo para preparar um sermão, uma homilia ou outra instrução doutrinal, de necessidade ou de ocasião.

Com quanta satisfação o sacerdote-pregador não acolheria, nestas horas de apêrto, um livro que lhe trouxesse, não um sermão feito, pois não tem o tempo de lê-lo, mas sim um *esquema*, um esbôço substancial, curto, bem dividido e bem coordenado, que lhe permitisse relembrar e aproveitar o que sabe, tornando presente o que foge da memória, nesta hora de serviço e de atividade.

http://www.obrascatolicas.com

E' um tal livro que venho oferecer a meus ilustres colegas no ministério das almas.

* * *

O presente *Comentário Dogmático* não é simplesmente um livro escrito no silêncio do gabinete; é um livro vivido, já pregado... são esquemas de sermões, utilizados no ministério paroquial.

São *notas* simples, depois completadas, aperfeiçoadas, coordenadas, de um velho missionário, que quer deixar, para os seus sucessores no púlpito, o que êle colheu durante longos anos, para o seu próprio uso.

Êstes esquemas têm, dêste modo, o valor da experiência pessoal e das necessidades do povo, procurando, antes de tudo, instruir o povo e fazer amar a religião, mostrando as suas belezas e as consolações que ela nos traz.

* * *

Existem muitos comentários do evangelho dominical, e até ótimos. Não pretendo fazer melhor que os outros, mas quero fazer de outro modo, de uma forma que julgo mais prática.

Em vez de dar a explicação de uns versículos como uns fazem, ou de fazer uma instrução sôbre a verdade apontada pelo Salvador, como fazem outros, darei um *esquema resumido, substancial,* do assunto, ou da verdade em questão, com uma divisão

em dois ou três pontos, simples, lógica, que, em poucos instantes, o pregador possa percorrer, assimilar e transformar numa homilia ou num sermão doutrinal, prático, que corresponda às necessidades do povo.

Dêste modo, o pregador não será um simples repetidor do sermão esboçado, mas conservará a sua personalidade, adaptando a doutrina ao seu jeito, a seu talento, a seu modo próprio de anunciar a palavra de Deus.

Não se trata, pois, de substituir a iniciativa pessoal, mas sim de excitá-la; não se trata de decorar e reproduzir um sermão dos outros, mas de assimilar a doutrina, e de exprimí-la depois como se fôsse pessoal. Êstes esquemas são um *memorandum.* Despertam idéias, evocam lembranças, orientam a capacidade pessoal, e dividem assuntos, que não se podem classificar, de repente, num quadro próprio, o que é, entretanto, absolutamente necessário, para ser claro, conciso e compreensível pelo auditório.

Tais esquemas constituem uma *ossatura,* um esqueleto, cabendo ao pregador, conforme o seu talento, revestir essa ossatura com nervos, veias, carne e pele, a fim de formar um corpo completo e harmonioso.

* * *

O presente volume é o segundo de uma série que abrange os seguintes comentários: literal, dog-

http://www.obrascatolicas.com

mático, moral, apologético, eucarístico, litúrgico. Não é uma obra perfeita, é um esbôço, ou, melhor: são *notas* de coordenação, que podem ser úteis aos noviços na arte da pregação e também aos veteranos das elites oratórias, pois todos precisam de assunto doutrinal e de divisão bem marcada em suas instruções.

* * *

Ofereço-vos, queridos sacerdotes, estas notas simples, pedindo ao divino Mestre que vos sejam úteis e vos facilitem a sublime missão de anunciar a palavra de Deus, com fruto e agrado.

A palavra de Deus possui o seu atrativo próprio, que sempre agrada às almas sinceras e não precisa de adornos mundanos; convém, entretanto, que seja anunciada com dignidade, firmeza, clareza e entusiasmo, para conservar a sua virtude própria e ser um instrumento de conversão. "*Verbum sanum, irreprehensibile*". (Tito, 2, 8).

Preguemos o Evangelho... e recolheremos os frutos do Evangelho... Mas, se pregarmos a eloquência humana, só recolheremos a vaidade do mundo. "*Non enim nosmetipsos praedicamus, sed Dominum Nostrum*". (2 Cor. 4, 5).

Pe. Júlio Maria, S. D. N.

I. DOMINGO DO ADVENTO
(Luc. 21, 25-33)

25. *Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: Haverá sinais no sol, e na lua, e nas estrêlas, e na terra consternação dos povos pela confusão do bramido do mar e das ondas:*

26. *Mirrando-se os homens de susto, na expectativa do que virá sôbre todo o mundo: porque as virtudes do céu serão abaladas:*

27. *E então verão o Filho do Homem vir sôbre uma nuvem com grande poder e majestade.*

28. *Quando começarem, pois a cumprir-se estas coisas, olhai e levantai as vossas cabeças: porque está próxima a vossa redenção.*

29. *E disse-lhes esta comparação: Vêde a figueira e tôdas as árvores:*

30. *Quando começam a desabrochar, conheceis que está perto o estio.*

31. *Assim também, quando virdes que acontecem estas coisas, sabei que está próximo o reino de Deus.*

32. *Em verdade, em verdade, vos digo, que não passará esta geração sem que estas coisas se cumpram.*

http://www.obrascatolicas.com

33. *Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão.*

OS ÚLTIMOS FINS

O primeiro domingo do advento, que é o primeiro dia do ano eclesiástico, começa pelo Evangelho do juízo último, como o seu último domingo depois de pentecostes termina com a mesma verdade, para nos mostrar que o pensamento dos últimos fins do homem começa e termina o dogma católico.

O fim último ou a "vida eterna" é, de fato, o pensamento que deve dominar e orientar tôda a nossa vida.

"Em tôdas as coisas considerai o fim", disse o poeta *Lafontaine*, traduzindo a palavra do Espírito Santo: *"Memorare novissimo tuo et in aeternum non peccabis"*. — Lembrai-vos dos vossos fins últimos, e nunca pecareis. (Ec. 7, 40).

Meditemos hoje os nossos deveres para com os nossos fins últimos, resumindo-os em três:

1. CRER nos fins últimos.
2. PENSAR nestes fins.
3. TRABALHAR para preparar-nos.

I. CRER NOS FINS ÚLTIMOS

E' preciso crer neste dogma, revelado por Deus e ensinado pelo Evangelho e a Igreja. A cada passo Jesus Cristo nos fala sôbre a grande verdade. O

Evangelho de hoje versa todo inteiro sôbre êste assunto.

Jesus Cristo diz que não sòmente nós havemos de terminar um dia, mas que o próprio mundo que nos abriga terminará um dia.

Neste dia, diz Êle, *eu virei sôbre uma nuvem com grande poder e majestade.*

Para que esta vinda?

Nesta ocasião, Deus fará a grande e definitiva separação entre os bons e os maus: aos primeiros, Êle dará como recompensa a felicidade do céu; aos segundos, em castigo, dará as penas eternas do inferno.

Jesus Cristo nos preveniu de tudo.

Morreremos: *"Statutum est hominibus semel mori"*. (Hebr. 9, 27).

Ressuscitaremos: *"Omnes quidem resurgemus"*. (I Cor. 15, 51).

Seremos todos julgados: *"Post hoc autem judicium"*. (Hebr. 9, 27).

Seremos colocados à direita ou à esquerda do Juiz Supremo: *"oves ad dextris suis, hoedos autem a sinistris"*. (Mat. 25, 33).

Enfim, seremos eternamente felizes ou infelizes: *"Et ibunt hi in supplicium aeternum: justi autem in vitam aeternam"*. (Mat. 25, 46).

Tal é o ensino formal de Jesus Cristo e, após êle, da Igreja Católica. De certo, cremos neste grande

http://www.obrascatolicas.com

dogma, porém, crer não basta. E' preciso pensar nêle.

II. PENSAR NÊLE

Notem bem que a verdade proposta no Evangelho de hoje é a mesma que a do domingo passado.

Por que esta repetição, quando os domingos do ano nem chegam para citar as principais passagens do Evangelho?

E' uma repetição feita propositadamente. A Igreja lembra a verdade da salvação, no primeiro e no último domingo do ano eclesiástico, para significar que o nosso principal pensamento no decurso do ano, deve ser o da salvação da nossa alma.

Perguntaram um dia a Newton como havia descobrido a lei da atração.

Pensando nela, respondeu o sábio.

Se alguém perguntasse como se deve fazer para salvar-se, poder-se-ia responder também: Pensando na salvação.

Não é necessário pensar e repetir contìnuamente: Morrerei, serei julgado, serei salvo ou reprovado conforme as minhas obras!

Há palavras que são apenas "aerem verberans", como diz o Apóstolo, mas há pensamentos que dirigem as ações, mesmo quando se pensa em outra coisa.

Há aqui na Igreja pessoas de diferentes lugares, e cada uma, desde a sua casa até à Igreja, seguiu caminhos diferentes. Ninguém veio repetindo pela estrada: eu vou à igreja!

Só o pensamento do comêço dirigiu os vossos passos, e não vos deixou desviar um passo do caminho reto, enquanto conversáveis sôbre outras coisas.

E' um tal pensamento "motor" da salvação que deve dominar a nossa vida. Mesmo pensando em outras coisas, tal pensamento deve dirigir os nossos passos para o céu.

III. CONCLUSÃO

CRER E PENSAR na salvação são as duas premissas, cuja conclusão é: trabalhar para salvar-se.

A fé suscita o pensamento, e o pensamento suscita a ação.

Êstes três elementos são como as virtudes teologais: fé, esperança e caridade.

Crer em Deus, esperar em Deus, amar a Deus é, no fundo, a mesma coisa que crer na salvação, pensar na salvação, trabalhar para a salvação da sua alma.

Como é que se trabalha na obra da salvação?

Fazendo o que Deus manda.
Evitando o que Deus proibe.

Tudo isso está incluído e expresso nos mandamentos da lei de Deus e da Igreja, que Nosso Senhor resumiu na sua resposta ao jovem do Evangelho que lhe perguntou o que devia fazer para salvar-se.

http://www.obrascatolicas.com

"Não matarás, não cometerás adultério, não roubarás, não dirás falso testemunho, honra teu pai e tua mãe, e ama ao teu próximo como a ti mesmo". (Mat. 19, 18).

A êstes mandamentos a Igreja ajunta: Assistirás à missa nos domingos e festas, confessarás os teus pecados, aproximar-te-ás da Sagrada Comunhão de vez em quando, etc.

Façamos isto e seremos salvos.

II. DOMINGO DO ADVENTO
(Mat. 11, 2-10)

2. *Naquele tempo, estando João no cárcere, como tivesse ouvido falar das obras de Cristo, enviou dois de seus discípulos a dizer-lhe:*

3. *E's tu o que há de vir, ou devemos esperar outro?*

4. *E, respondendo Jesus, disse-lhes: Ide, e contai a João o que ouvistes e vistes.*

5. *Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, os pobres são evangelizados.*

6. *E bem-aventurado aquêle que não encontrar em mim motivo de escândalo.*

7. *E tendo êles partido, começou Jesus a falar de João às turbas: Que fôstes ver no deserto? Uma cana agitada pelo vento?*

8. *Mas que fôstes ver? Um homem vestido de roupas delicadas? Mas os que vestem roupas delicadas encontram-se nos palácios dos reis:*

9. *Mas que fôstes ver? Um profeta? Sim, vos digo eu, e ainda mais do que profeta.*

http://www.obrascatolicas.com

10. *Porque êste é aquêle de quem está escrito: Eis que eu envio o meu anjo adiante de ti, o qual preparará o teu caminho diante de ti.*

A CONFIRMAÇÃO

Jesus Cristo não aprecia nem ama "os caniços agitados pelo vento", e louva João Batista por não ter imitado tais caniços ou homens flutuantes, sem firmeza, sem fôrça, mas por se ter mostrado firme na defesa da moral, mesmo contra os potentados da terra.

Muitos cristãos são "caniços", para não lhes aplicar o têrmo conhecido, mais expressivo ainda: são "cataventos". Viram conforme o vento dos interêsses ou comodidades.

A natureza decaída é um "caniço" que o vento das tentações agita; e entretanto a FIRMEZA é uma virtude essencial, necessária para a vida cristã; eis porque Jesus Cristo instituiu um sacramento especial para comunicar esta fôrça; êste sacramento chama-se Confirmação ou Crisma.

Expliquemos hoje:

1. A NATUREZA da Confirmação.
2. OS EFEITOS da Confirmação.

I. A NATUREZA DA CONFIRMAÇÃO

A Confirmação é um Sacramento que nos dá o Espírito Santo, imprime na alma o caráter de soldados de Jesus Cristo e faz-nos perfeitos cristãos.

Confirmação vem de *firmare*, tornar firme, fortificar. Conforme a etimologia da palavra, é, pois, um Sacramento destinado a fortalecer, a completar a graça conferida pelo batismo.

E' também chamado CRISMA, exprimindo o modo pelo qual é administrado êste Sacramento: por unção ou crisma.

A Confirmação é intimamente ligada ao Batismo, embora não proporcione as mesmas graças.

O Batismo dá a PRIMEIRA graça, que nos faz cristãos: a Crisma dá a SEGUNDA, que transforma os cristãos em soldados de Cristo, capazes de lutar e morrer por sua fé.

Não sabemos exatamente em que ocasião Jesus Cristo instituiu êste Sacramento, porém, vêmo-lo administrado pelos Apóstolos, que o receberam necessàriamente do próprio Jesus Cristo.

Lemos, de fato, nos Atos dos Apóstolos que *"Pedro e João impuseram as mãos aos samaritanos"*, primeiramente batizados pelo diácono Felipe, os quais *"receberam o Espírito Santo"*. (At. 8, 12-17).

Do mesmo modo São Paulo, vindo a Éfeso, batizou, em nome de Jesus, os discípulos de João e nêles *"impôs as mãos"*, para que baixasse o Espírito Santo. (Atos, 19, 6).

II. OS EFEITOS DA CONFIRMAÇÃO

A Crisma é um Sacramento dos vivos, quer dizer que, para recebê-lo, a alma deve já estar vivifi-

http://www.obrascatolicas.com

cada pela graça; aumenta e aperfeiçoa a graça recebida no batismo ou recuperada pela confissão.

A graça própria ou sacramental consiste especialmente no *dom da fôrça*, que dá ao crismado a coragem, energia de enfrentar vitoriosamente os inimigos da fé.

Esta fôrça provém dos *dons do Espírito Santo*, que a crisma comunica à alma.

Por essa palavra: dons, é preciso entender hábitos sobrenaturais que impelem a alma a seguir fielmente as inspirações do Espírito Santo.

Êstes dons são em número de sete:

1. A *sabedoria*, que dá o gôsto das coisas de Deus.
2. A *inteligência*, que faculta a compreensão.
3. O *conselho*, que faz escolher o que é mais proveitoso à nossa alma.
4. A *fôrça*, que dá energia para vencer os obstáculos à nossa salvação.
5. A *ciência*, que nos faz conhecer os caminhos que nos levam à salvação.
6. A *piedade*, que nos mostra Deus como Pai extremoso.
7. O *temor de Deus*, que nos faz fugir de tudo o que possa desagradar a Deus.

Além dêstes dons, a crisma imprime na alma um *caráter* indelével de soldado de Cristo.

Êste Sacramento não é necessário, de *necessidade de meio*, desde que o batismo e a confissão perdoem os pecados; entretanto, ninguém deve descuidar-se de recebê-lo, quando possível, (cân. 787), pois seria privar-se voluntàriamente de numerosas graças valiosas para a salvação.

III. CONCLUSÃO

Qualquer pessoa batizada, e ainda não crismada, pode e deve receber êste Sacramento.

Para a *validade* é exigido que o crismando seja batizado e tenha a intenção, pelo menos habitual e implícita, de receber a crisma.

Para a liceidade é preciso que o crismando esteja em estado de graça, conheça os pontos principais da doutrina cristã e tenha um padrinho ou uma madrinha (Cân. 793). O padrinho para os homens, a madrinha para as mulheres, devem ser crismados (Cân. 795).

Há parentesco espiritual entre o padrinho e o crismado (Cân. 797) sem que constitua, entretanto, como para o batismo, impedimento ao matrimônio.

Convém os pais fazerem crismar, quanto antes, os filhos, para não privá-los das grandes graças que êste sacramento comunica.

Hoje, sobretudo, que há tanta falta de firmeza e de fôrça nas vontades, é preciso recorrer a Deus, e obter dêle pela crisma, o que falta para sermos católicos firmes, decididos, militantes.

http://www.obras

III. DOMINGO DO ADVENTO
(Jo. 1, 19-28)

19. *Eis o testemunho de João, quando os judeus lhes enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas a perguntar-lhe: Quem és tu?*

20. *E êle confessou, e não negou: e confessou: Eu não sou o Cristo.*

21. *E êles perguntaram-lhe: Quem és, pois? E's tu Elias? E êle respondeu: não sou. E's tu o profeta* (predito por Moisés) ? *E respondeu: Não.*

22. *Disseram-lhe então êles: Quem és, pois, para que possamos dar resposta aos que nos enviaram? Que dizes de ti mesmo?*

23. *Disse-lhes êle: Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías.*

24. *Ora, os que tinham sido enviados eram da seita dos fariseus.*

25. *E interrogaram-no e disseram-lhe: Como batizas, se não és o Cristo, nem o profeta?*

26. *João respondeu-lhes, dizendo: Eu batizo em água: mas no meio de vós está quem vós não conheceis.*

27. *Êsse é que há-de vir depois de mim, que é mais do que eu: de quem eu não sou digno de desatar a correia dos sapatos.*

28. *Estas coisas passaram-se em Betânia, da banda de além do Jordão, onde João estava batizando.*

A PRESENÇA REAL DE JESUS CRISTO

No meio de vós está quem vós não conheceis, disse João Batista aos judeus, indicando Jesus Cristo, que estava no meio dêles, mas ainda desconhecido.

Pode-se dizer a mesma coisa de muitos católicos que parecem quase ignorar a presença real de Jesus Cristo na Eucaristia. Êle está ali quase desconhecido... por aquêles que deviam visitá-lo, de vez em quando, invocá-lo e manifestar-lhe o seu amor.

Examinemos hoje êste ponto do dogma católico que é a presença real de Jesus Cristo, provando a realidade, ou o *fato* desta presença:

1. Pela TRADIÇÃO.
2. Pela SAGRADA ESCRITURA.

I. A TRADIÇÃO

A *realidade* da presença real prova-se pela tradição unânime dos séculos e pela Sagrada Escritura.

A Igreja, desde o princípio, acreditou na presença real de Jesus Cristo na Eucarístia. Basta citar umas autoridades dos primeiros séculos.

http://www.obrascatolicas.com

No século I — Sto. Inácio († 107) discípulo de São João, profliga o êrro dos docetas, "que se abstêm da Eucaristia, pregando ser ela a carne do Salvador".

No século II — São Justino († 165) escreve ao imperador Antonino: Da mesma forma que Jesus Cristo, pela palavra de Deus, foi feito carne e sangue para a salvação nossa, assim sabemos que êste alimento, sustentando nossa carne e nosso sangue, é a *carne* e o *sangue* dêste Jesus incarnado.

No século III — Tertuliano († 240), diz: A carne se alimenta com o *corpo e sangue* de Cristo, para que a alma se fortifique de Deus.

No século IV — São Cirilo († 386), escreve: Debaixo da aparência do *pão*, Jesus Cristo nos dá o seu *sangue;* dêste modo,tornamo-nos: porta-Cristos, desde que recebemos seu corpo e seu sangue.

No século V — São João Crisóstomo († 407), fala ao povo de Antioquia: Podeis ver pessoalmente Jesus Cristo, e não ver apenas, mas *comê-lo, tocar* nêle e introduzí-lo em vosso peito. Todos nós que participamos dêste corpo e bebemos êsse sangue, não nos esqueçamos que êsse que comemos é o mesmo que os anjos do céu adoram.

Basta destas citações; são sem réplica.

Encontram-se outras provas de tradição nas liturgias antigas, como, por exemplo, na de Antioquia, do II século, onde se lê: "Tendo nós tomado o precioso corpo e sangue de Cristo, damos graças".

Outras provas ainda nos fornecem as práticas da Igreja primitiva, havendo a *lei do segrêdo*, acêrca da Eucarístia, e a crença constante da Igreja, que nunca foi posta em dúvida, até aos sucessores de Lutero.

O próprio Lutero não teve ânimo para negar esta verdade, dizendo: E' claro demais! *Nimis apertus...*

Ora, é impossível que uma tradição tão constante, tão positiva, e tão clara, seja falsa.

Logo, Jesus Cristo está realmente presente na Sagrada Eucaristia.

II. A SAGRADA ESCRITURA

E' claro demais! Tal é bem a conclusão que se impõe, interrogando a Sagrada Escritura.

Podemos resumir estas provas em quatro categorias:

a) A *promessa*. A simples promessa é já um relâmpago.

E' o discurso inteiro de Nosso Senhor (Jo. 6, 26-70) após a multiplicação dos pães: *Vós me procurais, por causa do pão que eu vos dei, procurai, antes, o pão do céu.* (6, 27).

E qual é êste pão?

Eu sou o pão da vida, descido do céu.
O pão que eu darei para a vida do mundo é a

http://www.obrascatolicas.com

minha carne. Minha carne é verdadeira comida, e o meu sangue verdadeira bebida. (6, 55).

Chega a repetir por 5 vêzes que *"é preciso comer a sua carne e beber o seu sangue"*, para poder possuir a vida. (6, 53-58).

b) A *instituição*. Na véspera da sua morte, Nosso Senhor cumpre o que havia anunciado.

Na última ceia, Jesus *"tomou o pão, o benzeu e, partindo-o, o distribuiu a seus discípulos, dizendo: Tomai e comei: Isto é o meu corpo, que será entregue por vós.*

Depois tomou o cálice, deu graças, e passou-a êles, dizendo: Bebei dêle todos, pois isto é o meu sangue, o sangue da aliança, que será derramado por muitos para a remissão dos pecados". (Mat. 25, 26-29; Marc. 14, 22-25; Luc. 22, 14-20; 1 Cor. 11, 23-25).

Jesus diz: *Isto é meu corpo; isto é meu sangue*, e não: Isto *simboliza* meu corpo, *significa* meu sangue.

O pão e o vinho, aliás, não são *sinais adequados* para representar o corpo e o sangue. E' preciso tomar estas palavras "é meu corpo", "é meu sangue" em sentido natural, literal.

c) As *circunstâncias* de pessoas e de tempo.

Os apóstolos eram gente rude, singela, sem cultivo. Eram incapazes de compreender as sutilezas da linguagem metafórica.

Jesus estava na véspera da sua morte; deixando

a Eucaristia como uma herança sagrada, não é, pois, o momento de dizer coisas ambíguas, que se prestem para interpretações duvidosas.

d) *O testemunho de S. Paulo*, que é de uma clareza rude e incontestável: *Quem comer êste pão ou beber o cálice do Senhor indignamente, será reu do corpo e do sangue do Senhor.* (1 Cor. 11, 27).

Se êste pão e o vinho consagrados não fôssem o corpo e o sangue de Jesus Cristo, como poderia alguém, comendo-o indignamente, ser culpado do corpo e do sangue de Jesus Cristo?

E', pois, bem certo que Jesus Cristo está *real, verdadeira e substancialmente* presente na Sagrada Eucaristia.

III. CONCLUSÃO

A presença Eucarística de Jesus Cristo é o mais sublime e o mais assombroso dos mistérios, que exige de nossa parte um ato decidido *de fé*.

Um Deus, ocultando-se sob as humildes aparências de uma pequenina hóstia! E' o resumo das maravilhas divinas. *Memoriam fecit mirabilium suorum.* (Sal. 110, 4).

Um ato de *gratidão* e de *amor* devem seguir a êste ato de fé, pois a Eucaristia é o grande mistério do amor. *Sic enim Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret.* (Jo. 3, 16).

Mostremos êste amor pelas visitas ao Smo. Sacramento e pela recepção da Sagrada Comunhão.

http://www.obrascatolicas.com

Na Redenção do gênero humano por Jesus Cristo encontramos êstes caracteres:

1. Perda da graça pelo pecado original.
2. Reintegração do homem na amizade de Deus.
3. Resgate oferecido a Deus pela morte de Jesus Cristo.

Querendo Deus uma reparação equivalente a injúria, para satisfazer, ao mesmo tempo, a sua *bondade* e a sua *justiça*, era necessário que o reparador fôsse Deus, pois o ofendido sendo Deus, a ofensa era infinita e requeria uma reparação infinita, o que só o próprio Deus podia realizar.

Era preciso que uma pessoa divina se humilhasse, para reparar equivalentemente a ofensa.

Ora, não podendo Deus humilhar-se como tal, era necessário que adotasse uma natureza criada. E' a razão por que o Filho de Deus *se incarnou* e *nasceu da Virgem Santíssima*.

Dêste modo, Jesus Cristo, Deus e homem, com uma única prece, ou uma lágrima, que são de valor infinito, pode, de modo equivalente, reparar a injúria feita a Deus e resgatar o homem.

Mas Jesus Cristo não quer satisfazer ùnicamente a justiça divina; quer também satisfazer o seu amor pelos homens; e é êste amor que o levou a sofrer e a morrer pela salvação da humanidade.

Como *homem*, Jesus Cristo pode *merecer*, expiar, reparar, resgatar, e como *Deus* estas ações adquirem um valor infinito.

A reparação é equivalente à ofensa; a justiça de Deus está satisfeita pela Incarnação; a sua bondade ficará satisfeita pela Redenção, ou paixão e morte de Jesus Cristo.

II. CARACTERES DA REDENÇÃO

Êstes caracteres reduzem-se a quatro: a Redenção foi: *livre, satisfatória, reconciliadora* e *restauradora*.

a) FOI LIVRE: Jesus sofreu e morreu por nós voluntàriamente, porque quis. Mostrou-o claramente no Jardim das Oliveiras, derrubando os soldados (Jo. 18, 7), entregando-se por si mesmo: *Dou a minha vida*, podia Êle dizer: ninguém a arrebata de mim, porém a dou espontâneamente. (Jo. 10, 17-18).

b) FOI SATISFATÓRIA pelo pecado de um modo *superabundante*, como o diz o Apóstolo. (Ef. 1, 8).

Todos os atos de Jesus Cristo, de fato, ainda os mais insignificantes, têm um valor infinito, de modo que o Sacrifício do Calvário atinge alturas incomensuráveis, excedendo tudo quanto fôra requerido para uma satisfação completa.

Além desta superabundância, tal satisfação foi *substitutiva*, isto é, efetuada por um medianeiro à altura de solver todos os débitos da humanidade inteira, e de um modo adequado à ofensa.

c) FOI RECONCILIADORA, reconciliando o

http://www.obrascatolicas.com

homem com Deus. *Êle nos amou, diz* São João, *e nos resgatou dos nossos pecados no seu sangue.* — (Apoc. 1, 5).

Reconciliando o homem com Deus, ao mesmo tempo liberta o homem da escravidão do demônio. *Pela sua morte, Jesus Cristo destrói o poder infernal, e arruína a influência nefasta de Satanás contra as criaturas.* (Hebr. 2, 14).

d) FOI RESTAURADORA ainda, porque não só aplacou a justiça divina, mas devolveu ao homem os dons *sobrenaturais*: a graça santificante e a glória do céu, perdidos pelo pecado de Adão. (Jo. 1, 12-16).

III. CONCLUSÃO

Tal é a Redenção superabundante de Jesus Cristo. Resta-nos alcançar êstes frutos admiráveis.

E' certo que a Redenção é *universal* para todos os homens e para todos os pecados. *O Cristo Jesus feito carne, se entregou Êle próprio, como resgate para todos.* (1 Tim. 5, 6).

Mas convém notar que não basta a morte de Jesus Cristo para nos salvar; a nossa cooperação é necessária. A palavra do divino Mestre é clara: *Se alguém quiser ser meu discípulo, que se renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e me siga.* (Mat. 16, 24).

A Redenção é um remédio. Ora, não basta possuir o remédio, é preciso aplicá-lo. Dêste modo devemos aplicar-nos os frutos da Redenção, pelas boas obras e a prática das virtudes.

Somos herdeiros de Deus e coherdeiros de Cristo, diz São Paulo, *com a condição de sofrermos com Êle.* (Rom. 8, 17).

http://www.obrascatolicas.com

FESTA DE NATAL
(Luc. 2, 1-14)

1. *Naquele tempo, saiu um edito de César Augusto, para que se fizesse o recenseamento de todo o mundo.*

2. *Êste primeiro recenseamento foi feito por Cirino, governador da Síria.*

3. *E iam todos recensear-se cada um à sua cidade.*

4. *E José foi também da Galiléia, da cidade de Nazaré, à cidade de Davi, que se chamava Belém, porque era da casa e família de Davi.*

5. *Para se recensear juntamente com sua espôsa Maria, que estava grávida.*

6. *E estando ali, aconteceu completarem-se os dias em que devia dar à luz.*

7. *E deu à luz o seu Filho primogênito, e o enfaixou, e o reclinou numa mangedoura: porque não havia lugar para êles na estalagem.*

8. *Ora, naquela mesma região havia uns pastores que vigiavam e faziam a guarda ao seu rebanho.*

9. *E eis que apareceu junto dêles um anjo do Senhor, e tiveram grande temor.*

10. *Porém o anjo disse-lhes: Não temais: Porque eis que vos anuncio uma grande alegria, que terá todo o povo:*

11. *Porque vos nasceu na cidade de Davi um Salvador, que é o Cristo Senhor.*

12. *E eis o (que vos servirá de) sinal: Encontrareis um menino envôlto em panos, e deitado numa mangedoura.*

13. *E sùbitamente apareceu com o anjo uma multidão da milícia celeste, louvando a Deus e dizendo:*

14. *Glória a Deus no mais alto dos céus, e paz na terra aos homens, (objeto) da boa vontade (de Deus).*

EVANGELHO DA SEGUNDA MISSA
(Luc. 2, 15-22)

15. *E depois que os anjos se retiraram dêles, para o céu, os pastores diziam entre si: Vamos até Belém e vejamos o que é que aí sucedeu, e o que é que o Senhor nos manifestou.*

16. *E foram com grande pressa: e encontraram Maria e José, e o Menino deitado na mangedoura.*

17. *E vendo isto, conheceram o que lhes tinha sido dito acêrca dêste Menino.*

18. *E todos os que ouviram, se admiraram das coisas que lhes diziam os pastores.*

19. *Ora, Maria conservava tôdas estas coisas em seu coração.*

20. *E os pastores voltaram, glorificando e lou-*

http://www.obrascatolicas.com

vando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto, conforme lhes tinha sido dito.

21. *E depois que se completaram os oito dias para ser circuncidado o Menino, foi-lhe posto o nome de JESUS, como lhe tinha chamado o anjo, antes que fôsse concebido no ventre materno.*

22. *E depois que foram concluídos os dias da purificação de Maria, segundo a lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém para o apresentarem ao Senhor.*

EVANGELHO DA TERCEIRA MISSA
(Jo. 1, 1-14)

1. *No princípio era o Verbo, e o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus.*

2. *Êle estava no princípio em Deus.*

3. *Tôdas as coisas foram feitas por Êle: e nada do que foi feito, foi feito sem Êle.*

4. *Nêle estava a vida, e a vida era a luz dos homens.*

5. *E a luz resplandeceu nas trevas, e as trevas não a compreenderam.*

6. *Houve um homem enviado por Deus, que se chamava João.*

7. *Êste veio por testemunha, para dar testemunho da luz a fim de que todos cressem por meio dêle.*

8. *Êle não era a luz, mas era para dar testemunho da luz.*

9. *(O Verbo) era a luz verdadeira, que ilumina todo o homem que vem a êste mundo.*

10. *Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.*

12. *Mas a todos que o receberam, deu o poder de se tornarem filhos de Deus, aos que crêem no seu nome:*

13. *Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.*

14. *E o Verbo se fêz carne e habitou entre nós: e nós vimos a sua glória, glória como de (Filho) Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.*

A INCARNAÇÃO

O Verbo se fêz carne. — E' o grande mistério da *Incarnação*, ou união de Deus com a carne.

E' o ato pelo qual a segunda Pessoa da Sma. Trindade, o Verbo de Deus, *se fêz carne*, tomou uma natureza de carne, isto é, a natureza humana, no seio da Virgem Maria, e tornou-se, desde então: *Homem-Deus*.

E' êste Homem-Deus que está deitado no presépio. Vamos, pois, conforme o convite da Igreja, prostrar-nos ao pé do presépio onde repousa o Menino Deus e façamos ali:

1. Um ato de FE';
2. Um ato de ESPERANÇA;
3. Um ato de AMOR.

http://www.obra

I. UM ATO DE FE'

Não é necessário insistir sôbre o ato de fé pois é o fundamento dos outros atos.

Qual é o objeto dêste ato de fé? Que é que devemos crer a respeito do Menino Deus?

1. Que na única natureza de Deus subsistem três Pessoas divinas, distintas mas iguais: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

2. Que a Santíssima Trindade, resolvendo levantar a humanidade decaída, decidiu a *Incarnação* do Filho de Deus, para que resgatasse e salvasse esta humanidade, entregando-a, de novo, ao seu Senhor e Deus.

3. Que o Filho de Deus se fêz Homem, tomando um corpo e uma alma, semelhante aos nossos, no seio da Imaculada Virgem Maria.

4. Que na única Pessoa de Jesus há duas naturezas unidas: a divina e a humana.

5. Que, em consequência desta união íntima de duas naturezas numa única Pessoa (união hipostática), a Virgem Maria merece realmente o título de Mãe de Deus.

E' certo que Ela não deu a Jesus a natureza divina; mas contribuiu para dar-lhe a natureza humana, de modo que é tão verdadeiramente a *Mãe de Jesus*, como Santa Mônica é Mãe de Sto. Agostinho. Ora, sendo Jesus Deus, Maria é verdadeiramente Mãe de Deus, tão bem como Sta. Mônica, sendo Mãe

de Santo Agostinho, e Santo Agostinho, sendo Bispo de Hipona, Mônica é mãe do Bispo de Hipona.

Devemos crer nestas verdades, pois foram reveladas por Deus, e nos são ensinadas pela Igreja.

II. UM ATO DE ESPERANÇA

Devemos crer, devemos também *esperar*.

Devemos adorar o Verbo feito carne, mas, conhecendo as razões por que Êle se fêz carne, devemos *esperar*.

De fato, se a Incarnação é o mistério da fé, a razão da Incarnação, ou a *Redenção*, é o mistério da esperança.

Jesus Cristo incarnou-se para salvar os homens; e quer salvar os homens pela sua vida, a sua paixão e a sua morte.

Como poderemos, pois, desesperar?

O objeto da nossa esperança é o céu.

Ora, Deus quer levar-nos para o céu, e eis por que Êle não nos chamou simplesmente, mas veio neste mundo buscar-nos.

Êle veio buscar-nos, pessoalmente, e põe à nossa disposição a graça necessária para seguí-lo.

Consideremos o presépio: E' Jesus, estendendo as suas mãozinhas para tomar-nos pela mão e conduzir-nos ao céu.

A sua Incarnação nos atrai.
O seu olhar nos convida,
O seu sorriso nos prende,
A sua mãozinha nos conduzirá.

http://www.obrascatolicas.com

Oh! prostremo-nos, de joelhos, e façamos um ato de esperança na bondade e no auxílio do pequenino Jesus.

III. CONCLUSÃO

A conclusão é o ato de amor que a vista do presépio deve fazer brotar do nosso coração.

Natal é, sobretudo, a festa do amor.

Sic nos amantem, quis non redamaret!

Quem não amará Aquêle que tanto nos ama!?

Natal é a festa do amor de Deus para com os homens.

Ora, amor com amor se paga.

Logo, é preciso que seja também a festa do amor dos homens para com Deus.

Êle se fêz criancinha, velando a sua grandeza, para melhor ganhar os nossos corações!

Quem tem mêdo de uma criancinha?

Vejamos êste Deus infinito, escondido no que a humanidade tem de mais fraco, de mais pequenino, de mais amável: uma criancinha.

Vamos, pois, ao pé do presépio, e concluamos o nosso ato de fé e de esperança, com um ato de amor ardente para Jesus-Menino.

DOMINGO DENTRO DA OITAVA DO NATAL
(Luc. 2, 33-40)

33. *Naquele tempo, havendo chegado o dia da purificação, foi Jesus levado por seus pais ao templo para ser apresentado. E seu pai e sua Mãe estavam admirados das coisas que dÊle se diziam.*

34. *E Simeão os abençoou e disse a Maria, sua Mãe: eis que êste (Menino) está posto para a ruína e para a ressurreição de muitos em Israel: e para ser alvo de contradição:*

35. *E uma espada traspassará a tua alma, a fim de se descobrirem os pensamentos nos corações de muitos.*

36. *Havia também uma profetiza, (chamada) Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser: estava em idade muito avançada, e tinha vivido sete anos com seu marido, desde a sua virgindade.*

37. *E (tinha permanecido) viúva até aos oitenta e quatro anos: e não se afastava do templo, servindo a Deus noite e dia com jejuns e orações.*

38. *Ela também, sobrevindo nesta mesma ocasião, louvava o Senhor, e falava do Menino a todos os que esperavam a Redenção de Israel.*

39. *E depois que cumpriram tudo, segundo o*

http://www.obrascatolicas.com

que mandava a lei do Senhor, voltaram para a Galiléia, para a sua cidade de Nazaré.

40. *Entretanto, o Menino crescia e se fortificava cheio de sabedoria: e a graça de Deus era com êle.*

O QUE E' JESUS CRISTO

O Evangelho de hoje nos leva ao templo, 40 dias depois do nascimento do Salvador.

Era lei judaica que, nesta data, as mães se apresentassem no templo, para oferecerem um sacrifício de purificação e, sendo o filho *primogênito*, deviam consagrá-lo a Deus e resgatá-lo, mediante uma oferta, destinada ao culto divino.

Tal lei não obrigava a Virgem Imaculada, porém, por humildade e para edificação dos outros, Ela quis sujeitar-se, em tudo, à lei estabelecida.

Estamos aqui diante de uma dupla profecia: A primeira, dizendo o que Jesus será um dia; a segunda, dizendo-nos o que Êle era.

Vejamos:

1. O que SERA' JESUS em sua vida.
2. O que ERA JESUS em Nazaré.

I. O QUE SERIA JESUS

E' a profecia de Simeão e de Ana que no-lo indica.

Simeão era um santo ancião, que esperava ansiosamente a vinda do Messias prometido, e havia

sido favorecido por Deus com uma revelação, na qual lhe foi prometido não morrer, sem ter visto, com seus olhos, o Salvador.

Êle estava no templo quando ali apareceram Maria, José e o Menino Jesus.

Reconheceu logo o objeto de suas aspirações e, dirigindo-se à Mãe que carregava o tesouro divino, o nobre ancião prostrou-se de joelhos, adorou o seu Salvador e pediu à Mãe de Jesus que lhe pusesse um instante nos braços Aquêle que devia ser a ressurreição de muitos e o grande sinal de contradição.

A alma do santo ancião expandia-se em admiração, em louvor, em ações de graças, ao ponto que *o pai e a Mãe se admiravam* das coisas que Deus revelara a Simeão e de tudo o que dizia do Menino.

Mas eis que o Espírito Santo inspira de repente em Simeão um sôpro de profecia.

E que profecia!

Simeão é o profeta do gládio, que deve transpassar o Coração de Maria.

Êle vê Maria tão pura, tão santa, tão sublimemente elevada pela maternidade divina; e deve transpassar o coração com um gládio que haverá de feri-lo desde agora até ao fim de sua vida.

E', pois, com os olhos rasos de lágrimas e a voz embargada pela emoção, que êle, fitando a Virgem, revela o futuro: *Eis que êste está destinado para a ruína e para a ressurreição de muitos em Israel, e posto como sinal de contradição! A tua alma, porém, será transpassada por uma espada, para que se manifestem os pensamentos de muitos corações.*

http://www.obrascatolicas.com

Que espada para os corações de Maria e do santo ancião!...

E' a *paixão* de Jesus e a *compaixão*, realizadas no Coração de Maria.

Após o ancião, eis uma mulher, também idosa, de 80 anos, santa e profetiza.

Havia sido favorecida por Deus com uma revelação a respeito do Messias, de modo que, encontrando no templo a Sagrada Família, ela reconhece logo o Salvador esperado, canta os seus louvores e se faz entusiasta, *falando do Menino a todos os que esperavam pela Redenção de Israel.*

II. O QUE ERA JESUS DE NAZARE'

Após êstes acontecimentos, a Sagrada Família voltou para Nazaré, e depois foi fixar-se em Belém.

E' aí que os magos, em breve, irão adorar o Menino Deus.

Quantas maravilhas encobre o nome de Jesus! E o Evangelho, como que para aguçar a nossa imaginação e excitar o nosso coração, diante do quadro da adolescência de Jesus, diz apenas estas palavras, que são o resumo de trinta anos de sua vida: *O Menino crescia e fortalecia-se, cheio de sabedoria, e a graça de Deus estava nêle.*

Para que serviriam outros pormenores? O Evangelho diz tudo, quase sem palavras; uma longa narração não faria senão enfraquecer êste relâmpago de verdade.

Jesus se fêz criança, cresce e se fortalece como

manda a lei do desenvolvimento para as crianças, passando da meninice ao estado de adolescente, e de adolescente ao estado de jovem, e de jovem ao estado de homem perfeito.

Exteriormente, êle vai manifestando a divina sabedoria que habita nêle substancialmente, na medida do seu desenvolvimento exterior, mas interiormente conforme o faz notar o Evangelho: *a graça de Deus estava nêle!*

Não era uma simples graça de Deus que São Pedro chama *participação à natureza divina — divinae consortes naturae.* (2 Pet. 1, 4), mas sim, a plenitude da graça. (Col. 2, 9), da qual todos nós recebemos. (Jo. 1, 16).

Era o *sol*, em sua aurora, como na última ceia será o sol em seu zênite, e, no Calvário, o sol em seu ocaso.

III. CONCLUSÃO

Página divinamente divina desta vida tão divinamente humana de Jesus!

Simeão aclama o Messias tão ansiosamente esperado, e profetiza a sua missão entre os homens e a corredenção de sua mãe.

Ana, a mulher santa, glorifica o menino e se faz sua catequista zelosa.

A solidão de Nazaré acolhe o menino em suas sombras misteriosas, o vê crescer em idade e sabe-

http://www.obrascatolicas.com

doria e extasia-se diante das belezas da sua alma repleta da divindade.

Oh! possamos nós também crescer em *sabedoria perante* o mundo e crescer em *graça* perante Deus.

FESTA DA EPIFANIA
(Mat. 1, 1-12)

1. *Tendo nascido Jesus em Belém de Judá, no reinado de Herodes, eis que uns magos chegaram do Oriente a Jerusalém, dizendo:*

2. *Onde está o rei dos judeus, que é nascido? porque nós vimos a sua estrêla no Oriente e viemos adorá-lo.*

3. *E ouvindo isto o rei Herodes, turbou-se e tôda Jerusalém com êle.*

4. *E convocando os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo, perguntava-lhes onde havia de nascer o Cristo.*

5. *E êles disseram-lhe: Em Belém de Judá: porque assim foi escrito pelo profeta:*

6. *E tu, Belém, terra de Judá, não és a mínima entre as principais* (cidades) *de Judá: porque de ti sairá o chefe que há de comandar Israel, meu povo.*

7. *Então Herodes, tendo chamado secretamente os magos, inquiriu dêles cuidadosamente que tempo havia que lhes tinha aparecido a estrêla:*

8. *E enviando-os a Belém, disse: Ide e informai-vos bem acêrca do Menino e quando o encon-*

http://www.obrascatolicas.com

trardes, comunicai-mo, a fim de que também eu o vá adorar.

9. E êles, tendo ouvido as palavras do rei, partiram; e eis que a estrêla, que tinham visto no Oriente, ia adiante dêles, até que, chegando sôbre o lugar) onde estava o Menino parou.

10. Vendo (novamente) a estrêla, ficaram possuídos de grandíssima alegria.

11. E entrando na casa, encontraram o Menino com Maria, sua Mãe, e prostrando-se o adoraram; e abrindo os seus tesouros, lhe ofereceram presentes (de) ouro, incenso e mirra.

12. E tendo recebido aviso em sonhos para não tornarem a Herodes, voltaram por outro caminho para o seu país.

MANIFESTAÇÃO DE JESUS CRISTO

A Epifania é a *manifestação de* Jesus Cristo ao mundo.

Como se manifestá êle? Quais são os sinais sensíveis desta manifestação?

São, sobretudo:

Os *milagres* que faz.
A *doutrina* que prega.
A *conversão* do mundo, que realiza.

Durante o ano teremos ocasião de estudar cada um dêstes sinais em particular; limitemo-nos, hoje, a uma consideração geral, a que a própria liturgia

nos convida nos Evangelhos de hoje, da oitava e do domingo seguinte. E':

1. A ADORAÇÃO DOS MAGOS, ou conversão do mundo.
2. O BATISMO de Jesus Cristo ou inauguração da sua doutrina.
3. O MILAGRE de Caná, ou começo de seus milagres.

I. A ADORAÇÃO DOS MAGOS

Os magos são os representantes das nações pagãs que se deviam converter ao Evangelho, como os pastores foram os representantes dos judeus.

Uma estrêla luminosa se levanta para êles, guiando-os para o presépio, onde deviam encontrar "*o Menino Deus, com Maria, a sua Mãe*".

Esta mesma estrêla se levantará sôbre as nações pagãs, e estas, imitando a generosidade dos magos, irão prostrar-se aos pés do Redentor.

Êstes povos, como os magos, encontrarão obstáculos: serão reis invejosos como Herodes; mais poderosos até, como Nero; mais cruéis, como Cales; mais bárbaros, como Lenine.

As nações, porém, triunfarão de todos e um dia se tornarão fiéis adoradores de Jesus Cristo.

E' Jesus Cristo convertendo o mundo, e esta conversão é uma prova da sua divindade.

http://www.obrascatolicas.com

II. BATISMO DE JESUS CRISTO

No dia de seu Batismo no Jordão, por São João Batista, Jesus Cristo foi manifestado ao mundo, porém não foi Êle quem se manifestou, mas sim o Espírito Santo que baixou visìvelmente sôbre Êle, enquanto o Pai Eterno, do alto do céu, fêz ouvir a sua voz: *Êste é o meu Filho muito amado, escutai-o.*

Escutai-o: é uma ordem que nos ensina duas coisas:

1. Que Jesus ia falar e veio para ensinar.
2. Que a sua doutrina é verdadeira e recomendada por Deus.

E Jesus ensinou; conhecemos a sua doutrina, que tem todos os característicos da divindade, de modo que o próprio ensino de Jesus Cristo revela a sua divindade.

Podem-se discutir sistemas, ciências, leis, etc.; não se discute a doutrina de Jesus Cristo; é preciso admití-la tal qual, ou então declarar-se ateu, pois tudo ali se liga, se completa, se compenetra com tal segurança, lógica e solidez, que não se lhe pode subtrair nada, nem ajuntar nada, sem deteriorar a religião inteira.

E' outra prova da divindade de Jesus Cristo.

III. O MILAGRE DE CANA'

No segundo domingo após a Epifania, teremos ocasião de estudar a cena encantadora de Caná; notemos aqui que êste primeiro milagre de Jesus Cristo decidiu a conversão completa dos primeiros discípulos, ainda vacilantes em sua fé.

E' a prova decisiva da sua divindade que Jesus Cristo lhes dá: *Se não acreditais em minhas palavras, acreditai em minhas obras,* dirá Êle mais tarde.

Muitas vêzes Êle declara abertamente que faz tal milagre para provar a sua missão divina: *Para que saibais que o Filho do Homem tem o poder de perdoar pecados, levanta-te, paralítico, toma o teu leito e anda!*

Os discípulos escutavam a Jesus, de certo, porém, a sua doutrina era tão nova, tão oposta às idéias correntes, que êstes não podiam deixar de ter alguma hesitação e nutrir certas dúvidas.

Jesus quer dissipar tôdas as dúvidas e selar a sua doutrina com o carimbo divino dos milagres.

Só Deus pode fazer milagres.
Jesus muda a água em vinho: é um milagre.
Logo, Êle é Deus.

E' a conclusão que tiraram os discípulos, como faz notar o Evangelho: *E creram nÊle.*

IV. CONCLUSÃO

Jesus Cristo é, pois, verdadeiro *homem* e verdadeiro *Deus.*

Como homem, Êle nasce em Belém, mas os magos o adoram como Deus.

Como homem, Êle é batizado no Jordão, mas

http://www.obrascatolicas.com

Deus o proclama seu Filho muito amado, e nos diz que o escutemos.

Como homem, Êle assiste às bôdas de Caná, mas, como Deus, Êle opera ali o seu primeiro milagre.

Em tôda parte, vemos a divindade unida à humanidade na única *Pessoa divina* de Jesus Cristo.

E hoje o mundo é cristão, é católico, acredita na doutrina de Jesus Cristo, confirmada pelos milagres que Êle mesmo operou.

I. DOMINGO DEPOIS DA EPIFANIA
(Luc. 2, 42-52)

42. *Quando Jesus chegou à idade de doze anos, subiram seus pais a Jerusalém, segundo o costume, no tempo da festividade.*

43. *E quando, acabados os dias festivos, voltaram para casa, ficou o Menino Jesus em Jerusalém, sem que seus pais o soubessem.*

44. *E, pensando que viessem com os da comitiva, andaram caminho de um dia, procurando-o entre os parentes e conhecidos.*

45. *Mas, não o encontrando, voltaram para Jerusalém, à procura dÊle.*

46. *E aconteceu que, três dias depois, o acharam no templo, sentado no meio dos doutores, ouvindo-os e fazendo-lhes perguntas.*

47. *E todos os que o ouviam pasmavam da sua sabedoria e das suas respostas.*

48. *Quando, pois, o viram, admiraram-se. E disse-lhe sua Mãe: Filho, por que fizeste assim conosco? Eis que teu pai e eu te procurávamos cheios de aflição.*

49. *Respondeu-lhes Êle: Por que é que me pro-*

curáveis? Não sabíeis que deve ocupar-me das coisas de meu Pai?

50. *Mas êles não compreenderam o que lhes dizia.*

51. *Então desceu com êles e veio para Nazaré; e lhes estava sujeito. E sua Mãe conservava tôdas estas coisas no seu coração.*

52. *E Jesus crescia em sabedoria, idade e graça, diante de Deus e dos homens.*

O ESTUDO DA RELIGIÃO

O Evangelho nos mostra a Sagrada Família indo para o templo de Jerusalém, para ali, conforme a lei de Moisés, assitir às festas da Páscoa, que consistiam em parte na explicação da lei de Deus.

Era, pois, uma espécie de estudo da Religião. Estudo mais necessário hoje do que nos tempos antigos, devido à ignorância das verdades religiosas e à infiltração dos erros contrários.

Para animar-nos ao estudo da Religião, veremos:

1. O EXEMPLO de Maria e de José.
2. A LIÇÃO do próprio Jesus.

I. O EXEMPLO DE MARIA E DE JOSE'

Vemos Maria e José procurando Jesus, durante três dias ùnicamente ocupados em encontrá-lo.

Não poupáram nem tempo, nem fadigas, nem lágrimas para encontrá-lo... e enfim o encontraram no meio dos doutores, no templo.

O estudo da Religião não é outra coisa, senão a *procura de Deus.*

Vêde os infiéis, vêde os pecadores, vêde as famílias indiferentes, vêde os ignorantes; que é que lhes falta?

Sofrem, gemem, sentem um mal estar geral.

Falta-lhes Jesus... Perderam Jesus.

E como encontrar êste Jesus tão necessário para a felicidade?

E' preciso *conhecê-lo*, para depois *desejá-lo*.

Jesus Cristo é o grande desconhecido.

O *conhecimento* de Jesus Cristo e a grande ciência e esta ciência, como aliás tôda ciência, adquire-se pelo *estudo*.

Maria e José conheciam a Jesus; e eis porque o procuravam com tanto ardor e ansiedade.

Sentiam a privação de Jesus!

E nós nem sequer sentimos esta privação, porque não o conhecemos.

Que calamidade!

II. A LIÇÃO DE JESUS

A autoridade de Jesus vem corroborar a importância do estudo da Religião.

Escutemos a lição que êle nos dá. E' *a primeira palavra* que o Evangelho nos transmite dêle.

Escutemo-lo: *Não sabíeis que eu devo ocupar-me das coisas de meu Pai?*

Que palavra divina... e que bela lição para nós!

Lembremo-nos de que Jesus é o grande modêlo.

O nosso primeiro, o nosso grande dever, é ocupar-nos das coisas de nosso Pai celeste: em outros têrmos: devemos ocupar-nos de nossos deveres religiosos; e o primeiro dêstes deveres é *conhecer*, ou estudar a Religião.

Jesus não quis voltar a Nazaré junto com seus pais da terra; Êle permanece mais uns dias no templo, para ouvir falar e falar de seu Pai.

Que lição para êstes católicos que vão ainda assistir à Missa aos domingos, mas que chegam depois do sermão, como se tivessem mêdo de ouvir falar de seu Pai!

III. CONCLUSÃO

A exemplo de Maria e José, e segundo a lição de Jesus, coloquemos em primeiro plano o dever de cumprir os nossos deveres religiosos.

Deus em primeiro lugar, antes e acima de tudo.

Todo o resto deve ser subordinado a êste *dever*.

Não digamos que não temos tempo!

Há tempo para tudo!

Nem digamos estarmos absorvidos por mil afazeres.

Cortemos uns dêstes afazeres e substituamo-lo pela Religião.

E não pratiquemos sòmente a Religião; procuremos conhecê-la, estudá-la, pela assistência às instruções religiosas e pela leitura dos livros religiosos e instrutivos.

A ignorância em Religião é a causa da indiferença e das dúvidas.

A fé é um dom de Deus, mas êste dom exige a nossa preparação, como a nossa cooperação.

Conhecer e *praticar* a Religião, é o duplo dever de todo o cristão sincero.

---

http://www.obrascatolicas.com

II. DOMINGO DEPOIS DA EPIFANIA
(Jo. 2, 1-11)

1. *Naquele tempo, celebravam-se umas bôdas em Caná da Galiléia: encontrava-se lá a Mãe de Jesus.*

2. *E foi também convidado Jesus com seus discípulos para as bôdas.*

3. *E faltando o vinho, a Mãe de Jesus lhe disse: Não têm vinho.*

4. *E Jesus disse-lhe: Deixe estar, Senhora, cuidarei disto, embora não tenha chegado ainda a minha hora.*

5. *Disse sua Mãe aos que serviam: Fazei tudo o que Êle vos disser.*

6. *Ora, estavam ali seis talhas de pedra, preparadas para a purificação judaica, que levavam cada uma duas ou três medidas.*

7. *Disse-lhes Jesus: Enchei as talhas de água. E encheram-nas até em cima.*

8. *Então disse-lhes Jesus: Tirai agora, e levai ao arquitriclino. E êles levaram. E o arquitriclino, logo que provou a água convertida em vinho, como não sabia donde lhe viera (êste vinho), ainda que o sabiam os serventes, porque tinham tirado a água, o arquitriclino chamou o espôso e disse-lhe:*

10. *Todo homem põe primeiro o bom vinho: e quando (os convidados) já têm bebido bem, então lhes apresenta o inferior; tu, ao contrário, tiveste o bom vinho guardado até agora.*

11. *Por êste modo deu Jesus princípio aos (seus) milagres em Caná da Galiléia, e manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram nÊle.*

MARIA, MÃE DE DEUS E DOS HOMENS

O Evangelho das bôdas de Caná põe em pleno relêvo o papel da Santíssima Virgem na obra da Redenção e da salvação.

E' a seu pedido, pela sua intercessão, que Jesus Cristo quer fazer o seu primeiro milagre público, como para mostrar que, através dos séculos, tôdas as suas graças seriam alcançadas pelo mesmo intermédio, pela intercessão de sua Santíssima Mãe.

Como tal, Maria Santíssima merece tôda a nossa confiança, por ser ela:

1. A MÃE DE DEUS e, como tal, PODENDO ajudar-nos.
2. A MÃE DOS HOMENS e, como tal, QUERENDO ajudar-nos.

I. MARIA, MÃE DE DEUS

E' uma verdade absolutamente certa.

http://www.obrascatolicas.com

Maria não é sòmente a mãe da natureza humana de Jesus Cristo, mas ela é Mãe de sua *Pessoa*, e esta Pessoa é divina.

O homem é composto de um corpo e de uma alma, sendo a alma parte principal do homem, pois é ela que comunica a vida ao corpo.

A nossa Mãe da terra não é *autora* da nossa alma, que é criada por Deus, para cada corpo em particular.

A nossa mãe é apenas a progenitora do nosso corpo; e, entretanto, ela é verdadeiramente a nossa mãe.

De fato, a progenitora não é a mãe da *natureza*, mas sim, a mãe da *pessoa* que gera.

A nossa pessoa somos nós, inteiros, é o composto substancial de corpo e alma.

Deus nos criou a alma; porém, Êle não criou a nossa pessoa, provindo esta da união substancial do corpo e da alma, de modo que a nossa mãe é a mãe da nossa pessoa.

Em Jesus Cristo há duas naturezas: a humana e a divina.

Estas duas naturezas são reunidas numa única Pessoa: a Pessoa de Jesus Cristo.

Ora, Maria é Mãe desta Pessoa, que possui, ao mesmo tempo, a natureza divina e a humana; como a nossa mãe é mãe de nossa pessoa, composta de corpo e alma.

Em Jesus Cristo há só uma *Pessoa*; e esta Pessoa é divina, infinita, eterna: é a Pessoa do Verbo,

do Filho de Deus, igual em tôdas as coisas ao Pai Eterno e ao Espírito Santo.

E Maria Santíssima é a Mãe desta Pessoa.

Logo, Ela é a Mãe de Jesus, a Mãe do Verbo Eterno feito Homem, a Mãe do Filho de Deus Incarnado, a Mãe da segunda Pessoa da Santíssima Trindade humanada, a Mãe de Deus, pois tudo isso é uma mesma e única Pessoa.

Maria de qua natus est Jesus. (Mat. 1, 16).

II. MARIA, MÃE DOS HOMENS

Maria é verdadeiramente nossa Mãe.

A maternidade *divina* e a sua maternidade *espiritual* são correlativas.

O mesmo raciocínio, que nos mostrou a realidade da maternidade divina, nos mostra a realidade da maternidade espiritual de Maria Santíssima.

Ser mãe é dar a vida.
Maria nos deu a vida da alma.
Ela é, pois, a nossa Mãe.

Há em nós duas vidas: uma vida material e outra espiritual.

A vida do corpo é uma vida *natural*.
A vida da alma é uma vida *divina*.

E' o que S. Paulo chama: *carnalis homo, spiritualis homo*.

Cada uma destas vidas tem uma origem diferente.

http://www.obrascatolicas.com

A vida da alma provém da união da alma com Deus.

Cessando a segunda união, sobrevém a morte *espiritual*.

O que une a nossa alma a Deus chama-se graça; e o que a separa de Deus chama-se pecado mortal.

A nossa alma, pela graça, possui a vida sobrenatural.

E quem é que nos dá esta vida?

E' Deus; por isso, Êle é o nosso Pai; mas é também Maria que nos deu Jesus: *a vida. Ego sum vita.* Ela é o canal desta vida, pelo qual Deus nos comunica Jesus: a vida.

Somos, pois, devedores da vida da nossa alma a Jesus e a Maria.

Jesus, sendo o nosso Pai, Maria é, pois, a nossa Mãe.

Jesus nos dá esta vida, como *princípio*.
Maria no-la dá, como *canal*.

Mas ambos, Jesus e Maria, cooperam na vida da nossa alma, de modo que Maria é tão verdadeiramente nossa Mãe como Jesus é o nosso Pai; sendo a paternidade de Jesus direta e imediata; e a maternidade espiritual de Maria, indireta e mediata.

III. CONCLUSÃO

Tais são os dois grandes motivos de confiança na Virgem Santíssima.

Ela é Mãe de Deus e, como tal, Ela *pode* ajudar-nos, pois Ela é uma onipotência suplicante.

Ela é nossa Mãe e, como tal, Ela *quer* ajudar-nos.

Qual é a Mãe que, vendo o seu filho sofrer, e podendo aliviá-lo, não o faz imediatamente?

Maria Santíssima quer e pode ajudar-nos. Logo, Ela o fará, desde que tenhamos para com Ela os sentimentos de confiança que estas duas prerrogativas nos devem inspirar.

http://www.obrascatolicas.com

III. DOMINGO DEPOIS DA EPIFANIA
(Mat. 8, 1-13)

1. *Naquele tempo, tendo Jesus descido do monte, uma grande multidão o seguiu.*

2. *E eis que aproximando-se dÊle um leproso o adorava, dizendo: Senhor, se tu queres, podes curar-me.*

3. *E Jesus, estendendo a mão, tocou-o, dizendo: Quero, sê curado. E logo ficou curado da sua lepra.*

4. *E Jesus disse-lhe: Vê, não o digas a ninguém: Mas vai, mostra-te ao sacerdote, e faze a oferta que Moisés ordenou, para lhes servir de testemunho.*

5. *E tendo entrado em Cafarnaum, aproximou-se dÊle um centurião, fazendo-lhe uma súplica.*

6. *E dizendo: Senhor, o meu servo jaz em casa paralítico e sofre cruelmente.*

7. *E Jesus disse: Eu irei e o curarei.*

8. *Mas o centurião, respondendo, disse: Senhor, eu não sou digno que entres em minha casa: dize, porém, uma só palavra, e o meu servo ficará curado.*

9. *Pois também eu sou homem sujeito a outro tendo soldados às minhas ordens, e digo a um: Vai, e êle vai; e a outro: Vem, e êle vem; e ao meu servo: Faze isto, e êle o faz.*

10. *E Jesus, ouvindo (estas palavras), admirou-se e disse para os que o seguiam: Em verdade, vos digo, não achei tão grande fé em Israel.*

11. *Digo-vos, porém, que virão muitos do Oriente e do Ocidente, e que se sentarão com Abraão e com Isaac e Jacó no reino dos céus.*

12. *Mas os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores: ali haverá chôro e ranger de dentes.*

13. *Então disse Jesus ao centurião: Vai, e seja-te feito conforme creste. E naquela mesma hora ficou curado o servo.*

OS MILAGRES

Durante três domingos seguidos narra-nos o Evangelho quatro dos numerosos milagres operados pelo Salvador.

Tais milagres são o grande argumento a demonstrar a missão divina de Jesus Cristo. Mas, para compreender bem o valor desta prova, é preciso saber aquilo que hoje vamos expôr brevemente:

1. O QUE E' o milagre.
2. A POSSIBILIDADE do milagre.

I. O QUE E' O MILAGRE

E' um fato que ultrapassa as fôrças da natureza criada, e sòmente pode ser produzido por intervenção de Deus.

http://www.obrascatolicas.com

Mudar água em vinho, purificar um leproso com a palavra, curar um moribundo à distância, por um ato de vontade, acalmar uma tempestade, são uns tantos atos que ultrapassam as fôrças da nossa natureza e que não podemos atribuir senão a Deus.

Não é necessário que o milagre seja operado imediatamente por Deus; êle pode delegar êste poder às criaturas, como um rico pode mandar qualquer amigo fazer esmolas de seu dinheiro.

Neste caso, é sempre o rico que dá; a pessoa intermediária serve-lhe de instrumento, ou de canal de transmissão.

Só Deus pode fazer milagres; os santos podem ser os intermediários dêste milagre, porém, por si mesmos, são impotentes para realizá-lo.

Vê-se logo que o milagre é, pois, como que o *carimbo* de Deus, a aprovação divina de um fato ou de uma doutrina.

E' a razão por que só na Igreja Católica existem milagres; só ela é a obra divina; só ela possui a doutrina divina; só ela possui santos, dos quais Deus se serve para operar milagres.

II. A POSSIBILIDADE DO MILAGRE

O milagre é possível; pois, para não ser possível, devia haver qualquer impedimento, seja da parte de *Deus*, seja da parte dos *homens*.

Da parte de Deus não há impedimentos, pois sendo Deus o autor de tudo o que existe e de tôdas

as leis que governam a matéria, pode, naturalmente, ou *derrogar* ou não *aplicar* estas leis.

Examinando êste fato, com sinceridade, nada de mais claro pode haver.

E' possível os médicos fazerem uma cura?

Fazem-na diàriamente... Curam, vez ou outra, tuberculosos, leprosos, cardíacos, etc...

Os médicos têm uma ciência e um poder muito limitados.

Se êles podem fazer tais curas, por que Deus não as poderia fazer?

O médico precisa de tempo e de remédios.

Ora, tempo e remédios são criados por Deus.

E' êle quem deu virtude curativa a tal ou tal planta.

O que o médico faz com o tempo e remédios, Deus pode fazê-lo sem tempo e sem remédios.

Eis o milagre. Deus faz num instante o que os homens fazem com tempo e com remédios. Cura repentinamente, e tal cura é um milagre.

Dirão talvez: Deus é imutável?

Perfeitamente, mas o milagre nada muda em Deus; muda apenas o curso de uma lei estabelecida por êle, e esta mudança fazia parte desta lei geral.

O milagre pode perturbar o mundo — dirão também.

Êle nada perturba, como uma exceção a uma regra de gramática não perturba a lei fundamental.

A exceção confirma a regra.

http://www.obrascatolicas.com

O milagre confirma a lei, à qual derroga acidentalmente.

III. CONCLUSÃO

Que é que prova o milagre?

Quando é feito em abono de uma doutrina, prova que tal doutrina é verdadeira, pois o milagre é a intervenção de Deus... é Deus quem age.

E Deus só pode aprovar e confirmar a verdade.

Êle é a verdade: *Ego sum veritas.*

Eis porque nenhuma seita religiosa — nenhuma — pode indicar um milagre em abono de sua doutrina.

Nunca um protestante fêz um milagre, nem alcançou de Deus o milagre. E assim com o espíritas, maçons, comunistas e outros revoltosos.

Só a Igreja Católica tem milagres... tem homens que fazem milagres... E Deus faz milagres contínuos em seu favor.

Examinem e verão que a Igreja é um milagre contínuo.

Eis a razão porque os inimigos da religião sustentam contra o milagre uma campanha contínua de calúnia e de ódio.

Êles compreendem que o *milagre* é o dedo de Deus... e que êste *dedo* só aparece na Igreja Católica.

Têm mêdo do milagre, porque têm mêdo de suas consequências.

IV. DOMINGO DEPOIS DA EPIFANIA
(Mat. 8, 23-27)

23. *Naquele tempo, subiu Jesus a uma barca, acompanhado dos seus discípulos.*

24. *E eis que se levantou no mar tão grande tempestade, que a barca ficou coberta pelas vagas; e, no entanto, Jesus dormia.*

25. *Então chegaram a Êle os seus discípulos, e acordaram-no, dizendo: Salvai-nos, Senhor, que perecemos!*

26. *Respondeu-lhes Jesus: Por que temeis, homens de pouca fé? E, erguendo-se, mandou aos ventos e ao mar, e seguiu-se logo uma grande bonança.*

27. *Os homens, porém, se admiravam, dizendo: Quem é êste que até o vento e o mar lhe obedecem?*

SALVAÇÃO SÒ NA IGREJA

Desde que existe, a Igreja foi comparada a uma *barquinha*, a barquinha de Pedro.

Aquêles que estão nesta barquinha navegam sob a proteção de Jesus Cristo, que parece dormir, às vêzes, deixando o cuidado de dirigir a barquinha a Pedro e seus companheiros, isto é, ao Papa e aos Bispos.

http://www.

Fora desta barquinha não há salvação, donde vem o axioma: *"Fora da Igreja não há salvação"*.

Examinemos um instante êste expressivo axioma, muito certo, mas bastantes vêzes mal entendido. Vejamos:

1. O SENTIDO dêste axioma.
2. AS CONSEQUÊNCIAS desta verdade.

I. O SENTIDO DESTA MÁXIMA

Esta máxima é a condensação de uma grande verdade, que quer dizer: *Aquêle que, por própria culpa, morre fora da Igreja, não pode esperar a salvação.*

E' aquêle que *morre* e não aquêle que *vive* fora da Igreja, que está sujeito a esta condenação, pois é da morte que depende a eternidade... embora, em regra geral, a morte dependa também da vida. *Sicut vita, mors ita.*

Por própria culpa: de fato, Deus não nos pode castigar por culpas que não temos cometido, e há, na heresia, no cisma, na infidelidade, almas sinceras, *de boa fé*, que, nunca,nem sequer suspeitaram que a sua seita pudesse estar no êrro; êstes, desde que praticam sinceramente a religião que professam, procurando agradar a Deus, podem salvar-se, como pertencentes à *alma* da Igreja.

A Igreja, de fato, é composta de duas categorias de membros:

a) Os que pertencem ao seu *corpo*, professando integralmente a fé da Igreja Católica.

b) Os que pertencem à sua *alma*, que é a boa fé, a prática da lei natural e as prescrições razoáveis da sua seita.

Os que não se podem salvar são aquêles que duvidam da sua seita, ou que suspeitam ou têm a certeza de que a verdade está com a Igreja Católica, mas que por qualquer interêsse, indiferença ou comodismo, recusam entrar nesta Igreja.

Apóstatas, renegados que já pertenceram à Igreja Católica, nunca poderão convencer-se a si mesmos que a Igreja não seja a única verdadeira.

Pastores protestantes de uma certa cultura, que necessàriamente deviam estudar a Religião, e com sinceridade deviam procurar a verdade, não se salvarão, porque é quase impossível que, na mixórdia das suas seitas, uma dúvida não se levante nêles, contra a tal seita, que sempre tem uma origem humana, enquanto a Religião deve vir de Deus.

II. AS CONSEQUÊNCIAS DESTA VERDADE

Podemos tirar duas consequências da máxima já citada e explicada:

1. Todos aquêles que de boa fé vivem fora da Igreja pertencem à sua *alma*, de modo que se podem salvar, sem contradizer ao princípio: Fora da Igreja não há salvação.

2. Embora para estas almas seja possível a

catolicas.com

salvação, entretanto é difícil, mais difícil do que para os católicos, por não terem elas à sua disposição as graças que nós temos e o auxílio dos sacramentos.

Não recebem a Divina Eucaristia, o pão dos fortes".

Não recebem a absolvição das suas faltas; só podem alcançar o perdão pela contrição perfeita.

Ora, se para nós católicos cercados de graças e benefícios divinos, a salvação é uma obra árdua, que exige lutas e sacrifícios, quanto mais difícil é para aquêles que encontram as mesmas lutas e não dispõem dos mesmos meios para triunfarem delas.

Pode-se dizer, pois, que para as almas de *boa fé* a salvação é possível, mas, desde que uma dúvida penetre o espírito dos separados da Igreja Católica são êstes obrigados a indagar da verdade, a estudar ou a perguntar a quem lhes possa dar a necessária explicação.

III. CONCLUSÃO

A conclusão é um sentimento de *gratidão* e de *compaixão*.

De *gratidão* pelo imenso benefício de termos nascido, sido educados na Religião verdadeira, de termos a convicção da veracidade desta Religião, e de praticá-la com sinceridade; estamos na barquinha de Pedro.

E' o bastante. A tempestade pode levantar-se; as ondas podem ameaçar submergir-nos: Jesus pode dormir. Pedro é o timoneiro, nomeado pelo Cristo; êle nos conduzirá ao pôrto.

Um sentimento de *compaixão* pelos pobres infelizes transviados, iludidos, vendidos, que vivem longe de Deus, longe da verdade, longe da luz, julgando talvez serem os possuidores exclusivos desta verdade e desta luz.

Compaixão maior ainda pelos desgraçados vendedores e compradores de almas, dêstes exploradores sinistros que, por orgulho, por interêsse ou por vício, semeiam o ódio contra a Igreja única, insultam o que ignoram e blasfemam o que deviam adorar.

Os primeiros, estando na *boa fé*, podem salvar-se, embora seja difícil.

Os segundos perder-se-ão miseràvelmente, pois, conhecendo a verdade, não tiveram a coragem de abraçá-la.

Oremos por êles... são tão infelizes!

---

http://www.obrascatolicas.com

V. DOMINGO DEPOIS DA EPIFANIA
(Mat. 13, 24-30)

24. *Naquele tempo, Jesus propôs ao povo a seguinte parábola: O reino dos céus é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo.*

25. *E enquanto os homens dormiam, veio o seu inimigo e semeou a cizânia no meio do trigo, e foi-se.*

26. *E tendo crescido a erva e dado fruto, apareceu também a cizânia.*

27. *E chegando os servos do pai de família, disseram-lhe: Senhor, porventura não semeaste tu boa semente no teu campo? Donde veio, pois, a cizânia?*

28. *E êle disse-lhes: Algum homem inimigo fêz isto. E os servos disseram-lhe: Queres que vamos e a arranquemos?*

29. *E respondeu-lhes: Não, para que talvez não suceda que, arrancando a cizânia, arranqueis juntamente com ela o trigo.*

30. *Deixai crescer uma e outra até à ceifa, e no tempo da ceifa, direis aos segadores: Colhei primeiramente a cizânia e atai-a em molhos para a queimarem: o trigo, porém, recolhei-o no meu celeiro.*

O INFERNO

Na parábola de hoje, o trigo é o símbolo dos justos; o jôio, a imagem dos réprobos.

Na ocasião da ceifa — isto é: no fim do mundo — enquanto o trigo é recolhido nos celeiros do Pai de família, o jôio é lançado ao fogo: predição certa, feita por Nosso Senhor, que os réprobos serão condenados ao fogo do inferno.

Meditemos hoje êste terrível assunto e examinemos:

1. A EXISTÊNCIA do inferno.
2. AS PENAS do inferno.

I. A EXISTÊNCIA DO INFERNO

Não é simplesmente por parábolas e comparações que Jesus Cristo afirma o inferno. Quatorze vêzes Êle confirma o dogma do inferno e das suas penas.

— Ai do mundo por causa dos escândalos!... Se a vossa mão ou o vosso pé vos escandalizam, cortai-os e lançai-os longe de vós: mais vale entrar no céu maneta ou coxo, do que ser lançado com duas mãos ou dois pés no *fogo eterno*. (Mat. 18, 7; 5, 29).

— Temei aquêle que pode precipitar a alma e o corpo no *inferno*. (Mat. 10, 28).

— O rico morreu também e foi sepultado no

http://www.[illegible].com

inferno... E, erguendo a voz, o mau rico disse: Estou atormentado nas *chamas*. (Luc. 16, 22).

— Então o Juiz dirá àqueles que estão à sua esquerda: Ide para longe de mim, malditos, para o *fogo eterno*, que foi preparado para o demônio e para os seus sequazes. (Mat. 25, 41).

— Então o rei disse aos seus criados (parábola da festa nupcial): Ligai-lhe as mãos e os pés, e lançai-o nas trevas exteriores; ali haverá chôro e *ranger de dentes*. (Mat. 22, 11).

— Aquêle que disser a seu irmão: insensato, será condenado *ao fogo do inferno*. (Mat. 5, 22).

— O Filho do homem enviará os seus anjos, e êles... arrancarão do seu reino todos os escandalosos e aquêles que cometem a iniquidade. E êles os lançarão na *fornalha de fogo*: ali haverá chôro e ranger de dentes. (Mat. 13, 41).

— E' melhor entrar na vida não tendo senão uma mão, do que ter duas e ir para o *inferno*, no fogo que nunca se apaga... ali o verme que os come não morre e o fogo não se apaga nunca. (Marc. 9, 42).

— Êle amontoará o seu trigo no celeiro e queimará a palha *no fogo* que nunca se apaga. (Palavras de S. João Batista: Mat. 3, 10).

— O animal e o falso profeta no fim do mundo, que tinham seduzido... foram lançados vivos no lago *cheio de fogo* e de enxofre, onde serão atormentados dia e noite, por todos os séculos dos séculos. E quem quer que não se achar inscrito no livro da vida, será lançado no *lago de fogo*. (Apoc. 19, 20).

Duvidar, pois, da existência do inferno é duvidar da palavra de Deus e ouvir a linguagem dos libertinos antes que a doutrina infalível da Igreja.

Os libertinos quereriam, com razão, para êles, que o inferno não existisse, mas *existe*, apesar das suas negações.

II. PENAS DO INFERNO

O inferno é o castigo do pecado mortal. Ora, pelo pecado o homem se afasta de Deus, volve-se para a criatura. A êstes dois caracteres da ofensa devem corresponder dois caracteres do castigo.

Por isso a pena do réprobo é dupla: a da *separação* de Deus, e a do *fogo*, ou pena dos sentidos.

A primeira é a mais cruciante.

O homem é criado para Deus, para gozar dÊle e encontrar na possessão do mesmo a sua felicidade. Rejeitado por Deus, amaldiçoado por Êle, separado dÊle para sempre, o infeliz compreende então tôda a extensão da sua desgraça.

O homem não pode viver sem qualquer satisfação. Na terra tinha o prazer do mundo, que lhe fazia esquecer-se de Deus. No inferno, nem Deus, nem o mundo: só o remorso e o desespêro.

A pena dos sentidos é o fogo horrível do inferno, que queima, que assa, ferve o infeliz, sem esperança de fim. E' um verme que não morre, diz

Nosso Senhor, um fogo que não se apaga. A natureza dêste fogo é a mesma que a do nosso fogo, embora muito mais intenso e penetrante.

O fogo da terra foi criado para o uso dos homens; o fogo do inferno para castigo dos rebeldes.

Deve-se acreditar que se trata de um *fogo real,* ainda que a Igreja não tenha definido rigorosamente a natureza dêle.

E' impossível que Nosso Senhor tenha escolhido o têrmo *fogo* como mero espantalho, com o fito único de afastar do pecado pelo terror. Êle diz 14 vêzes no Evangelho que é *fogo,* um fogo que arde, que queima, que atormenta e não se apaga.

E', pois, bem o fogo que atormentará os réprobos.

III. CONCLUSÃO

O inferno existe, é certo; e neste inferno as almas dos réprobos são horrìvelmente atormentadas, é certo também.

A conclusão é que devemos evitar, custe o que custar, cairmos neste abismo, neste *tanque de fogo e de enxofre,* como o chama São João.

O inferno é um castigo.

Ora, só o culpado merece castigo.

Êstes culpados são os homens que cometem pecado mortal, desobedecendo à lei de Deus e da Igreja.

Sejamos bons católicos, não só de nome, mas

sim de *prática,* evitando o que Deus proibe e fazendo o que Êle ordena.

Conheçamos os mandamentos da Lei divina, impostos por Deus, ou pela Igreja de Deus.

Basta seguir esta lei, e teremos a certeza de não cair neste tanque de fogo — o inferno.

Não esperemos pela última hora: seria expor-nos a uma ilusão irremediável. Vivendo bem, temos a certeza de morrer bem; vivendo mal, estamos extremamente expostos a morrer mal e a perder a nossa alma.

Fujamos de todo pecado mortal, pois o pecado é a corda com que o demônio nos arrasta para o inferno.

http://www.obrascatolicas.com

VI. DOMINGO DEPOIS DA EPIFANIA
(Mat. 13, 31-35)

31. *Naquele tempo, propôs-lhes Jesus esta parábola, dizendo: O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo.*

32. *O qual é, na verdade, a mais pequena de tôdas as sementes: mas depois de ter crescido, é maior que tôdas as hortaliças, e faz-se árvore, de sorte que as aves do céu vêem repousar sôbre os seus ramos.*

33. *Disse-lhes outra parábola: O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher toma e mistura em três medidas de farinha, até que o todo fica fermentado.*

34. *Tôdas estas coisas disse Jesus ao povo em parábolas: e não lhes falava sem parábolas:*

35. *A fim de que se cumprisse o que estava anunciado pelo profeta, que disse: Abrirei em parábolas a minha bôca, revelarei coisas que têm estado escondidas desde a criação do mundo.*

A CONVERSÃO DO MUNDO

Nada mais extraordinário que a difusão extraordinária, deve-se dizer: milagrosa, do Cristianismo.

No primeiro século, Plínio, o Jovem, escreve já que "estava sendo professado por um grande número de pessoas de tôda a idade e condição, nas cidades como nos campos.

Um século depois, Tertuliano exclama: "Nós somos apenas de ontem, e já povoamos vossas cidades, vossas casas, vossas fortalezas, vossos campos e vossos tribunais... só vos deixamos os templos; e se nos retirássemos à nossa solidão, vos faríamos tremer".

Três séculos mais tarde, o cristianismo encheu o mundo.

Tal propagação é um milagre que prova a divindade da Religião Cristã, e êste milagre torna-se mais refulgente quando se verifica:

1. Que tal conversão foi PREDITA por Nosso Senhor.
2. Que foi uma TRANSFORMAÇÃO da sociedade.

Examinemos êste duplo argumento.

I. A CONVERSÃO PREDITA

Sob o veu da parábola, vemos Nosso Senhor, no Evangelho de hoje, anunciar o maravilhoso crescimento da Igreja.

Em outras passagens Êle já havia profetizado com expansão universal:

"Quando eu fôr levantado acima da terra, atrairei tudo a mim". (Jo. 12, 32).

Êle declara positivamente que exige esta expansão no mundo inteiro: *"Ide no mundo inteiro, ensinai a tôdas as nações... batizando-as... e ensinando-lhes tudo o que eu prescrevi"*. (Mat. 28, 20).

Um homem sem missão não pode profetizar nem impôr tal coisa: é moralmente impossível.

Ora, Jesus Cristo o profetizou, o impôs e a sua vontade foi realizada.

Logo, Deus o inspirou e a sua palavra e doutrina são certas, e como Êle se disse Deus, deve-se admitir que é realmente Deus.

Deve-se ajuntar ainda que, para conseguir tal resultado, Jesus Cristo não usou nem do poder, nem do ouro, nem dos talentos.

E' o contrário... os seus Apóstolos foram perseguidos pelos potentados da terra... viviam na mais completa pobreza... e eram homens destituídos de grandes talentos.

Apesar disso, em vez de naufragar pela falta de valimentos humanos, a Igreja triunfa em tôda parte, pelo que devia perdê-la.

Êste triunfo não é, pois, humano; é divino... e esta Igreja é obra de Deus.

I. A TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE

A propagação do cristianismo não se fêz simplesmente pelo *número*, levando os povos ao pé da

cruz do Salvador; há, aí, um duplo milagre: o da quantidade e o da *qualidade*.

E' o que exprime as duas parábolas de hoje: o grão de mostarda que cresce e se torna uma grande árvore; é a Igreja que cresce e se difunde.

O fermento que penetra a massa de farinha, leveda-a e a melhora, é a doutrina da Igreja, que penetra e transforma as almas.

E' essa *transformação*, sobretudo, que constitui o milagre da conversão do mundo.

Quando alguém abraça o verdadeiro cristianismo, não muda simplesmente de rótulo, êle muda interiormente de vida, de disposições, de aspirações: êle faz penetrar em sua alma: o amor de Deus e do próximo, a justiça, o espírito de sacrifício.

Ora, idéias humanas são incapazes de mudar o espírito humano... é preciso que uma luz divina penetre no espírito, que uma fôrça divina estimule a vontade, que uma chama divina penetre no coração.

Tal transformação é, pois, uma obra divina, provém de uma autoridade divina.

III. CONCLUSÃO

A conversão do mundo é, pois, um argumento irrefutável em defesa da divindade da Religião Cristã; as seitas cristãs, hoje separadas da Igreja Mãe, não possuem mais êste poder de transformação que continua a ser a privilégio exclusivo da Igreja Católica.

https://www.obrascatolicas.com

As seitas religiosas, separadas da Igreja de Roma, estão hoje em plena decadência; nada produzem em benefício das almas; geraram, ao contrário, a indiferença, o ateísmo, o comunismo, o espiritismo, a maçonaria; enquanto a Igreja única, a Igreja Católica, continua a sua trajetória civilizadora, transformadora, semeando em tôda a parte o amor de Deus e do próximo, a paz, a união, a felicidade.

Amemos, pois, a Santa Igreja, e sejamos sempre seus filhos dedicados e amorosos; sejamos um *galho* desta árvore frondosa, na qual as aves do céu querem fixar os seus ninhos.

DOMINGO DA SETUAGÉSIMA
(Mat. 20, 1-16)

1. *Naquele tempo, disse Jesus esta parábola aos seus discípulos: O reino dos céus é semelhante a um pai de família que, ao romper do dia saiu a contratar trabalhadores para a sua vinha.*

2. *E feito com êles o ajuste de um dinheiro por dia, mandou-os para a sua vinha.*

3. *E saindo à hora terceira, viu outros, que estavam na praça ociosos.*

4. *E disse-lhes: Ide vós também para a minha vinha, e vos darei o que fôr justo.*

5. *E êles foram. Saiu novamente perto da sexta e da nona hora, e fêz o mesmo.*

6. *E quase à undécima hora saiu ainda, e achou outros mais que lá estavam, e lhes disse: Por que estais vós aqui todo o dia sem fazer nada?*

7. *Responderam-lhe: E' que ninguém nos assalariou. Disse-lhes êle: Ide vós também para a minha vinha.*

8. *No fim da tarde, porém, disse o senhor da vinha ao seu feitor: Vai chamar os operários e paga-lhes o salário a começar dos últimos até aos primeiros.*

http://www.obrascatolicas.com

9. *Aproximando-se, pois, os que tinham vindo quase à undécima hora, recebeu cada qual um dinheiro.*

10. *E, chegando os que haviam sido os primeiros, calculavam que haviam de receber mais; mas não receberam senão um dinheiro cada qual.*

11. *E, recebendo-o, murmuravam contra o pai de família, dizendo:*

12. *Êstes últimos não trabalharam senão uma hora, e os igualaste a nós, que suportamos o pêso do dia e o calor.*

13. *Êle, porém, dirigindo-se a um da turma, disse: Amigo, não te faço injustiça alguma; porventura não concordaste comigo em um dinheiro?*

14. *Toma, pois, o que te pertence e vai-te; que eu por minha parte quero dar também a êste último tanto quanto a ti.*

15. *Ou não me é lícito fazer o que é da minha vontade? Acaso o teu olhar é mau porque eu sou bom?*

16. *Assim é que os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos; porque muitos são os chamados e poucos os escolhidos.*

ELEITOS E REPROVADOS

Muitos são os chamados e poucos os escolhidos, disse o divino Mestre. Êste texto tem excitado inúmeras controvérsias entre os comentadores do Evangelho.

Jesus Cristo nos avisa que os *eleitos* serão em

pequeno número, em comparação com o número dos réprobos.

Muitos rejeitam tal interpretação como sendo de um rigorismo excessivo.

Sem querer decidir a questão, indiquemos aqui o mais claramente possível:

1. O ENSINO de Jesus Cristo.
2. O SENTIDO certo dêste texto.

I. O ENSINO DE JESUS CRISTO

Certos livros traduzem esta passagem: "*Muitos são os chamados, mas poucos são os salvos*".

Tal tradução não exprime bem o pensamento de Nosso Senhor: "*Multi enim sunt vocati, pauci vero electi*".

Para compreender bem o sentido dêste texto, é preciso não perder de vista a própria parábola e o fim que Jesus Cristo propõe.

Tal sentença é a conclusão, a *moral* da parábola; logo, deve ter com ela uma ligação estreita, e brotar dela como o rio brota de sua fonte.

Suponhamos que, usando os têrmos de que usam os fabulistas, Jesus Cristo tivesse dito: Esta parábola mostra que, se muitos são os chamados ao céu, há entretanto poucos que aí chegam; tal *moral* não teria nenhuma ligação com a parábola.

Que nos mostra a parábola do Salvador?

Muitos operários chamados ao trabalho; uns trabalhando muito, outros menos, outros, enfim,

catolicas.com

quase nada; e, notêmo-lo bem: *todos receberam a sua recompensa;* todos recebem o seu salário, que representa o céu.

Que o número dos eleitos seja reduzido!... infelizmente, é preciso admití-lo; há outras passagens que o indicam, porém a presente parábola não o prova.

II. O SENTIDO DÊSTE TEXTO

Qual é, pois, o sentido exato desta sentença do Salvador?

Ela se dirige a todos os que trabalham durante o dia: uns *muito,* outros *menos,* outros *pouco;* mas todos trabalham para a salvação da sua alma.

Todos, entretanto, não têm direito a uma recompensa de *elite. Elite,* vem de *eleito, electus.*

Chama-se *elite,* ou eleito, aquêle que faz mais do que é seu dever.

Ora, os operários da *primeira hora* fazem sòmente *o seu dever,* servindo a Deus o dia inteiro, ou a vida inteira. Êste título lhes dá direito à recompensa do céu, porém, não como *elite;* serão santos, mas não serão, por isso, *santos da elite,* santos eleitos, escolhidos.

Outros trabalharam apenas umas horas, porque foram chamados na última hora.

Trabalharam menos tempo, mas talvez com mais coragem, mais energia, mais dedicação; e, no fim do dia, receberam tanto como os primeiros.

Deus olha menos para a quantidade do que para a *qualidade.*

A causa mais eficiente do *mérito* é o amor.

Quem ama muito a Deus, merece muito em pouco tempo; quem o ama menos, merece menos, até em mais tempo.

Assim entendido, podia-se tirar a seguinte conclusão desta parábola: Muitos são os chamados ao céu, porém, entre êstes muitos, poucos são escolhidos para ocupar um lugar de elite, de destaque, de honra.

O que é prático para nós, não é conhecer o *numero* dos eleitos, mas sim *se nós* somos dêste *número.*

III. CONCLUSÃO

Pode o número de *eleitos* ser pequeno, muito pequeno; mas nós seremos dêste número, se morrermos na graça de Deus.

Pode êste número de eleitos ser muito grande; não faremos parte dêle se morrermos em pecado mortal.

A salvação depende da morte, mas a morte depende da vida.

Não esperemos a última hora, porque não é certo que Deus nos venha chamar nesta última hora.

E, não nos chamando, não trabalharemos, e não trabalhando para a nossa salvação, perderemos a nossa alma.

A salvação não depende sòmente de nós.

bibliotecasbrasoatolicas

Ela depende também e sobretudo de Deus: "Não sois vós que me escolhestes, disse Jesus aos Apóstolos, mas fui eu que escolhi a vós". (Jo. 15,16).

Jesus Cristo deve chamar-nos; e nós devemos obedecer a êste chamamento.

Aproveitemos, pois, a ocasião e, ouvindo a sua voz que nos convida a trabalharmos em nossa salvação, ponhamos logo mãos à obra, para que mesmo chegando já tarde, possamos suprir em *intensidade* o que falta em *tempo*.

Então: os últimos serão os primeiros!

E nós seremos dêste número.

DOMINGO DA SEXAGÉSIMA
(Luc. 8, 4-15)

4. *Naquele tempo, como o povo se reunisse em multidão, e das cidades afluissem para Jesus, disse-lhes Êle em parábola:*

5. *Saiu um homem a semear a sua semente: e enquanto a semeava, uma parte caiu à beira do caminho, e foi calcada aos pés, e as aves do céu a comeram.*

6. *Outra caiu em terreno pedregoso, e havendo nascido, secou, por falta de humidade.*

7. *Outra caiu entre espinhos, e logo os espinhos, crescendo juntamente com ela, a abafaram.*

8. *Outra caiu em terra boa e, depois de nascer, deu fruto cento por um. Dito isto, exclamou: Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!*

9. *Então, os seus discípulos lhe perguntaram o que queria dizer aquela parábola.*

10. *E Êle lhes respondeu: A vós foi dado conhecer os mistérios do reino de Deus, enquanto aos outros se fala em parábolas para que, vendo, não vejam, e, ouvindo, não compreendam.*

11. *E', pois, êste o sentido da parábola: A semente é a palavra de Deus.*

12. *Os que estão à beira do caminho são aquêles que escutam a palavra; mas logo vem o diabo e lha tira do coração, para que não creiam nem se salvem.*

13. *Quanto aos que estão em torrão pedregoso, são aquêles que recebem com gôsto a palavra, quando a ouvem; mas, como não têm raízes, crêem por algum tempo, e, na hora da tentação, desfalecem.*

14. *A semente que caiu entre espinhos são os que ouviram a palavra; mas indo-se daí a abafam nos cuidados, nas riquezas e prazeres da vida, e não dão fruto.*

15. *Mas a que caiu em terra boa, êsses são os que, ouvindo a palavra com bom e ótimo coração, a conservam e produzem fruto pela paciência.*

A IGREJA CATÓLICA

O Salvador emprega diversas vêzes a comparação de semeador e de semente, para exprimir a verdade que deve ser espalhada, acolhida, e produzir frutos.

A semente é a palavra de Deus. (Luc. 8, 11).

O semeador é Jesus Cristo. (Mat. 13, 37).

O campo é o mundo, o mundo inteiro, pois Deus quer que a sua palavra seja conhecida por todos.

Usando destas comparações, Jesus Cristo mostra que a sua Igreja deve ser *universal,* isto é, espalhada no mundo inteiro, pois, sendo ela a semeadora divina, é preciso que ela exista no mundo inteiro, que é o campo de semeação.

Universal quer dizer *católica,* que é a sua tradução grega.

A universalidade ou *catolicidade* é uma das marcas que Jesus Cristo deu à Igreja verdadeira, para distinguí-la das seitas faltas.

Vejamos como:

1. Só a IGREJA ROMANA é universal, ou católica.
2. AS SEITAS PROTESTANTES não possuem esta marca.

I. A IGREJA ROMANA E' UNIVERSAL

A Igreja Romana realiza tão perfeitamente esta marca, que o seu nome próprio entre as nações é: *Igreja Católica* ou universal.

Ela é universal, por *tendência,* por *direito* e de *fato.*

A Igreja é essencialmente conquistadora, e desde que um país é acessível, ali penetram os seus missionários conforme a palavra do Mestre: *Ide pelo mundo inteiro, ensinai a tôdas as nações.*

Êste caráter existe desde o cenáculo. Neste tempo, os Apóstolos não podiam ainda ir ao mundo inteiro; por isso, Deus mandou que o mundo fôsse ter com êles, como faz notar o Evangelho: *Havia ali povos de tôdas as nações que estão debaixo do firmamento.*

E' a todos êles que S. Pedro, o primeiro Papa, dirige o seu primeiro sermão católico, e todos o

http://www.obrascatolicas.com

compreendiam, apesar da diversidade da sua linguagem.

Depois os Apóstolos se espalharam no mundo inteiro, e em tôda a parte anunciaram o Evangelho.

A universalidade é, pois, uma *tendência* essencial da Igreja; é também o seu *direito*.

E' seu direito, porque nada há em sua doutrina, em sua moral, em seu culto, que se oponha a esta universalidade.

As seitas protestantes e outras são nacionais ou regionais: são particulares por direito, assim como a Igreja Católica é universal por direito.

E esta universalidade é *um fato*. Basta comparar as seitas religiosas, o protestantismo sobretudo, à Igreja Católica, para verificar a imensa superioridade desta última, em território, em número, em valor, em virtude e em obras.

II. O PROTESTANTISMO NÃO E' UNIVERSAL

Os próprios protestantes confessam esta verdade, rejeitando o título de *católico* e declarando-se separados do *catolicismo*.

Aliás, se pretendessem êste título, seria fácil desmascarar a sua mentira.

Pode-se somar o número de seus adeptos; não se pode comparar ao catolicismo. E notemos que, embora todos êles sejam *protestantes* contra a Igreja

Católica, são também *protestantes* uns contra os outros.

O batista protesta contra o metodista.
O metodista protesta contra o evangelista.
O evangelista protesta contra o presbiteriano.
O sabatista protesta contra a adventista.
O adventista protesta contra o calvinista.

E assim por diante. São protestantes, e protestam contra tudo. O protestantismo conta hoje um sem número de seitas diferentes, conhecidas e contadas. São muito mais, pois cada protestante interpreta a Bíblia como entende e, pelo fato, cada um tem uma religião própria.

Todos êles se unem contra a Igreja Católica porque, separados desta Igreja verdadeira, cada um constitui *um êrro*, e os erros unem-se para combater a única verdade. E' lógico... E' natural. *A saúde* é uma só, e tôdas as *moléstias* combatem esta saúde.

O protestantismo não passa de moléstia.

O protestantismo, como o ateísmo, o indiferentismo, a libertinagem, a ladroeira, o assassínio, a bebedice, estão espalhados no mundo inteiro, porém, do mesmo modo que não há dois libertinos ou dois assassinos que professam a mesma crença, embora pertençam à mesma categoria, assim também os *protestantes* de nome e de vida, não combinam, nem partilham a mesma fé: são desunidos... são unidades separadas, apenas ligadas pelo nome.

Pobres e infelizes protestantes! Se tivessem me-

http://www.obrascatolicas.com

nos fé em si, e mais fé em Deus, êles notariam o êrro.

III. CONCLUSÃO

Jesus Cristo quer que a semente da palavra divina seja espalhada no mundo inteiro, para que, pela prática desta palavra, o mundo se salve.

Nós, católicos, temos recebido a graça imensa de nascermos na Igreja verdadeira, de professarmos a sua doutrina; sejamos gratos por êste benefício.

Há no mundo tantas almas privadas da verdade, que nunca a conheceram, que a perderam ou deixaram roubar pelos miseráveis exploradores, que fazem da perda das almas um meio de vida e de subsistência. Oh! oremos por elas, peçamos a Deus que se compadeça das vítimas dos pastores protestantes, dos médiuns, da maçonaria, do comunismo, etc.

Amemos a nossa Santa Religião, pratiquêmo-la com fervor e, para isso, procuremos conhecê-la tal qual ela é, e não como a representam as objeções tolas, e as calúnias perversas das seitas adversas.

Conhecer, amar e *praticar* a sua religião é o dever de todo católico, senão a semente divina, lançada em sua alma, morre sufocada e não produz os frutos que deve produzir para a salvação.

DOMINGO DA QUINQUAGÉSIMA
(Luc. 18, 31-43)

31. *Naquele tempo, tomou Jesus à parte os doze e lhes disse: Eis que vamos a Jerusalém, e cumprir-se-á tudo o que foi escrito pelos profetas sôbre o Filho do Homem.*

32. *Porquanto, será entregue aos gentios, escarnecido, açoitado e cuspido.*

33. *E, depois de o terem açoitado, matá-lo-ão; e ressuscitará ao terceiro dia.*

34. *Mas os Apóstolos nada disto compreendiam, e era-lhes obscura esta linguagem e não entendiam o que se lhes dizia.*

35. *Ora, aconteceu que, quando Jesus ia chegando a Jerusalém, um cego estava sentado à beira do caminho, pedindo esmola.*

36. *E, ouvindo o tropel da gente que passava, perguntou o que era aquilo.*

37. *Disseram-lhe que era Jesus de Nazaré que passava.*

38. *E logo êle se pôs a clamar: Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim!*

39. *Parando, então, Jesus mandou que lho trouxessem.*

http://www.obrascatolicas.com

40. *E, havendo chegado, interrogou-o, dizendo: Que queres que eu te faça?*

41. *E respondeu: Senhor, que eu veja.*

42. *E Jesus lhe disse: Pois fica vendo, a tua fé te salvou.*

43. *E imediatamente ficou vendo, e o seguiu, glorificando a Deus. E todo o povo que isto viu, deu louvores a Deus.*

OS MISTÉRIOS

O evangelista diz dos Apóstolos: *Nada disto compreenderam e era-lhes obscura esta linguagem, e não entendiam o que se lhes dizia.*

Eis uma tríplice afirmação que parece uma simples repetição, mas que contém a doutrina do *mistério.*

Não *compreendiam* — era-lhes *obscura* — não *entendiam.*

Na Religião há coisas incompreensíveis — há outras obscuras — há outras que não se entendem — isto é, dito em outros têrmos, na Religião há mistérios.

Lancemos um raio de luz sôbre estas expressões, mostrando:

1. A RAZÃO DE SER dos mistérios.
2. A razão porque DEUS OS REVELOU.

I. A SUA RAZÃO DE SER

Deve haver mistérios numa Religião divina.

Uma religião sem mistérios seria uma religião humana.

Se Deus não compreendesse nada mais do que nós, seria uma prova que não é maior do que nós, logo que é como um de nós, não é Deus.

A nossa inteligência é pequenina, limitadíssima; a de Deus é infinita.

E', pois, natural que esta inteligência infinita compreenda muitas coisas que nós não podemos compreender.

E tais coisas incompreensíveis para nós são os *mistérios.*

São verdades *acima* de nossa inteligência, ultrapassando o nosso espírito, que são compreendidas por Deus e ficam incompreensíveis para nós.

Neste mundo, nas ciências profanas, há três espécies de verdades:

1. *As compreensíveis para todos.* — Todos compreendem, por exemplo, que não há efeito sem causa.

2. *As incompreensíveis para uns.* — As pessoas de estudo compreendam muitas verdades que ficam mistérios para os que não estudaram. Quem estudou geometria compreende logo a proposição seguinte: a soma dos ângulos de um triângulo é igual a dois ângulos retos.

Para quem nunca estudou geometria, tal proposição é misteriosa.

3. *As incompreensíveis para todos.* — Há milhares de fatos, cujos princípios nos escapam com-

http://www.obrascatolicas.com

pletamente. São mistérios para todos. A' medida que a ciência se estende, em vez de resolver, ela multiplica os mistérios.

Passando do profano ao sagrado, encontramos a mesma divisão. Há verdades claras, há verdades obscuras, há verdades incompreensíveis, ou *mistérios*.

Deus é infinito e nós somos limitados.
Compreender é conter em si uma verdade.
Ora, o finito não pode conter o infinito.
Logo, deve haver coisas incompreensíveis ou *mistérios*.

II. POR QUE DEUS NOS REVELA OS MISTÉRIOS?

E' uma objeção dos incrédulos. Por que revelar ao homem verdades que êle não pode compreender?

Por que?

Porque se não compreendemos o *como* do mistério, compreendemos a verdade que revela.

Não compreendemos a eletricidade, mas a iluminação e a fôrça que nos proporciona esta eletricidade são compreendidas e utilizadas.

Assinalemos apenas três razões de tal revelação:

1. Os mistérios *aumentam* os nossos conhecimentos. De fato, se não compreendemos, *sabemos*, e isto é o **mais importante.**

2. *Os mistérios* ativam a nossa fé. Acreditamos nas palavras dos homens; por que não acreditaríamos na palavra de Deus?

Em acreditar no que se compreende não há mérito; mas em acreditar o que não se compreende, presta-se homenagem à veracidade daquele que fala.

3. *Os mistérios são um testemunho de amor.*

Os mistérios são os segredos de Deus. Ora, escondem-se os segredos aos estranhos, mas comunicam-se aos amigos. E', pois, uma prova de amizade que Deus nos dá.

Êle nos diz como aos Apóstolos:

Já vos não chamarei servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo aquilo que ouvi de meu Pai. (Jo. 11, 15).

III. CONCLUSÃO

A presença de mistérios numa religião, em vez de ser uma objeção, é uma prova da divindade desta religião.

Só Deus pode estabelecer mistérios.

Entre os homens não há nenhum que possa compreender uma verdade que outro não possa compreender também.

Uns compreendem com mais facilidade, outros

http://www.obrascatolicas.com

com menos; porém com trabalho, estudo e perseverança, o que era misterioso no começo, é compreendido, porque a mesma penetração e agudez podem sempre nivelar-se.

Só Deus pode dizer: eis um mistério e nunca o homem o penetrará.

E' o dedo, é o carimbo de Deus.

As seitas religiosas, falsas, inventadas pelos homens, não possuem mistérios; só a Religião Católica, Apostólica, Romana, por ser a única divina, possui mistérios. E' o sêlo divino, aposto sôbre ela pelo próprio Deus.

Diante dêstes mistérios, o homem deve inclinar-se humildemente e dizer: Creio, Senhor, porque vós sois infinitamente grande, e eu infinitamente pequeno diante de vós. Creio porque vós o disseste, e a vossa palavra merece tôda fé... nos dá plena segurança da verdade revelada, por obscura ou incompreensível que me pareça.

I. DOMINGO DA QUARESMA
(Mat. 4, 1-11)

1. *Naquele tempo, Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo demônio.*

2. *E tendo jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome.*

3. *E aproximando-se (dÊle) o tentador, disse-lhe: Se és Filho de Deus, dize que estas pedras se convertam em pães.*

4. *Êle, porém, respondendo-lhe, disse: Não só de pão vive o homem, mas de tôda a palavra que sai da bôca de Deus.*

5. *Então o demônio o transportou à cidade santa e o pôs sôbre o pináculo do templo, e lhe disse:*

6. *Se és Filho de Deus, lança-te daqui abaixo, Porque está escrito: Confiou aos seus anjos o cuidado de ti, e êles te tomarão nas mãos, para que não tropeces com o teu pé na pedra.*

7. *Jesus disse-lhe: Também está escrito: Não tentarás ao Senhor teu Deus.*

8. *De novo o demônio o transportou a um monte muito alto: e lhe mostrou todos os reinos do mundo e a sua magnificência e lhe disse:*

9. *Tudo isso te darei, se prostrado me adorares.*

http://www.obrascatolicas.com

10. *Então Jesus disse-lhe: Vai-te, Satanás, porque está escrito: O Senhor teu Deus adorarás, e a Êle só servirás.*

11. *Então o demônio o deixou: e eis que os anjos se aproximaram e o serviram.*

OS BONS ANJOS

O Evangelho de hoje nos mostra anjos maus e anjos bons. Os primeiros tentaram o Salvador, os segundos o serviram.

Consideremos hoje os anjos *bons;* no III domingo da quaresma teremos ocasião de tratar dos *maus.*

Vejamos:

1. A EXISTÊNCIA dos anjos.
2. As suas FUNÇÕES.

I. A EXISTÊNCIA DOS ANJOS

Os anjos são criaturas inteligentes, são espíritos, porém espíritos que não são unidos a um corpo, como as nossas almas. São simplesmente *espíritos,* ou espíritos puros.

A existência dos anjos é uma verdade de fé.

A Bíblia, a cada página fala dêles; de modo que negar a existência dêles seria negar a veracidade da Bíblia.

Mas se a Bíblia não nos revelasse a existência

dos anjos, o nosso espírito a descobriria como que naturalmente.

Na criação há uma gradação perfeita.

Em baixo: o reino *mineral* (sem vida).

Mais alto: o reino *vegetal* (vida vegetativa).

Mais alto ainda: o reino *animal* (vida sensitiva).

Sempre mais alto: o reino *humano* (vida intelectual).

O homem está, pois, no cume do mundo visível, porém, a sua alma pertence ao reino invisível, espiritual.

Por que parar aqui? Por que a escala pára aqui, bruscamente, no homem?

Deus não pertence a nenhum reino: Êle é o Criador, os reinos são obras de suas mãos.

O homem tem uma parte material, (o corpo) e uma parte espiritual, (a alma); a matéria pura existe; o espiritual puro deve existir também. A pedra é um ser puro material, deve haver também um ser puro espiritual e não sendo êste ser o homem, deve haver outro acima do homem.

Deve haver, acima do homem e abaixo de Deus, um ser que nada tenha de matéria e nada de Deus, que seja puro espírito criado, como Deus é o puro espírito criador; tal ser existe e chama-se: anjo.

O anjo é uma criatura como nós, mas uma criatura pura e exclusivamente espiritual.

Deus criou os anjos bons, elevando-os à ordem

http://www.obrascatolicas.com

sobrenatural, vendo a Deus e gozando da felicidade eterna.

Houve uma revolta no céu. Os anjos revoltosos foram lançados no inferno, tornando-se demônios, ou anjos maus; os bons ficaram no céu e foram confirmados em graça: são os anjos bons.

II. AS FUNÇÕES DOS ANJOS

Estas funções resumem-se em *louvar* a Deus e *executar* as suas ordens.

A Bíblia nos mostra os anjos no céu cantando os louvores de Deus, e nos mostra outros em missão aqui na terra.

E' desta missão que êstes que conhecemos receberam o seu nome.

Entre os *enviados* por Deus, tendo uma missão a cumprir na terra há:

Gabriel, o anjo da Incarnação.
Miguel, o vencedor de Lúcifer.
Rafael, o companheiro de Tobias.

Gabriel, quer dizer, em hebraico: *fôrça de Deus;* Miguel: *quem é como Deus;* e Rafael: *remédio de Deus.*

Os anjos continuam esta missão divina de proteger os homens. Cada homem tem o seu anjo da guarda, encarregado por Deus de tomar conta dêle; e a tradição nos ensina que certos anjos são prepostos à guarda das nações, das cidades, das igrejas, e de um modo particular de cada tabernáculo onde é conservada a Santa Eucaristia.

Vemos no mesmo Evangelho que *os anjos se aproximaram de Jesus e o serviram.*

Cada um de nós possui o seu anjo da guarda, que o acompanha de dia e de noite, que o protege ou defende contra os perigos e ciladas do demônio e que afasta dêle tudo que pode ser prejudicial à salvação da sua alma.

III. CONCLUSÃO

Tendo um anjo da guarda que vela sôbre nós, que nos protege e nos ajuda, compreende-se que temos certos deveres a cumprir para com êle.

Êstes deveres resumem-se nestes três: o *respeito,* a *confiança* e a *gratidão.*

Respeito. O anjo da guarda está encarregado, por Deus, de velar sôbre nós, entretanto, êle não é nosso criado, é nosso superior, pois é um puro espírito; como tal a sua presença deve ser sempre respeitada.

Confiança. O anjo não é simplesmente um *fiscal;* é um *auxiliar,* um amigo, o embaixador de Deus perto de nós. Devemos, pois, depôr nêle inteira confiança; êle quer a glória de Deus e o nosso bem, sem interêsse pessoal.

Gratidão. Nós somos ingratos por natureza. Gostamos de receber e não sabemos agradecer.

De quantos perigos nos tem livrado o nosso

http://www.obrascatolicas.com

anjo, e quão pouco nós nos lembramos dêle! Êle é, como o é o próprio Deus que representa: o grande desconhecido.

Saibamos agradecer-lhe os benefícios, e esta gratidão da nossa parte aumentará a sua solicitude, vigilância e carinho para conosco.

II. DOMINGO DA QUARESMA
(Mat. 17, 1-9)

1. *Naquele tempo, tomou Jesus consigo Pedro e Tiago e João, seu irmão, e levou-os à parte a um alto monte:*

2. *E transfigurou-se diante dêles. E o seu rosto ficou refulgente como o sol: e as suas vestiduras tornaram-se brancas como a neve.*

3. *E eis que lhes apareceram Moisés e Elias falando com Êle.*

4. *E Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: Senhor, bom é nós estarmos aqui; se queres, façamos aqui três tabernáculos: um para ti, um para Moisés, e um para Elias.*

5. *Estando êle ainda a falar, eis que uma nuvem resplandecente os envolveu. E eis que (saiu) da nuvem uma voz que dizia: Êste é o meu Filho dileto, em quem pus tôda a minha complacência: ouvi-o.*

6. *E ouvindo isto, os discípulos caíram de bruços, e tiveram grande mêdo.*

7. *Jesus, porém, aproximou-se dêles, e tocou-os, e disse-lhes: Levantai-vos e não temais.*

8. *Êles então, levantando os olhos, não viram ninguém, exceto Jesus.*

http://www.obrascatolicas.com

9. *E quando desciam do monte, Jesus ordenou-lhes dizendo: Não digais a ninguém o que vistes até que o Filho do Homem ressuscite dos mortos.*

O DOGMA E A MORAL

Na ocasião da transfiguração do Salvador, uma nuvem luminosa estendeu-se sôbre a sua cabeça, e desta nuvem, que simboliza o Pai Eterno, saiu uma voz que disse: *Êste é o meu Filho amado, no qual tenho posto a minha complacência: escutai-o.*

Escutar Jesus: é o grande dever de todos os homens.

Escutá-lo, para conhecer, compreender e amar esta bela e sublime doutrina que sai de seus lábios divinos.

Escutar: estas duas verdades que formam o conjunto de tôda Religião, que vamos examinar hoje.

1. O DOGMA, que ensina o que devemos crer.
2. A MORAL, que nos prescreve o que devemos fazer.

I. O DOGMA CATÓLICO

O dogma dá a resposta completa e nítida às perguntas que todo homem faz instintivamente:

Que sou eu?
Donde venho?
Para onde vou?

Como base de tudo figura a existência de Deus, Criador do mundo e dos homens.

O homem vem de Deus; êle é, pois, uma criatura dependente de Deus.

O que é êle?

Um composto substancial de uma alma espiritual e de um corpo material.

Deus cria a alma para cada um, no momento em que os pais fornecem a parte material — o corpo.

O homem reúne, dêste modo, em sua *pessoa*, o mundo visível e o invisível.

Para onde vai êle?

O homem tem um destino sem fim, cuja condição feliz ou infeliz será determinada pelos seus méritos ou deméritos, pois a sua alma é livre: está obrigada a cumprir o seu dever, é responsável e imortal.

O homem não faz só esta marcha para a eternidade, mas permanece sob a direção da Providência divina.

Deus não abandona os sêres criados por êle.

A êstes ensinamentos que a simples razão pode encobrir, a Religião junta outros revelados por Deus.

Deus, *um* em sua natureza; *trino* em suas Pessoas.

O homem, elevado por Deus a uma *ordem sobrenatural*, a graça, donde decaiu pelo pecado original.

http://www.obrascatolicas.com

A humanidade estava, pois, em estado de decadência.

Pela *Redenção*, o Filho de Deus veio levantar a humanidade.

Para isso, *incarnou-se*, para merecer a salvação dos homens, no seio da *Virgem Maria*.

Êle se fêz o Legislador dos homens; fundou a *Religião* nova e definitiva, com a *Igreja*, à qual encarregou de *conservar* e de *explicar* esta Religião, de administrar os *sacramentos*, como canais das graças que quer transmitir a seus filhos.

Tal é o sumário do dogma que devemos crer.

II. A MORAL CATÓLICA

E' a parte prática da Religião... é o caminho a trilhar.

São os obstáculos a evitar; são os meios a empregar.

A moral católica considera como *base* de todos os deveres o primeiro mandamento: *Amar a Deus sôbre tôdas as coisas.*

E' êste mesmo amor que regula os deveres para com o próximo: *Amar ao próximo por amor de Deus.*

A lei da justiça é: "Não faças a outros o que não queres que te façam".

A moral católica ajunta a esta lei de justiça a seguinte lei de caridade: "Faze aos outros o que queres que te façam": isto é: ama ao próximo como

a ti mesmo, e, para amá-lo sempre e apesar de tudo, ama-o por amor de Deus.

Vem, em terceiro lugar, os deveres para conosco.

Êstes deveres estão fundados sôbre o princípio que não sòmente somos *criaturas* de Deus, mas somos seus *filhos*, e que devemos ficar dignos dêste título.

Devemos respeitar a nossa alma, como a imagem de Deus.

Devemos respeitar o nosso corpo, como o templo de Deus, pois Êle o é verdadeiramente pela comunhão eucarística.

Dêste modo, sôbre as virtudes naturais que a religião recomenda, vêm ajuntar-se outras que são próprias do cristão.

III. CONCLUSÃO

Vejam como a Religião é simples e como é bela.

E' Deus manifestando-se aos homens, fazendo-se adivinhar em suas obras, e fazendo-se ver pela revelação.

Deus quer que tenhamos uma idéia de sua grandeza, de seu amor e, para isso, manifesta-nos o que Êle é, pelo dogma.

E como Deus não é simplesmente Criador, mas, sim, Pai de bondade, que quer a salvação de seus filhos, Êle nos manifesta o que devemos fazer e o que devemos evitar para agradar-lhe, e no fim da vida receber a recompensa eterna. — E' a moral.

http://www.obrascatolicas.com

Admirável, suave conjunto, a que chamamos Religião.

Esta Religião é o farol da nossa inteligência, e é o estímulo da nossa vontade, para que, pelo espírito e a vontade, seja o objeto de nosso amor.

A religião é tão mal compreendida, tão ignorada... e eis porque é tão pouco amada e tão mal praticada.

Procuremos conhecê-la e havemos de amá-la; e amando-a, havemos de praticá-la com prazer e consolação.

III. DOMINGO DA QUARESMA
(Luc. 11, 14-28)

14. *Naquele tempo, estava Jesus expelindo um demônio, o qual era mudo. E depois de ter expelido o demônio, o mudo falou, e as multidões ficaram maravilhadas.*

15. *Mas alguns dêles disseram: Êle expele os demônios por ordem de Belzebu, príncipe dos demônios.*

16. *E outros, para o tentarem, pediram-lhe (que lhes mostrasse) um prodígio do céu.*

17. *Êle, porém, conhecendo os seus pensamentos, disse-lhes: Todo o reino dividido contra si mesmo será desolado e cairá casa sôbre casa.*

18. *Se, pois, Satanás está dividido contra si mesmo, como estará em pé o seu reino? Por que vós dizeis que é por virtude de Belzebu que eu lanço fora os demônios?*

19. *Ora, se é por virtude de Belzebu que eu lanço fora os demônios, vossos filhos por virtude de quem os expelem? Por isso êles serão os vossos juizes.*

20. *Mas se eu pelo dedo de Deus lanço fora os demônios, certamente chegou a vós o reino de Deus.*

http://www.obrascatolicas.com

21. *Quando um valente armado guarda a entrada da sua casa, estão em segurança os bens que possui.*

22. *Mas se, sobrevindo outro mais valente do que êle, o vencer, tira-lhe tôdas as suas armas, em que confiava, e repartirá os seus despojos.*

23. *Quem não é comigo é contra mim: e quem não colhe comigo, desperdiça.*

24. *Quando o espírito imundo saiu dum homem anda por lugares secos, buscando repouso: e não o encontrando, diz: Voltarei para minha casa, donde saí.*

25. *E quando vem, a encontra varrida e adornada.*

26. *Então vai, e toma consigo outros sete espíritos piores do que êle, e entrando habitam ali. E o último estado daquele homem torna-se pior do que o primeiro.*

27. *E aconteceu que, enquanto Êle dizia estas palavras, uma mulher levantando a voz do meio da multidão, disse-lhe: Bem-aventurado o ventre que te trouxe, e os peitos a que fôstes amamentado.*

28. *Mas Êle disse: Antes bem-aventurados aquêles que ouvem a palavra de Deus, e a põem em prática.*

OS DEMÔNIOS

Há 15 dias tivemos ocasião de provar a existência dos anjos e de indicar o ofício dos anjos bons.

O Evangelho de hoje nos fala sobretudo do demônio.

Vejamos, pois, brevemente:

1. A ORIGEM do demônio.
2. A sua AÇÃO.

I. A ORIGEM DO DEMÔNIO

Foi Deus quem criou os anjos... e só êle pode criar; e criou anjos bons.

Os demônios são anjos ruins, anjos decaídos; e como Deus não pode fazer, nem criar coisas ruins, deve-se logo concluir que Deus não criou os anjos ruins, ou demônios.

No começo Deus criou, pois, os anjos bons; mas não os confirmou em graças, conservaram a sua liberdade, podendo obedecer ou desobedecer a Deus.

Deus lhes impôs uma provação. Não se sabe com certeza a natureza desta provação. Muitos pensam que Êle apresentou aos anjos o seu Filho feito Homem, exigindo que o adorassem; apresentou-lhes a futura Rainha do céu, Maria Santíssima exigindo que a honrassem.

Num sentido, Jesus era-lhes inferior pela natureza humana, como o era a Santíssima Virgem. Era, pois, uma humilhação para os anjos, não considerando que Jesus Cristo era também Deus perfeito, como era homem perfeito.

Lúcifer revoltou-se contra Deus e arrastou em

http://www.obrascatolicas.com

sua revolta um número incalculável de anjos. O revoltoso bradou: *Non serviam!* Não me sujeitarei.

Foi o bastante. No mesmo instante Deus criou o inferno e, por ordem do Altíssimo, São Miguel, ao brado de *Quis ut Deus!* — quem é como Deus? precipitou os anjos rebeldes no inferno.

No mesmo momento os anjos perderam as suas prerrogativas sobrenaturais e preternaturais, ficando as naturais à sua condição de anjos, tornando-se, dêste modo, demônios, Satanás, Belzebu, como o chama o Evangelho.

II. AÇÃO DO DEMÔNIO

O conhecimento do demônio é importante para nós, pois é o nosso pior inimigo.

O homem foi criado depois da queda dos anjos rebeldes, e é destinado a preencher os lugares deixados vazios pela expulsão dos rebeldes.

Eis porque o demônio nutre um ódio mortal contra o homem.

Nós somos chamados a gozar da felicidade que êles perderam: um tal pensamento lhes é suplício; e tôda a sua ambição consiste em fazer que percamos êste direito, fazendo-nos cair no pecado e impedindo-nos de sair dêste estado.

Dêste modo os demônios satisfazem, ao mesmo tempo, o seu ódio a Deus e a sua inveja para com os homens.

Os esforços do demônio, para perder as almas,

chamam-se: *tentações*. Tentação vem de tentar... fazer tentativa para perder-nos!

São Pedro nos mostra *o demônio nosso adversário, andando ao redor, como um leão que ruge, buscando a quem devorar*. (I Pet. 5, 8).

Para tentar-nos, o demônio perturba os nossos sentidos, excita a nossa imaginação, nos apresenta o mal, sob os atrativos de um bem, procurando, dêste modo, fixar-se em nossa alma, pelo consentimento.

Outrora, o demônio *possuía* muitas vêzes o corpo.

Hoje, tais possessões materiais são mais raras, porém, são frequentes as possessões espirituais, pois tôda alma, em estado de pecado mortal, está sob o jugo do demônio: é um possessa espiritual.

III. CONCLUSÃO

O demônio recebeu de Deus o poder de tentar-nos, porém, só entra na alma com o nosso consentimento.

Sentir a tentação não é nada; *consentir* constitui o pecado.

Lembremo-nos de que nunca Deus permite que o homem seja tentado acima das suas fôrças.

Sempre temos à nossa disposição as armas para vencer o demônio, que são: a oração, a mortificação, o amor a Maria Santíssima, os Sacramentos.

Com êstes meios todos os homens podem resistir à tentação e vencer o demônio.

http://www.obrascatolicas.com

O demônio, como diz Santo Ambrósio, é um cão furioso que pode latir, mas que só morde a quem dêle se aproximar.

Não nos aproximemos do demônio, fujamos de tudo o que é dêle; e não consentiremos.

Quantas vêzes nós pensamos ser o demônio que nos tenta, quando somos nós que o vamos tentar.

Tenta o demônio, quem se expõe voluntàriamente ao perigo.

Vigiai e orai, diz o Salvador, *para não entrardes em tentação!*

IV. DOMINGO DA QUARESMA
(Jo. 6, 1-15)

1. *Naquele tempo, passou Jesus à outra banda do mar da Galiléia, que é o lago de Tiberíades.*

2. *E seguia-o uma grande multidão de povo, porque via os milagres que fazia aos enfermos.*

3. *Subiu então Jesus a um monte e sentou-se ali com os seus discípuplos.*

4. *Ora, estava próxima a Páscoa, dia festivo dos judeus.*

5. *Levantando, pois, os olhos e vendo que uma grande multidão havia afluído para Êle, disse Jesus a Filipe: Onde compraremos pão para dar de comer a essa gente?*

6. *Mas isto dizia Êle para o experimentar, porque bem sabia o que havia de fazer.*

7. *Respondeu-lhe Filipe: Duzentos dinheiros de pão não serão suficientes para que cada um receba um bocadinho.*

8. *Um dos seus discípulos, chamado André, irmão de Simão Pedro, disse-lhe:*

9. *Está aqui um menino que tem cinco pães de cevada e dois peixes; mas que é isto para tanta gente?*

10. *Então disse Jesus: Mandai sentar o povo.*

http://www.obrascatolicas.com

Ora, havia muita relva naquele sítio. E sentaram-se os homens, em número de uns cinco mil.

11. *Tomou então Jesus os pães, e, tendo dado graças, distribuiu-os aos que estavam sentados; e igualmente os peixes, quanto queriam.*

12. *E tanto que se fartaram, disse Jesus aos seus discípulos: Recolhei as sobras, para que não se percam.*

13. *E êles ajuntaram-nas e encheram doze cestos dos bocados que haviam restado dos cinco pães de cevada, depois que todos comeram.*

14. *E todo o povo, vendo o milagre que fizera, dizia: Êste é verdadeiramente o profeta que deve vir ao mundo.*

15. *Jesus, porém, sabendo que o queriam levar consigo, para o fazerem rei, fugiu novamente para o monte, sòzinho.*

A SAGRADA EUCARISTIA

O milagre da multiplicação dos pães simbolizava e preparava a Sagrada Eucaristia

E' o próprio Jesus Cristo quem o ensina, pois é no dia seguinte ao dêste milagre e apoiando-se sôbre êle, que anuncia a instituição dêste sublime Sacramento.

Sem entrar nos pormenores da Sagrada Eucaristia, notemos como ela é ao mesmo tempo:

1. UM DOGMA, que devemos crer.
2. UM SACRAMENTO, que se deve receber.
3. UM PRECEITO que se deve praticar.

I. O DOGMA EUCARÍSTICO

O dogma eucarístico é o mistério da presença *verdadeira, real e substancial* de Jesus Cristo na Eucaristia, sob as aparências da hóstia e do vinho.

Após a consagração, que é a realização dêste milagre, não há mais sôbre o altar nem pão, nem vinho, mas sim o corpo, o sangue, a alma e a divindade de Jesus Cristo, e por conseguinte: o Cristo inteiro

Dois pontos a assinalar na presença eucarística de Jesus Cristo:

a) E' a *presença real* de Jesus Cristo. Êle está na Eucaristia, *verdadeiramente* presente, e não por figura ou símbolo; *realmente*, e não por causa da nossa fé e imaginação, como pretendem os protestantes.

Substancialmente, na sua própria substância, e não como presença meramente virtual, isto é, pelos efeitos que ela produz.

b) A presença *total* de Cristo.E' o Cristo inteiro, seu corpo e seu sangue, êste mesmo corpo que nasceu da Virgem Maria, e está sentado à mão direita do Pai, assim como a sua alma e a sua divindade.

Êste dogma tem o seu fundamento na Sagrada Escritura e na Tradição Apostólica.

Eu sou o pão vivo que baixou do céu, diz Nosso Senhor; *se alguém comer dêste pão, viverá eter-*

http://www.obrascatolicas.com

namente, e o pão que eu darei para a vida do mundo é minha carne. (Jo. 6, 52).

Na verdade, eu vo-lo digo, se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. (Jo. 6, 53).

Minha carne é verdadeiramente comida, e o meu sangue verdadeira bebida. (Jo. 6, 55).

E' claro, é positivo, e não há lugar para se suspeitar que se trate de qualquer figura simbólica ou equívoca.

Jesus repete até *cinco vêzes que é preciso comer sua carne e beber seu sangue.*

Estas palavras de Nosso Senhor estão longe do pedaço de pão que os protestantes comem em sua ceia, que não passa de uma simples merenda.

II. O SACRAMENTO EUCARÍSTICO

Mas não é sòmente um *dogma,* é também um sacramento.

Não basta crer que Jesus está na Eucaristia, como não basta crer no pão para alimentar-se; é preciso comê-lo.

Assim o cristão deve *comer* a Sagrada Eucaristia.

Jesus Cristo disse aos Apóstolos: *Tomai e comei...*

Se não comerdes a carne do Filho do Homem...

A minha carne é verdadeiramente comida...

Ora, a comida é feita para se comer. A Eucaristia é o alimento de nossa alma; deve ser comida, para poder alimentar a alma.

Na Eucaristia o sinal sensível são as aparências de pão e de vinho. Sendo a substância do pão e do vinho mudada, em virtude da transubstanciação, no corpo e na divindade de Jesus Cristo, no Cristo inteiro, Jesus Cristo é o produtor da graça que a Eucaristia comunica. E' um Sacramento instituído por Jesus Cristo, na última ceia, quando tomou em suas mãos o pão, benzeu-o, partiu-o, distribuiu-o a seus discípuplos, dizendo: *Tomai e comei, isto é o meu corpo que será entregue por vós* (no dia seguinte, na cruz).

Para que o corpo de Jesus Cristo seja o alimento de nossa alma, devemos, pois, recebê-lo na Sagrada Comunhão.

III. CONCLUSÃO

Além de um dogma e de um sacramento, a Eucaristia é também um preceito, isto é, a Sagrada Comunhão é preceituada pelo próprio Jesus Cristo e pela Igreja que determina o *máximo* e o *mínimo* da Comunhão.

O *máximo* que se pode comungar é uma vez por dia.

O *mínimo* que se deve comungar, é uma vez por ano, no tempo da Páscoa.

Para os adultos a Eucaristia é necessária para a salvação, por necessidade de *preceito divino* e eclesiástico.

http://www.obrascatolicas.com

Estando Jesus Cristo *inteiro* sob cada espécie, tanto do pão como do vinho, para os simples fiéis basta recebê-lo sob uma espécie. De fato, Jesus Cristo disse: *Se alguém comer dêste pão viverá eternamente,* (Jo. 6, 58), e os Atos dos Apóstolos designam a comunhão pela simples expressão: *fração do pão.* (Atos, 2, 42; Luc. 24, 30).

Obedeçamos a êste preceito divino, fazendo, pelo menos, o *mínimo* exigido: a Comunhão da Páscoa.

DOMINGO DA PAIXÃO
(Jo. 8, 46-59)

46. *Naquele tempo, disse Jesus aos judeus: Qual de vós me arguirá de pecado? Se vos digo a verdade, por que não me credes?*

47. *Aquêle que é de Deus, escuta a palavra de Deus. Por isso, vós não a escutais, porque não sois de Deus.*

48. *Responderam os judeus: Não temos nós razão em dizer que tu és samaritano e tens demônio?*

49. *Replicou-lhes Jesus: Eu não tenho demônio, mas honro a meu Pai; vós, porém, me injuriastes.*

50. *Eu não procuro a minha glória; outro há que a procura e faz justiça.*

51. *Em verdade, em verdade vos digo que, se alguém guardar a minha palavra, não verá a morte eternamente.*

52. *Disseram-lhe então os judeus: agora conhecemos que estás possesso do demônio; Abraão morreu e os profetas morreram; e tu dizes: Se alguém guardar a minha palavra não verá a morte eternamente.*

53. *Acaso és tu maior do que o nosso Pai Abraão, que morreu? E do que os profetas, que também morreram? Quem pretendes ser?*

http://www.obrascatolicas.com

54. *Respondeu-lhes Jesus: Se eu me glorifico a mim mesmo, minha glória nada vale; meu Pai é que me glorifica; aquêle que vós dizeis ser vosso Deus;*

55. *Mas não o conheceis; eu, porém, conheço-o; e, se dissesse que não o conheço, seria mentiroso como vós. Mas eu o conheço e guardo a sua palavra.*

56. *Abraão, vosso Pai, desejou ansiosamente ver o meu dia, viu-o e exultou de alegria.*

57. *Disseram-lhe os judeus: Ainda não tens cincoenta anos, e viste Abraão?*

58. *Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: Antes que Abraão fôsse feito, eu sou.*

59. *A estas palavras pegaram em pedras para lhe atirarem; Jesus, porém, se ocultou e saiu do templo.*

JESUS CRISTO E' DEUS

O Evangelho de hoje nos apresenta uma das numerosas cenas em que Jesus Cristo prova a sua divindade e a sua missão divina.

Só Deus pode dizer: Quem de vós me arguirá de pecado, sem receio de ser desmentido.

Todos nós somos pecadores. Êle é o justo, o Santo.

A sua santidade não é uma santidade adquirida pela luta, como a nossa; é uma santidade *transcendente, criadora,* e esta é própria de Deus.

Para consolidar a nossa fé em Jesus Cristo,

recolhamos hoje as manifestações da sua divindade em duas espécies de afirmações do próprio Jesus:

1. Êle AFIRMA que é Deus.
2. Êle o PROVA pelos milagres.

I. JESUS AFIRMA QUE E' DEUS

Tais afirmações são numerosas; citemos umas das mais curtas e decisivas:

Eu e o Pai somos uma e mesma coisa. (Jo. 17, 5).

O Pai está em mim e eu estou no Pai. (Jo. 10, 38).

Assim como o Pai tem a vida em si mesmo, assim também deu Êle ao Filho ter a vida em si mesmo. (Jo. 5, 26).

Foi-me dado todo poder no céu e na terra. (Mat. 28, 18).

Assim como o Pai ressuscita os mortos, e lhes dá a vida, assim também o Filho dá a vida a quem quiser. (Jo. 5, 21).

Crêdes em Deus, crêde também em mim. (Jo. 14, 1).

Tôdas estas palavras de Jesus provam que Êle é igual ao Pai. Ora, o Pai é Deus. Logo, Jesus Cristo o é.

Um dia, Jesus Cristo interroga aos Apóstolos: *Quem dizeis vós que eu sou?*

http://www.obrascatolicas.com

Simão Pedro responde em nome de todos: *Tu és o Cristo, Filho de Deus vivo!* (Mat. 16, 16).

Jesus louva-o e confirma a resposta, dizendo:

Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue, que to revelou, mas sim meu Pai que está nos céus!

Se a confissão de Pedro não fôsse a expressão da verdade, Jesus a teria logo retificado, pois era incapaz de aprovar uma mentira.

Jesus vai além destas afirmações categóricas e chega a jurar que é o Filho de Deus.

Citado perante o tribunal de Caifás, e não podendo êste último averiguar nenhuma falta digna de morte, dirige a Jesus esta intimação solene e oficial: *Eu te conjuro, pelo Deus vivo, que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus bendito?* (Mat. 26, 63).

E Jesus responde, em nome de Deus, alto e firme:

Tu o disseste!

E para mostrar que não se trata aqui de uma filiação adotiva como todo homem é filho de Deus, Êle ajunta: *Eu vos digo que vereis depois o Filho do Homem sentado à direita do poder de Deus e vir sôbre as nuvens do céu.* (Mat. 26, 64).

Em outros lugares, Jesus dá a si mesmo o título de *Filho unigênito de Deus.* (Jo. 3, 16).

Tais têrmos são claros e não se prestam a uma interpretação equívoca.

II. JESUS O PROVA PELOS MILAGRES

As obras de Jesus Cristo que dão testemunho de sua divindade são principalmente os seus milagres.

Ora, o milagre é o sêlo, é o carimbo de Deus. Só Deus pode fazer milagres.

E Jesus Cristo passou a vida fazendo milagres.

Êle se mostra o Mestre absoluto da *natureza inanimada,* convertendo água em vinho, multiplicando pães, caminhando sôbre as águas, aplacando tempestades.

Êle se mostra o Mestre absoluto da *natureza animada,* curando as moléstias sem remédio, muitas vêzes com uma simples palavra: Eu quero! e isto em pleno dia, aos olhos de todos.

Jesus se mostra o vencedor da morte.

A uma simples ordem sua, a filha de Jairo levanta-se.

O jovem de Naim, cujo cadáver estava sendo levado ao cemitério, levanta-se, à palavra de Jesus, cheio de vida.

Lázaro, morto, havia quatro dias, enterrado e em via de decomposição, à ordem de Jesus, levanta-se do seio dos mortos e anda.

Jesus é o dominador do inferno, ao ponto que os espíritos infernais, transidos de mêdo, em sua presença, o adoram e o proclamam: Filho de Deus.

E como remate de todos os milagres, Jesus ressurgiu vivo ao terceiro dia, como o havia predito.

http://www.obrascatolicas.com

III. CONCLUSÃO

Notemos que Jesus faz tudo isso em virtude de seu próprio poder, sem auxílio de ninguém.

Não invoca espíritos, nem cai em transe, não se agita, nem se convulsiona.

Não faz dansarem mesas e cadeiras.

Não faz aparecer escrita automática.

Não tem necessidade de trevas.

Não precisa de penumbra ou de luz vermelha.

Êle quer a luz do dia, porque os seus milagres são obra da luz, enquanto os pseudo-milagres dos médiuns são obras das trevas.

Jesus opera milagres, é perfeitamente Senhor de si, com a sua serena naturalidade, como tendo poder, na expressão dos pobres judeus.

Quem, por virtude própria, tem dêste modo poder absoluto sôbre a natureza inanimada, ou animada, os homens, a morte, o inferno e o céu?

Só Deus.

Jesus podia, pois, dizer-se Filho de Deus e Êle o é verdadeiramente.

E se Jesus Cristo é Deus, a sua doutrina é divina.

Ela deve, pois, ser aceita e praticada integralmente, sendo a única capaz de levar as almas à salvação.

DOMINGO DE RAMOS
(Mat. 21, 1-9)

1. *Naquele tempo, aproximando-se de Jerusalém e chegando a Betfagé, junto ao monte das Oliveiras, enviou então Jesus dois de seus discípulos.*

2. *Dizendo-lhes: Ide à aldeia que está defronte de vós, e logo encontrareis prêsa uma jumenta e um jumentinho com ela: desprendei-a e trazei-ma.*

3. *E se alguém vos disser alguma coisa, dizei que o Senhor precisa dêles: e logo os deixará trazer.*

4. *Ora, tudo isso aconteceu, para que se cumprisse o que tinha sido anunciado pelo profeta, que disse:*

5. *Dizei à filha de Sião: Eis que o teu rei vem a ti, manso, montado sôbre uma jumenta, e sôbre um jumentinho, filho da que levava o jugo.*

6. *E indo os discípulos, fizeram como Jesus lhes ordenara.*

7. *E trouxeram a jumenta e o jumentinho: e puseram sôbre êles os seus vestidos, e fizeram-no montar em cima do jumentinho.*

8. *E o povo em grande número estendia no caminho os seus vestidos: E outros cortavam ramos de árvores e juncavam com êles a estrada.*

http://www.obrascatolicas.com

9. *E as multidões que o precediam, e as que iam atrás, gritavam, dizendo*: *Hosana ao Filho de Davi*: *Bendito o que vem em nome do Senhor*: *Hosana no mais alto dos céus.*

A ADORAÇÃO

As honras prestadas pelo povo a Jesus Cristo, na ocasião da sua entrada triunfal em Jerusalém, constituem um verdadeiro *culto*.

A palavra: *culto*, aliás, deriva de uma palavra latina *cultus*, *colere* que significa: *honrar*.

Há três espécies de culto, conforme a pessoa a quem é dirigido:

O culto dirigido a Deus: culto de *adoração* (*latria*).

O culto dirigido a Maria Santíssima: culto de *super-veneração* (*hiperdulia*).

O culto dirigido aos santos: culto de *veneração* (*dulia*).

Limitemo-nos hoje ao culto de *adoração*, devido a Deus, e só a Deus, e mostremos que:

1. Jesus Cristo deve ser ADORADO.
2. QUALIDADES desta adoração.

I. JESUS CRISTO DEVE SER ADORADO

O culto se dirige sempre à *pessoa*.

Ora, há em Jesus Cristo as duas naturezas:

a divina e a humana, que são reunidas numa única pessoa, e esta pessoa é *divina*.

Logo, deve ser adorada.

Se fôsse possível separar em Jesus Cristo a divindade e a humanidade, e considerar apenas a sua *humanidade*, já não teria Êle direito à nossa adoração.

Mas isto é impossível; a divindade e a humanidade são substancial e hipostàticamente unidas numa única pessoa, de modo que tôda separação é impossível.

Esta união pessoal é provada pelas próprias palavras do Salvador. Êle responde a Filipe que lhe pede o favor de ver o Pai: *Filipe, quem me vê, também vê o Pai.* (Jo. 14, 8-9).

E alhures: *Ninguém subiu ao céu a não ser o que baixou do céu, o Filho do Homem que está no céu.* (Jo. 3, 13).

Caso houvesse nêle duas pessoas, Nosso Senhor deveria ter feito a devida distinção.

O Verbo divino não abdicou e nunca abdicará a sua natureza humana.

Êle aniquilou-se a si mesmo, tomando a condição de escravo, e fazendo-se semelhante aos homens, como diz o Apóstolo (Filip. 2, 7), o que significa que ocultou a sua divindade sob o véu da humanidade.

Jesus Cristo é, pois, Deus, e como tal tem direito às adorações dos homens.

http://www.obrascatolicas.com

II. QUALIDADES DESTA ADORAÇÃO

Uma dupla consequência resulta desta dupla união pessoal da divindade e da humanidade em Jesus Cristo.

Uma primeira se refere ao modo de falar e a segunda ao culto que lhe prestamos.

No modo de falar devem atribuir-se a Jesus Cristo os nomes *concretos*, próprios à *natureza divina* e à *natureza humana*, como são: Homem-Deus, eterno, passível, e atribuí-los uns aos outros, pois que os nomes concretos indicam a pessoa e não a natureza.

Pode-se dizer, pois, que Jesus Cristo é eterno; que um Deus sofreu e morreu, que o Eterno incarnou-se, etc.

Não se pode, entretanto, dizer:

— que Jesus Cristo é uma criatura;
— que o homem se fêz Deus, etc.

Os nomes *abstratos* de uma ou de outra natureza não podem ser atribuídos a Jesus Cristo, nem se atribuirem uns aos outros, porque tais nomes indicam a natureza e não a pessoa; e as *naturezas* não são confundidas nêle.

Não se pode dizer:
Jesus Cristo é a humanidade.
Nem: a humanidade é a divindade.

A segunda consequência é o *culto* que lhe tributamos.

Êste culto deve ser:

1. *interior*, com sentimentos de fé, amor e adoração;

2. *exterior*, manifestado por sinais exteriores;

3. *particular*, ou expressão dos sentimentos íntimos da alma;

4. *público*, ou tributado oficialmente em nome da Igreja inteira.

III. CONCLUSÃO

O culto de adoração, que devemos a Deus, deve ser *interior* e *exterior* ao mesmo tempo.

E' nesta união que consiste: *adorar a Deus em espírito e verdade.* (Jo. 4, 24).

Adorar: E' prestar o culto supremo a Deus.
Em espírito, pela fé, a convicção e a alma.
Em verdade, manifestando exteriormente o que temos no espírito.

O homem sendo um coposto de corpo e alma, o culto que presta a Deus deve constar destas duas partes; participando nêle o corpo e a alma.

E' um dos erros protestantes, rejeitando o culto exterior, e acusando os católicos de não *adorarem a Deus em espírito e verdade.*

http://www.obrascatolicas.com

São êles que não adoram a Deus, pois limitam-se à primeira parte: a fé; e não manifestam tal adoração, de modo que podem adorar a Deus, *em espírito*, mas nunca em *verdade*.

Os principais atos do culto de adoração são:

A *adoração* pròpriamente dita, reconhecendo-o como Criador e Senhor de tôdas as coisas.

O *sacrifício*, ou imolação de uma vítima, para honrar a majestade suprema de Deus.

A oferta de nós, como recomenda São Paulo: *Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo pela glória de Deus.*

DOMINGO DE PÁSCOA
(Mat. 16, 1-7)

1. *Naquele tempo, Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago, e Maria Salomé, compraram aromas, para embalsamarem o corpo de Jesus.*

2. *E no primeiro dia da semana, partindo muito cedo, chegaram ao sepulcro ao nascer do sol.*

3. *E diziam entre si: Quem nos tirará a pedra da bôca do sepulcro?*

4. *Mas, quando olharam, acharam revolvida a pedra, que era muito grande.*

5. *E, entrando no sepulcro, viram um jovem sentado ao lado direito, vestido de uma túnica branca; e tiveram mêdo.*

6. *Êste, porém, lhes disse: Não temais; procurais a Jesus de Nazaré, que foi crucificado; ressuscitou; não está aqui; eis o lugar onde o haviam posto.*

7. *Mas ide, anunciai aos seus discípulos e a Pedro que Êle irá adiante de vós para a Galiléia; lá o vereis, assim como Êle mesmo vos disse.*

A RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO

O milagre é a grande prova da verdade de uma

http://www.obrascatolicas.com

religião. Eis porque Jesus Cristo se serve dêle para provar a sua missão divina.

Ora, entre os milagres operados por êle não há, nem pode haver maior do que a sua ressurreição dentre os mortos.

Pode-se dizer que a religião tem como base êste fato principal, e São Paulo escreveu com razão: *"Se o Cristo não ressuscitou, a nossa fé é vã"* (I Cor. 15, 17), mas se Êle ressuscitou, conforme prometeu, então a nossa fé é certa.

Vejamos, pois:

1. Se realmente JESUS CRISTO RESSUSCITOU;
2. O QUE PROVA esta ressurreição.

I. JESUS CRISTO RESSUSCITOU

E' certo que Jesus Cristo morreu sôbre a cruz. E' um fato histórico que nunca foi contestado nem entre os judeus nem entre os pagãos.

Basta lembrarem-se os sofrimentos de Jesus Cristo: flagelação, coroação de espinhos, crucifixão, para se compreender que não podia sobreviver a tantos e tamanhos suplícios.

Pilatos, antes de entregar o corpo do supliciado, mandou verificar se estava realmente morto, e os enviados ficaram tão convencidos desta morte, que não lhe quebraram os membros, como era costume nestas ocasiões.

Um soldado romano deu no Salvador uma lançada que lhe atravessou o coração, e era o bastante para matá-lo.

Depois que foi posto no sepulcro, ali ficou três dias, sem ar e sem alimento, o que seria já bastante para matar um homem de boa saúde.

E êste Jesus, cuja morte foi tão cuidadosomente verificada, ressuscitou vivo, foi visto, não só durante algumas horas, mas durante 40 dias. E' outro fato histórico irrecusável.

Tal ressurreição foi provada por um conjunto de fatos que não deixam dúvidas.

Apareceu doze vêzes, em circunstâncias muito diversas.

No mesmo dia da ressurreição apareceu: A's santas mulheres que vinham completar a sepultura.

A Maria Madalena em particular.

A São Pedro e a São Tiago.

Aos Apóstolos reunidos no Cenáculo (menos Tomé).

Aos discípulos de Emaús.

Oito dias depois aparece:

Aos Apóstolos reunidos, com Tomé.

Mais tarde mostra-se aos discípulos, nas margens do Tiberíades.

No Tabor, a mais de 500 discípulos.

Na Ascensão, perante numerosos testemunhos, sai de Jerusalém, sobe o monte das Oliveiras, e dali se eleva gloriosamente ao céu.

Ora, impossível que tanta gente, que todos êstes testemunhos tenham sido iludidos, e que muitos te-

http://www.obrascatolicas.com

nham dado a vida em confirmação do que viram. Seria admitir uma verdadeira ilusão mundial.

Jesus Cristo morreu, pois, e ressuscitou verdadeiramente.

II. O QUE PROVA ESTA RESSURREIÇÃO

Prova a missão divina de Jesus Cristo, como prova a divindade do mesmo Cristo e da sua Religião.

A obra instrutiva de Jesus estava terminada.

Do alto do céu, Deus via esta obra imensa, que envolvia uma mudança completa da humanidade.

Se tal obra não fôsse do seu agrado, Deus não podia sancioná-la pelo maior e mais refulgente dos milagres, como o é a ressurreição, pois seria lançar o mundo inteiro no êrro.

Esta ressurreição não prova sòmente a sua *missão divina,* mas prova a divindade de *sua pessoa.*

De fato, Jesus anunciou que ressuscitaria a si mesmo. Êle não disse: O meu Pai me ressuscitará, mas disse: *Destruí êste templo* (de seu corpo) *e eu o reconstruirei em três dias.*

Se Jesus fôsse simplesmente um homem, Deus não teria permitido que Êle se ressuscitasse para provar que era Deus. Seria colaborar no êrro.

Jesus Cristo é, pois, Deus, e veio a êste mundo cumprir uma missão divina.

III. CONCLUSÃO

Ora, a missão de Jesus Cristo é fundar a sua Religião, é fazê-la conhecida de todos os homens.

Esta Religião é, pois, divina, e é a expressão perfeita da verdade.

A verdade é uma só; os erros são numerosos.

A graça e a verdade são dadas por Jesus Cristo, diz São João (1, 17).

Aquêles que se afastam desta única verdade seduzem-se a si mesmos, e a verdade não está mais com êles. (I Jo. 1, 8).

Se a verdade é uma só, a Religião verdadeira, a Igreja verdadeira, depositária desta verdade, é igualmente uma só.

Esta Religião verdadeira, *esta Igreja, contra a qual nunca prevalecerão as portas do inferno,* é a Igreja Católica, Apostólica, Romana, a única fundada por Cristo sôbre S. Pedro, o seu primeiro Chefe, ou Papa.

As outras igrejas são seitas humanas, cujos fundadores são conhecidos.

Jesus Cristo fundou a Igreja *Católica,* chamada Romana, porque o seu Chefe visível reside em Roma.

Tôdas as seitas têm seu fundador, êste é sempre homem viciado, quase sempre imoralíssimo.

E a única Religião que pode indicar um fundador impoluto, santo, divino, é a Religião Católica

http://www.obrascatolicas.com

lica. E ninguém pode contestar-lhe esta honra, como nunca alguém lhe contestou, indicando qualquer homem como fundador do Catolicismo.

Amor, pois, veneração, dedicação para com a Igreja única de Nosso Senhor Jesus Cristo.

I. DOMINGO DEPOIS DA PASCOA
(Jo. 20, 19-31)

19. *Naquele tempo, pela tarde do primeiro dia da semana, estando fechadas as portas do lugar onde os discípulos se achavam reunidos por mêdo dos judeus, veio Jesus, apareceu no meio dêles, e lhes disse: A paz seja convosco!*

20. *Dito isto, mostrou-lhes a mão e o lado. E os discípulos tiveram grande alegria ao ver o Senhor.*

21. *E disse-lhes pela segunda vez: A paz seja convosco! Assim como meu Pai me enviou, assim eu vos envio.*

22. *A estas palavras, soprou sôbre êles, dizendo: Recebei o Espírito Santo;*

23. *A quem vós perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; e a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos.*

24. *Ora, Tomé, um dos doze, chamado Dídimo, não estava com êles quando veio Jesus.*

25. *Disseram-lhe, pois, os outros discípulos: Nós vimos o Senhor. Êle, porém, respondeu: Se eu não vir o sinal dos cravos, e não meter o dedo no lugar dos cravos, e não lhe introduzir a mão no lado, não acreditarei.*

http://www.obrascatolicas.com

26. *Oito dias depois achavam-se os discípulos outra vez dentro, e Tomé com êles. E entrou Jesus, estando fechadas as portas, colocando-se no meio dêles e disse: A paz seja convosco!*

27. *Depois disse a Tomé: Introduze teu dedo aqui, e vê as minhas mãos; vem com tua mão, e mete-a no meu lado; e não sejas descrente, mas crente.*

28. *Exclamou Tomé: Meu Senhor e meu Deus!*

29. *Disse-lhe Jesus: Tu creste, Tomé, porque viste; bem-aventurados os que não viram e creram.*

30. *Muitos outros milagres ainda fêz Jesus em presença dos seus discípulos, que não estão escritos neste livro.*

31. *Êstes, porém, foram escritos, a fim de que vós creiais que Jesus Cristo é o Filho de Deus e para que, crendo, tenhais a vida eterna em seu nome.*

A CONFISSÃO

O Evangelho de hoje nos relata a instituição do sacramento da confissão. E' mania conhecida dos viciados o repetir que a confissão é invenção dos padres... que êles não se confessam a um homem, mas sim a Deus.

Leiam êles o Evangelho de hoje, e encontrarão o inventor da confissão.

A confissão é a grande maravilha da misericórdia.

E' a obra-prima de Deus.

E' a prova da divindade de Jesus Cristo, e da divindade da Religião ensinada por Êle.

Só a Igreja Católica tem a *confissão*, porque só ela é divina.

As seitas religiosas procuram imitar a Igreja em muitos pontos, mas neste ponto nunca chegaram a um esbôço de imitação.

Vejamos hoje:

1. O SÊLO DIVINO da confissão em sua própria organização.
2. A INSTITUIÇÃO divina da confissão.

I. O SÊLO DIVINO

Lendo um dia uma página de Napoleão sôbre Jesus Cristo, perguntou alguém a Chateaubriand o que pensava sôbre a autenticidade da página.

O grande escritor respondeu: A dúvida é impossível: esta página traz a garra do leão.

A confissão traz também a garra do leão, traz sôbre si o sêlo divino.

Para instituir a confissão, Jesus Cristo devia criar duas coisas que não existiam, e que humanamente não podiam existir: o *penitente* e o *confessor*.

Ora, o penitente e o confessor existem desde Jesus Cristo.

Logo, a confissão é uma obra divina.

Já pensaram nisto: *criar o penitente?*

Isto é: tomar um homem, com seu orgulho, com seu poder, sua ciência, sua fortuna, seus vícios,

http://www.obrascatolicas.com

seu silêncio, e prostrá-los de joelhos, diante de outro homem, seu igual, e obrigá-lo a revelar o que, sendo espôso, êle esconde à sua espôsa.

Sendo filho, esconde a seus pais.

Sendo amigo, esconde a seus íntimos.

E isso em qualquer idade, qualquer situação, poder ou ciência: Pode ser Padre, Bispo ou Papa, General, Rei, Imperador...

Humanamente é impossível!

Só Deus pode fazer uma tal imposição.

E é apenas uma parte, a mínima, do milagre.

Era preciso criar o *confessor*.

Onde achar um homem capaz de calar-se... sempre?

Um homem capaz de amar sem ser amado?

Um homem de fogo, pela caridade, para os outros, e de gêlo para si mesmo?

Um homem paciente, desinteressado, puro, capaz de escutar os maiores crimes e as mais baixas paixões, sem comover-se, sem revoltar-se, sem protestar, enervar-se?

Encontrar um tal homem, e dizer-lhe: senta-te ali, escuta, chora, consola, perdoa...

Humanamente é impossível!

Ora, Jesus Cristo faz êste milagre.

O confessor existe... e nunca foi infiel à sua missão.

Logo, a confissão é obra divina.

II. A INSTITUIÇÃO DIVINA

Admitindo que não seja obra de Jesus Cristo, de quem é então? Quando apareceu? E' impossível que tal instituição tenha ficado *incógnita*, na Igreja, pois: atinge a todos, abate o orgulho, opõe-se às paixões.

A própria Igreja não conhece outro fundador senão Jesus Cristo.

Os inimigos nunca o apontaram.

Quem é, pois, êste inventor da confissão?

São João Batista o disse: *Eis o Cordeiro de Deus, eis o que tira os pecados do mundo.* (Jo. 1, 29).

Jesus Cristo disse: *Para que saibais que o Filho do Homem tem poder, sôbre a terra, de perdoar pecados, levanta-te... toma o teu leito e vai para tua casa.* (Mat. 9).

E Êle disse ainda: *Os teus pecados te são perdoados.* (Luc. 7, 47).

Jesus Cristo perdoa pecados.

Ora, *só Deus pode perdoar pecados.* (Mc. 2 7).

Logo, Êle é Deus, e a confissão, instituída por Êle, é obra divina.

Não há nada mais claro, mais expressivo, que as palavras da instituição da confissão, relatada pelo Evangelho de hoje:

A paz seja convosco: a paz do perdão e da misericórdia.

Assim como o Pai me enviou, para perdoar pecados, *eu vos envio a vós*, com a mesma missão; mas como tal missão exige um poder divino: *Rece-*

http://www.obrascatolicas.com

bei o Espírito Santo que, sendo Deus, vos comunicará êste poder divino, de tal modo que: *Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados;* e como o confessor deve ser juiz, julgando as disposições dos penitentes: *Àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos.* (Jo. 20, 23).

Como tudo isso é expressivo, claro, irrefutável!

O inventor da confissão é bem e ùnicamente Jesus Cristo.

III. CONCLUSÃO

O' pobres materialistas! calai-vos diante da voz de Deus.

Não quereis confessar-vos, porque sois viciados, e não quereis romper os laços vergonhosos que vos prendem. Sim... mas não blasfemeis contra a grande instituição da misericórdia divina.

Somos pecadores... precisamos de perdão... e só Deus nos pode dar êsse perdão.

E êle o faz pela mão de seu ministro, a quem disse clara e insofismàvelmente: *Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados.*

Não digais, para esconder as vossas blasfêmias:

Eu me confesso a Deus!

Deus não precisa da vossa confissão; êle já conhece os vossos pecados.

Não me confesso a um homem!

A quem, então: a um anjo? Êste fugiria, ouvindo as vossas mentiras, que êle desconhece.

Aos animais? Êstes, coitados, não vos entendem.

Logo, fica só o *homem*... e o homem enviado por Deus, com o poder de Deus... o sacerdote.

Confessar-se é bom para crianças e mulheres!

Se é bom, deve sê-lo para todos; se é ruim, não presta para ninguém.

Sou homem honesto, não preciso de confissão!

E' o homem honesto que dela precisa; pois os ladrões, e assassinos não se confessam, senão quando querem tornar-se de novo honestos.

Não matei em roubei!

Isto são dois mandamentos... e os outros oito? Examinai bem.

Tenho pecado demais!

Não é razão de descarregar-vos um pouco?

O padre é capaz de contar os meus pecados!

Nunca o padre revelou o segrêdo da confissão.

Não sei mais as rezas!

Pois bem, o confessor vo-las ensinará.

Vamos, pois, quanto antes, pois é um preceito... é uma necessidade para todos nós.

---

http://www.obrascatolicas.com

II. DOMINGO DEPOIS DA PASCOA
(Jo. 10, 11-16)

Naquele tempo, disse Jesus aos fariseus:

11. *Eu sou o bom Pastor. O bom pastor dá a própria vida pelas suas ovelhas.*

12. *O mercenário, porém, e o que não é pastor, e a quem não pertencem as ovelhas, vê chegar o lobo e foge; e o lobo rouba e dispersa as ovelhas.*

13. *Ora, o mercenário foge, porque é mercenário e não lhe importam as ovelhas.*

14. *Mas eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e minhas ovelhas me conhecem.*

15. *Assim como meu Pai me conhece, e como eu conheço a meu Pai; dou a vida pelas minhas ovelhas.*

16. *Tenho ainda outras ovelhas que não são dêste aprisco; é necessário que as conduza também; e escutarão a minha voz, e haverá um só aprisco e um só pastor.*

A IGREJA

O Evangelho do *Bom Pastor* é o Evangelho da

Igreja, da sua unidade, da sua união com Jesus Cristo.

O rebanho são os fiéis de todos os tempos.

O bom Pastor é Jesus Cristo e o seu sucessor no govêrno da Igreja.

Êste rebanho sendo uma sociedade divino-humana, deve ter, como aliás tôda sociedade humana, tem:

1. Uma CONSTITUIÇÃO;
2. Um GOVÊRNO.

I. CONSTITUIÇÃO DA IGREJA

A Igreja Católica, fundada por Jesus Cristo, é uma sociedade, ao mesmo tempo *exterior*, *interior* e *viva*.

E' uma sociedade *exterior*, possuindo o que é essencial a tôda sociedade: um *chefe*, com autoridade absoluta; *membros*, com dever de obedecer; *leis*, que orientam os membros e os chefes; *finalidade* ou ideal que pretende realizar e *meios* para alcançar o seu fim.

Faltando um dêstes requisitos, uma sociedade é necessàriamente incompleta, truncada, deficiente.

E' uma sociedade *interior*, possuindo elementos que unem as almas, isto é: a graça, produzindo a santidade, e os meios de comunicar esta graça, como são os sacramentos.

Sendo uma sociedade divino-humana, ela deve

http://www.obrascatolicas.com

ser necessàriamente interior, o que a distingue das sociedades puramente humanas.

Mas, além de interior, deve ser também exterior, pois, se a Igreja é divina em seu fundador, em seu fim e em seus meios, ela é humana na pessoa de seus componentes.

E' uma sociedade *viva,* por isso possui um *corpo* e uma *alma,* como todo ser vivo.

Sem corpo, ela não seria dêste mundo.
Sem alma, ela não seria do céu.

E a Igreja verdadeira deve ser do céu e da terra, divina e humana.

O corpo é visível aos sentidos. Êste corpo são os *membros* que são todos os fiéis; e a *cabeça* é o Cristo, representado na terra pelo Santo Padre, o Papa, Sucessor de S. Pedro.

A alma é invisível, sendo ela que dá vida ao corpo.

A alma da Igreja é a graça santificante. Tôda pessoa, vivendo na graça de Deus, mesmo se fôsse exteriormente separada do corpo da Igreja, pertence à sua alma.

Os pecadores, embora separados da alma da Igreja, pela privação da graça, continuam a pertencer ao seu corpo.

II. O GOVÊRNO DA IGREJA

A natureza dêste corpo está em relação com a

sua missão e o seu fim. A sua missão é *conservar* o depósito das verdades reveladas.

O seu *fim* é conduzir as almas ao céu.

Para isso a Igreja deve:

a) Ensinar as verdades;
b) Administrar os sacramentos;
c) Provar a sua conservação.

Daí o tríplice poder que recebeu de Jesus Cristo: de ensinar, de administrar, governar.

Base dêste govêrno. Esta base é o princípio da autoridade necessária a tôda sociedade, para poder existir, e mais necessária ainda à Igreja, porque na parte *doutrinal,* há dogmas incompreensíveis à simples razão; e na parte *moral,* há práticas puras e austeras a observar

Ora, sem uma autoridade que *mande* em nome de Deus, o orgulho se revoltaria contra êstes dogmas e as paixões se revoltariam contra esta moral.

E', pois, mister uma autoridade que diga: *crêde e praticai*: Isto está errado! Isto não é permitido. *Non licet!*

Sem êste princípio de autoridade absoluta, *a inteligência* não aceitaria a verdade, em tôda a sua extensão.

O coração não amaria a verdade, com todo o seu heroísmo.

A vontade não faria o bem com tôda a sua fôrça.

http://www.obrascatolicas.com

III. CONCLUSÃO

De uma tal constituição e de um tal govêrno resulta o *poder* da Igreja.

A Igreja tem um poder divino... E' o primeiro poder dêste mundo.

Eis porque os protestantes orgulhosos, os algozes do povo, os déspotas não suportam o poder da Igreja Católica. Êles sentem que acima de si está êste poder divino... e que no meio dos desvarios que praticarem, esta Igreja lhes bradará: *Non licet.*

A Igreja venceu o que nunca homem, ou sociedade ou exército souberam vencer:

Venceu o tempo, o espaço e o próprio homem.

Venceu o tempo:

O tempo, que destrói tudo, fortalece a Igreja.

Para a Igreja não há tempo: ela atravessa o tempo, abençoando os berços e os túmulos. Ela é eterna.

O seu bêrço é Deus... o seu túmulo é ainda Deus!

Venceu o espaço:

Tôdas as instituições têm as suas fronteiras; a Igreja não as tem. Saiu de Belém, dum presépio, foi confirmada no Calvário, encheu-se do Espírito Santo, no Cenáculo, e daí invadiu o mundo, o espaço.

Venceu o homem:

Toma o selvagem, o pagão, o índio, o libertino,

o gozador, e os prostra de joelhos, banhados em lágrimas, aos pés do crucificado.

Toma as sociedades, as nações, os poderes, os dominadores do mundo, as leis humanas, as civilizações falsas, as instituições humanas, e os faz inclinarem-se diante de seu chefe e de seu trono.

Venceu o homem: renovando-o, arrancando-o do vício, elevando-o acima da lama, e mostrando-lhe o céu.

Eis a Igreja de Jesus Cristo: a sua missão... a sua ação, a sua unidade, o seu poder divino; amemo-la, defendamo-la, como filhos amorosos e dedicados.

Nascidos em seus braços, saibamos morrer em seu seio.

---

http://www.obrascatolicas.com

III. DOMINGO DEPOIS DA PÁSCOA
(Jo. 16, 16-22)

16. *Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: Ainda um pouco de tempo, e não me vereis mais; e mais um pouco, e tornareis a ver-me; porque eu volto para junto de meu Pai.*

17. *Disseram então alguns de seus discípulos, uns para os outros: Que quer isto dier: Ainda um pouco de tempo e não me vereis mais; e mais um pouco, e tornareis a ver-me, porque eu volto para junto de meu Pai?*

18. *Diziam, pois, que significam estas palavras: Ainda um pouco de tempo? Não sabemos o que Êle quer dizer.*

19. *Ora, sabendo Jesus que o queriam interrogar, disse-lhes: Vós perguntais uns aos outros o que eu quis dizer com estas palavras: Ainda um pouco, e tornareis a ver-me.*

20. *Em verdade, em verdade vos digo, que haveis de chorar e de gemer, e o mundo estará alegre; haveis de estar tristes, mas a vossa tristeza se converterá em alegria.*

21. *Quando a mulher dá à luz está em aflição, porque é chegada a sua hora; mas, depois de haver dado à luz um filho, já não se lembra das angústias, pela alegria que sente de ter nascido ao mundo um homem.*

22. *Assim também vós estais tristes agora; mas eu vos tornarei a ver, e o vosso coração se há-de alegrar, e ninguém vos roubará a vossa alegria.*

A PROVIDÊNCIA DIVINA

O Evangelho, em poucas palavras, nos abre os horizontes da Providência divina. E' uma das verdades mais consoladoras, embora uma das mais incompreendidas.

Jesus diz: *Em verdade, em verdade vos digo que vós haveis de chorar e de gemer, e o mundo estará alegre; haveis de estar tristes, mas a vossa tristeza se vonverterá em alegria.*

Tal fato aparentemente contraditório, revolta, às vêzes, os incrédulos, faz vacilarem os fracos, mas reconforta os justos, que sabem viver da fé.

O dogma da Providência é a conclusão necessária da *onipotência*, da *bondade* e da *justiça de Deus.*

Deus não nos revela os seus segrêdos, para não nos tirar o mérito da fé, mas nos faz entrever a sua ação no govêrno das criaturas.

Examinemos aqui:

1. Como Deus é a CAUSA PRIMEIRA de tudo.
2. Como os homens são as CAUSAS SEGUNDAS.

http://www.obrascatolicas.com

I. DEUS, CAUSA PRIMEIRA DE TUDO

Deus teria podido ser o *único princípio* de tôda atividade neste mundo, passando a sua fôrça através das criaturas como através de um canal, e produzindo, Êle mesmo, a sucessão dos sêres, as suas evoluções íntimas e todos os seus movimentos.

Neste caso o mundo teria sido apenas um grande simulacro de atividade e de vida... o que seria quase indigno de Deus.

Deus fêz melhor; associou ao govêrno do mundo todos os sêres por Êle criados; e Êle, *causa primeira,* eleva os sêres à dignidade de *causas segundas.*

Dêste modo, a causa segunda não é um simples *canal* de transmissão, mas sim um *centro,* provido de recursos suficientes para fazer-lhe produzir tal ou tal efeito.

Uma comparação vulgar nos fará compreender esta ação admirável de Deus no govêrno do mundo:

Examinemos uma usina mecânica:

Eis primeiro o *gerador da fôrça*: é a causa primeira de tôda atividade e de todo trabalho.

Esta fôrça comunica-se a uma correia de transmissão, a qual passa a ser uma *causa segunda,* causa *virtual,* enquanto é detentora da fôrça, e causa *ativa,* enquanto aplica esta fôrça às rodas que lhe são unidas.

Estas rodas, por sua vez, desde que intervêm em contato com mecanismos muitas vêzes complicados, tornam-se, por sua vez: *causas segundas,*

em relação a outras que elas vão movendo, até terminar finalmente em um instrumento que produz a obra desejada: tôrno, perfurador, plaina, serrote, etc.

São bem, em verdade, estas causas *sucessivas* que operam; porém, é antes de tudo a causa *primeira* que age, e cuja fôrça se encontra em cada uma das causas seguintes.

Eis a ação de Deus neste mundo.

II. OS HOMENS CAUSAS SEGUNDAS

Há duas espécies de *causas segundas.*

a) As que exercem *passivamente* o papel que lhes é assinado:

São as causas materiais: sol, lua, astros, terra, planetas, etc.

b) As que o exercem *ativamente,* possuindo em si um poder que lhes permite corresponder, ou resistir: São as vontades livres, ou causas *morais,* por exemplo: o homem.

As causas segundas materiais exercem a sua ação, com uma constância e regularidade perfeitas, que nós chamamos *ordem* providencial. E' a ordem da criação, ou leis físicas.

A Providência divina, pròpriamente dita, aplica-se sobretudo ao govêrno das *causas livres.*

Estas causas têm também as suas leis.

Lei natural, que se dirige à consciência.

http://www.obrascatolicas.com

Lei divina positiva, quando Deus ordena ou proibe.

Lei humana, quando os homens, unidos em sociedade, determinam as suas condições de existência.

Tôda lei é feita em vista de *um fim.*

O homem encontra em si os recursos necessários para alcançar êste fim. Basta êle agir, conforme às leis que lhe servirem de guias.

Pode, também, violar estas leis, desviando-se do seu fim.

Mas notemos um ponto importante.

Tratando-se do govêrno dos *sêres materiais,* Deus se contenta com o intermediário das causas segundas; mas, tratando-se das *consciências livres,* Êle intervém *individualmente.*

Daí nascem as relações sobrenaturais da *oração,* da gratidão e da união, que são os felizes privilégios da criatura racional.

Dêste fato nasce a Religião inteira: a piedade, a virtude, o heroísmo, o amor, a resignação, o abandono à Providência divina.

III. CONCLUSÃO

Dêstes princípios tiremos agora umas conclusões práticas.

A causa primeira de tudo é Deus; porém, Deus não quer governar tudo diretamente.

Êle governa o mundo material, pelas leis *físicas.*

Êle governa o mundo humano, pelas leis *morais.*

Estas *causas segundas,* sendo criadas, são necessàriamente imperfeitas; e é precisamente esta imperfeição que traz a perturbação no mundo.

O homem, *causa segunda,* está associado a Deus, no govêrno da humanidade; ora, todos o sabem: o homem não é perfeito.

Se êle observasse integralmente as leis de Deus não haveria nenhuma calamidade neste mundo; por exemplo: a guerra seria impossível.

Se, pois, os males aparecem, se rebentam as guerras, não é a Deus que se deve imputá-lo, mas ùnicamente à injustiça dos homens.

Lutero, não entendendo a ação sublime da Providência divina, pretendia que Deus cooperava no mal como no bem dos homens.

De nenhum modo. — Deus é o autor do bem, e não é o cúmplice do mal.

Deus se conforma à lei geral, fornecendo ao homem a *fôrça* necessária, mas lhe deixa a responsabilidade do *uso,* sendo êle livre de empregá-la para o bem ou para o mal.

Deus comunica a fôrça ao braço do homem, mas o homem, causa segunda livre, tem o *uso* dêste braço, podendo empregá-lo para fazer o bem, ou para fazer o mal.

Deus dá ao nosso cérebro a faculdade de pensar; mas o homem tem o livre *uso* de seus pensamentos, podendo pensar em coisas santas ou em coisas perversas.

http://www.obrascatolicas.com

Deus anima a língua do homem; êste, porém, tem o livre *uso* de a empregar para louvar a Deus, ou blasfemá-lo.

Deus é sempre a causa primeira; o homem é causa segunda das suas ações livres.

Se assim não fôsse, o homem seria uma simples *máquina*, um escravo, o que seria indigno de Deus. Um ser inteligente, racional, como é o homem, deve ter o *uso livre* das suas faculdades, para fazer o bem, embora, abusando dêste uso, êle possa, às vêzes, fazer o mal.

IV. DOMINGO DEPOIS DA PÁSCOA
(Jo. 16, 5-14)

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos:

5. Eu vou para Aquêle que me enviou, e nenhum de vós me perguntais: Para onde vais?

6. E porque vos falei dêste modo, a tristeza vos encheu o coração.

7. Contudo, eu vos digo a verdade: é conveniente que eu vá; porque, se não fôr, não virá a vós o consolador; mas se eu fôr, vo-lo enviarei.

8. E quando êle vier, arguirá o mundo do pecado, da justiça e do juízo.

9. Do pecado, porque não creram em mim.

10. Da justiça, porque vou para junto de meu Pai, e já não me vereis.

11. Do juízo, porque o príncipe dêste mundo já está julgado.

12. Ainda tenho muitas coisas que dizer-vos; mas não o podeis suportar agora.

13. Quando, porém, vier aquêle Espírito da Verdade, há de ensinar-vos tôda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas que hão de vir.

14. Êle me glorificará, porque tomará do que é meu, e vo-lo anunciará.

http://www.obrascatolicas.com

ESCRITURA E TRADIÇÃO

A Igreja tem o dever de ensinar-nos a verdade, como diz o Salvador: *Quando vier aquêle Espírito de Verdade* (que Êle comunicou à sua Igreja, no dia de Pentecostes) *há de ensinar-vos tôda a verdade.*

Esta verdade foi ensinada aos Apóstolos, que a transmitiram à posteridade.

Ora, esta transmissão se faz de dois modos: pela Sagrada Escritura e pela Tradição.

A Sagrada Escritura é a palavra de Deus *escrita,* porém, conforme o testemunho de São João, como *tudo o que disse e fêz Jesus não foi escrito,* há uma parte desta verdade que foi pregada pelos Apóstolos, recolhida verbalmente pelos primeiros cristãos, e escrita, em seguida, pelos primeiros doutores da Igreja; esta parte oral chama-se *Tradição.*

Examinemos hoje esta dupla fonte da verdade:

1. A SAGRADA ESCRITURA, ou a verdade escrita.
2. A TRADIÇÃO APOSTÓLICA, ou verdade falada.

I. A SAGRADA ESCRITURA

A Bíblia é a palavra de Deus, escrita sob a inspiração divina, por homens que se chamam autores sacros ou inspirados.

O mais antigo é Moisés; o mais recente é o Apóstolo S. João.

São em número de setenta e dois os livros sacros. São completamente diferentes, quanto às datas, aos autores, ao gênero, à língua, à extensão, e até ao fim; embora se possam reduzir os diversos fins a dois principais; quarenta e cinco têm *por fim* preparar a missão de Jesus Cristo.

Foram escritos na antiga aliança de Deus com os homens, formando o que nós chamamos o *Antigo Testamento.*

Os outros vinte e sete livros têm *por fim* dar aos homens a doutrina de Jesus Cristo, formando em seu conjunto o *Novo Testamento.*

A autoridade de todos êstes livros é igual, pois todos êles contêm a palavra de Deus.

A sua importância para nós é, entretanto, muito diferente.

Sendo cristãos, encontramos no Evangelho ensinamentos muito mais práticos para nós, do que os do Gênese, do Êxodo, do Deuteronômio, ou qualquer outro livro do Antigo Testamento.

A Bíblia inteira é palavra de Deus; e a Igreja Católica a estuda integralmente, para dela tirar as verdades que deve ensinar.

Os protestantes adotam também a Bíblia, porém escolhem e adotam apenas os textos que lhes dão no gôsto... O resto para êles não serve, nem tem valor, ou dão-lhe o sentido que êles querem.

II. A TRADIÇÃO

A palavra divina não está inteiramente na Bí-

http://www.obrascatolicas.com

blia; e, limitando-nos à expressão de Jesus Cristo, ela não se encontra inteira nos Evangelhos.

São João nos diz ao terminar o seu Evangelho: *Muitas outras coisas há que fêz Jesus: as quais, se se escrevessem uma por uma, creio que nem no mundo todo poderiam caber os livros que seria preciso escrever.* (Jo. 21,25).

Eis-nos, pois, em frente de dois fatos certos:

O primeiro é que o Evangelho não contém tôdas as palavras de Jesus.

O segundo é que mesmo se tivéssemos no Evangelho tôdas as palavras de Jesus, não teríamos por isso tudo o que Êle nos quis ensinar, pois no mesmo Evangelho ouvimos o Salvador dizer a seus Apóstolos: *Ainda tenho muitas coisas que dizer-vos; mas não o podeis suportar agora.*

Logo, existe uma outra fonte de verdade, além do Evangelho, donde devemos receber os ensinamentos de Jesus, e os que o Espírito Santo revelou aos Apóstolos.

E' a *Tradição*, ou simplesmente: a *transmissão oral.*

Para compreender bem o que é a Tradição, é o bastante lembrar-nos como fizeram os Apóstolos para transmitirem ao mundo a palavra de Deus da qual eram depositários.

Não começaram a *escrever;* poucos entre êles o fizeram, e isso muito tardio; *falaram,* pregaram.

Aquêles que ouviram a palavra de Deus, no ensino dos Apóstolos e primeiros sucessores, transmitiram-na a outros; e é dêste modo, de transmissão em transmissão, que chegou até nós, escrita particularmente pelos santos padres, na liturgia, nas decisões dos Papas e nos Concílios.

III. CONCLUSÃO

Eis como nós conhecemos perfeitamente certas verdades que estão apenas *implìcitamente* contidas na Bíblia.

Sabemos, por exemplo, que o sábado judaico foi substituído pelo domingo, e isso no tempo dos Apóstolos, em lembrança da ressurreição de Jesus Cristo e de Pentecostes.

Conhecemos a Imaculada Conceição de Maria Santíssima, a sua apresentação ao templo, a sua ressurreição e assunção, a sua mediação universal, etc.; umas tantas verdades implìcitamente contidas no Evangelho, embora não claramente expressas.

E' a Tradição que nos transmitiu estas verdades.

Quando a Igreja quer *definir* um dogma, ela verifica primeiro a sua presença na *Sagrada Escritura* e na *Tradição;* e só depois, assistida e preservada do êrro, pelo Espírito Santo, ela inscreve esta verdade no catálogo das verdades que todo cristão deve crer, para poder salvar-se.

http://www.obrascatolicas.com

V. DOMINGO DEPOIS DA PÁSCOA
(Jo. 16, 23-30)

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos:

23. *E naquele dia não me interrogareis sôbre nada. Em verdade, em verdade vos digo: se vós pedirdes a meu Pai alguma coisa em meu nome, êle vo-la dará.*

24. *Até agora não pediste nada em meu nome: pedi e recebereis, para que o vosso gôzo seja completo.*

25 *Eu vos disse estas coisas em parábolas. Mas virá o tempo em que não vos falarei já por parábolas, mas abertamente vos falarei do Pai.*

26. *Nesse dia pedireis em meu nome: e não vos digo que hei de rogar ao Pai por vós:*

27. *Porque o mesmo Pai vos ama, porque vós me amastes, e crestes que eu saí do Pai.*

28. *Eu saí do Pai, e vim ao mundo: outra vez deixo o mundo, e vou para o Pai.*

29. *Disseram-lhe seus discípulos: Eis que agora falas claramente, e não usas de nenhuma parábola:*

30. *Agora conhecemos que tu sabes tudo, e que não é necessário que alguém te interrogue: por isso cremos que saiste de Deus.*

O CÉU

Jesus disse: *Deixo agora o mundo e volto para junto do Pai.*

Cada um de nós na hora da morte devia poder repetir estas palavras: Nós também deixaremos o mundo... mas poderemos nós ajuntar: *Vou para junto do Pai,* isto é: vou para o céu?

Esperemo-lo; e para afirmar êste desejo do céu, e nos estimular a tomarmos os meios que nos conduzem para a nossa Pátria celeste, consideremos hoje:

1. A NATUREZA do céu.
2. A GLÓRIA do céu.

I. A NATUREZA DO CÉU

O céu é o lugar onde Deus se manifesta a seus eleitos e os faz participantes da sua felicidade eterna.

E' um dogma de fé fundado na Sagrada Escritura, na TRADIÇÃO e na RAZÃO.

Provede-vos de um tesouro inexaurível no céu, diz o Salvador. (Luc. 12, 33).

São Paulo apresenta-nos o céu como:

O têrmo das nossas esperanças. (Col. 1, 5).

A herança dos santos. (Col. 1, 12).

A moradia eterna, onde os eleitos receberão o galardão das suas obras. (2 Cor. 5, 1).

A razão nos diz que, não havendo justiça cá

http://www.obrascatolicas.com

na terra, deve haver na outra vida uma *recompensa* (o céu) para a virtude, e um *castigo* (o inferno) para os perversos.

E' uma crença comum de tôda a humanidade.

Todos esperam uma vida futura, onde será perfeita a felicidade dos justos. Até aquêles que negam o inferno admitem a existência do céu.

Para que esta felicidade seja perfeita deve haver no céu *isenção* de todo mal, e a *posse* de todos os bens.

Isenção, pois, do mal físico e moral, e posse do bem supremo que é Deus, vendo-o face-a-face, como recompensa da sua fé. *Acreditei, agora vejo,* mandou escrever sôbre o seu túmulo o grande Luiz Veuillot.

A visão de Deus será a recompensa da *fé* dos eleitos.

A posse de Deus será a recompensa da sua *esperança.*

O gôzo de Deus será a recompensa da sua *caridade.*

II. GLÓRIA DO CÉU

Analisemos uma instante os componentes da glória do céu.

Esta glória é formada de dois elementos:

1. A *visão* beatífica.
2. O *amor* beatífico.

Em outros têrmos: a *vista* e o *amor* de Deus.. E' um artigo de fé.

A *visão* beatífica (ou intuitiva) consiste em ver a Deus, como êle é. *Por enquanto,* diz S. Paulo, *nós vemos a Deus como num espêlho, em enigma, mas então o veremos face a face.* (I Cor. 13, 12).

Esta visão de Deus, embora *intuitiva,* não é entretanto *compreensiva,* porque é impossível a uma inteligência finita compreender o infinito.

O objeto desta visão é:

1. *O próprio Deus,* sua essência, seus atributos, suas três pessoas, suas obras particularmente: os eleitos, e mais particularmente nossos pais, parentes, amigos.

2. Os mistérios que só a fé nos revela, que brilharão então em todo o seu fulgor, como verdades inteligíveis.

3. *Tudo o que diz respeito* às funções que preenchiam outrora.

Um Papa, por exemplo, seguirá o govêrno da Igreja; um Bispo, o movimento da sua diocese; um Vigário, as obras da sua paróquia; os pais seguirão a vida de seus filhos, etc.

O amor beatífico é consequência da visão beatífica. E' impossível contemplar a Deus, sem ficar como inebriado de delícias, que nós desconhecemos cá na terra. *Nem o ôlho viu, nem o ouvido ouviu, nem jamais passou pelo pensamento do homem o que*

http://www.obrascatolicas.com

Deus preparou para aquêles que o amam. (I Cor. 2, 9).

Todos os eleitos gozarão plenamente esta dupla glória, embora em grau diferente.

Duas felicidades podem ser perfeitas, embora uma seja muito maior que a outra. A felicidade será proporcionada aos merecimentos e ao grau de santidade do eleito.

A criancinha inocente, morta após o batismo, será perfeitamente feliz, e, gozará de uma glória perfeita, como o será o mártir invicto, o lutador encanecido, o contemplativo ascético.

Uma é a claridade do sol, outra a claridade da lua e outra a claridade das estrêlas, diz o Apóstolo (I Cor. 15, 41).

E o que completa esta glória, é que será *inamissível,* eterna. *A vida eterna,* diz S. Pedro, *é uma coroa de glória que não murcha.* (I Pet. 1, 4).

Aqui na terra tôda felicidade é incompleta e efêmera, porque estamos sempre sujeitos a perdê-la...

Só a glória celeste é perfeita.

III. CONCLUSÃO

Somos criados para o céu.

E' a nossa única Pátria permanente.

A terra é uma viagem... um destêrro... um campo de luta, onde devemos conquistar a coroa.

O céu está ao alcance de todos, êle será dado a todos que morrem isentos de pecados e de penas

devidas aos pecados, como diz o Concílio de Florença.

Meditemos bem a resposta que Nosso Senhor deu aos Apóstolos, perguntando-lhe se o número de salvos seria reduzido: *Esforçai-vos por entrar pela porta estreita* (da penitência), *porque vos digo que muitos procurarão entrar* (por outra porta), *e não poderão.*

O Apóstolo nos dá êste precioso conselho: *Operai a vossa salvação com mêdo e com temor.* (Filip. 2, 12).

Longe de nós a presunção dos protestantes, que se dizem *salvos.* Longe de nós também a negligência do covarde, que julga tudo *difícil.*

Deus quer a nossa salvação. Êle nos dá os meios necessários para a prática da Religião.

Pratiquemos, pois, a nossa santa Religião, e o céu será nosso.

http://www.obrascatolicas.com

VI. DOMINGO DEPOIS DA PÁSCOA
(Jo. 15, 26-27; 16, 1-4)

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos:

26. *Quando vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da Verdade, que procede do Pai — êsse dará testemunho de mim.*

27. *E também vós dareis testemunho de mim, porque estais comigo desde o princípio.*

1. *Tenho-vos dito estas coisas, para que não vos escandalizeis.*

2. *Expulsar-vos-ão das sinagogas; e virá a hora em que todo aquêle que vos matar julgará prestar um serviço a Deus.*

3. *Desta forma vos hão de tratar, porque não conhecem nem o meu Pai, nem a mim.*

4. *Ora, disse-vos estas coisas, para que, quando chegar essa hora, vos lembreis de que eu vo-las disse.*

OS MARTIRES

O Evangelho de hoje nos revela uma das notas características da verdadeira Religião: o martírio.

Jesus diz aos Apóstolos que, depois de terem

recebido o Espírito Santo, haviam de dar *testemunho dêle*, e determina a espécie de testemunho que dêles espera: o martírio: *Virá a hora em que todo aquêle que vos matar, julgará prestar um serviço a Deus.*

Vejamos, pois, hoje:

1. AS PERSEGUIÇÕES e os mártires
2. O VALOR DO TESTEMUNHO dos mártires.

I. AS PERSEGUIÇÕES E OS MARTIRES

São conhecidas as grandes e bárbaras perseguições dos primeiros séculos e o número quase incalculável de mártires que deram a vida em testemunho da sua fé.

E' uma prova sem réplica da divindade da Religião Católica.

"Acredito de boa vontade em testemunhas que se deixam matar", dizia Pascal.

O paganismo, abalado em suas superstições pela fé intrépida dos discípulos de Jesus Cristo, dirigiu contra êstes todo o ódio e a fôrça de um poder despótico.

Daí uma perseguição quase contínua durante os primeiros séculos, desde Nero, no ano 64, até Diocleciano, em 313. Escritores pagãos e cristãos são unânimes em atestar a duração e a intensidade destas perseguições, que fizeram mais de *treze mil lhões* de vítimas. Os catálogos são incompletos e, apesar disso, os escritores avaliam em treze milhões os mártires dos cinco primeiros séculos.

http://www.obrascatolicas.com

Latâncio escreveu nesse tempo: Tôda a terra se achava cruelmente atormentada.

Eusébio, outro historiador da época, diz: E' impossível fazer-se uma idéia da multidão que sucumbiu por tôda a parte.

O imperador Diocleciano mandou até erigir uma coluna com esta inscrição: *Nomine christianorum deleto*. O nome dos cristãos está destruído.

Eis os fatos, mas êstes fatos adquirem um valor probativo extraordinário, lembrando-se que tais perseguições e êstes martírios foram preditos.

No Evangelho da ascensão, Jesus predisse aos Apóstolos que fariam milagres estupendos para converter o mundo; e hoje Êle lhes anuncia as perseguições e o martírio.

Como conciliar êstes dois fatos?

Humanamente é impossível.

Farão milagres; e êstes milagres atrair-lhes-ão perseguições!

Curarão os enfermos, ressuscitarão mortos, e não poderão impedir que êles mesmos sejam feridos e condenados à morte!

Coisa estranha! E ambas as profecias realizaram-se ao pé da letra.

Da propagação maravilhosa do Evangelho, devemos concluir que esta Religião é divina.

Das perseguições e do martírio dos discípulos dêste Evangelho, devemos também concluir que esta Religião é divina.

E' a prova e a contraprova, completando-se divinamente.

II. VALOR DO TESTEMUNHO DOS MÁRTIRES

Durante *três séculos, treze milhões* de cristãos de tôdas as idades, de ambos os sexos, de tôdas as condições, no meio de horríveis suplícios sacrificaram livremente a vida, quando com uma única palavra podiam salvá-la; sacrificaram-na, calma e refletidamente, sem interêsse pessoal, ùnicamente pela fé e por Deus, a favor da Religião que professavam.

Será isso natural?

Nunca!

Quem pode inspirar tamanha coragem unida a tantas virtudes?

E' o caso de dirimir tôda discussão, com o argumento de Tertuliano: "E' incrível, logo é divino!" ou o parecer de Pascal: "Tenho fé em testemunhas que se deixam matar para sustentar a deposição!"

Sim, a Religião *que inspira tais convicções* e coragens não pode vir senão de Deus.

Não objetem que tôdas as religiões tiveram os seus mártires.

Seria uma objeção que denota ignorância completa da história.

Tais pretensos mártires que os protestantes, maometanos e até idólatras nos apresentam, nada têm de comum com os mártires do catolicismo.

Se consultarmos a história imparcial (não a de César Cantú, falsificada) veremos que o protestante morre com o ódio no coração, o maometano com a espada na mão, o indu com a superstição no espírito.

http://www.obrascatolicas.com

O primeiro armou-se em ódio à Igreja Católica; o segundo, por desejo de conquista; o terceiro, por orgulho, ou por ambição, mas nenhum dêles dá a sua vida por uma crença, pela verdade ou pela virtude.

São fanáticos obcecados, são ambiciosos: não são *mártires*, e nada têm de comum com as nossas virgens, com os nossos confessores, com os nossos santos, que dão a vida para conservar a sua virtude, a sua fé, e provar o seu amor a Deus.

Há neste modo de morrer a marca do sobrenatural e o sinal de uma intervenção divina em favor da Religião que professam, que defendem e para a qual se sacrificam.

III. CONCLUSÃO

Para resumir estas provas do *martírio*, em prol da divindade da Religião Católica, notemos que êstes heróis não deram a sua vida em tesmunho de uma *idéia*, mas sim de um *fato*.

Morrer em defesa de uma idéia não é um argumento decisivo em favor desta idéia, pois alguém pode ficar convencido de uma idéia falsa, que julga certa. Morrendo para tal idéia, êste homem dá testemunho de sua *boa fé*, e nada mais.

Mas morrer em defesa de *um fato* é outra coisa. Os Apóstolos respondiam muito bem aos fariseus que lhes proibiam falar em nome de Jesus Cristo: *Não podemos calar o que temos visto e ouvido.*

Viram fatos, milagres, ouviram doutrinas; e é

disso que dão testemunho, selando êstes testemunhos com o seu próprio sangue.

No testemunho dos mártires, trata-se de *fatos*: do fato da vida, santidade e ensinos de Jesus Cristo, e para testemunhar êstes fatos, o mártir dá o seu sangue.

Êste sangue é uma voz que clama mais alto que o sangue de Abel: é a voz da fidelidade e do amor.

Fidelidade à Religião de Jesus Cristo, como sendo a única divina. Amor a Jesus Cristo, que merece ser amado acima da própria vida. A Religião que inspira tal heroísmo é uma Religião divina.

---

http://www.obrascatolicas.com

DOMINGO DE PENTECOSTES
(Jo. 14, 23-31)

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos:

23. *Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos a êle, e faremos nêle a nossa habitação.*

24. *Aquêle que não me ama, não guarda as minhas palavras. Ora, a palavra que tendes ouvido, não é minha, mas de meu Pai que me enviou.*

25. *Disse-vos tudo isso, enquanto andava convosco.*

26. *Mas o Consolador, o Espírito Santo, que o Pai há de enviar em meu nome, êsse vos ensinará tôdas as coisas e vos fará lembrar tudo quanto eu vos tenho dito.*

27. *Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz; não vo-la dou assim como o mundo a dá. Não se perturbe o vosso coração, nem se atemorize.*

28. *Ouvistes o que eu vos disse: Vou, e torno a vós. Se me amásseis, certamente folgaríeis de que eu vá para junto do Pai, porque o Pai é maior do que eu.*

29. *E eu vo-lo disse agora, antes que suceda, para que, quando suceder, acrediteis.*

30. *Já não falarei muito convosco, porque vem o príncipe dêste mundo; sôbre mim, porém, não tem poder algum.*

31. *Mas isto acontece para que o mundo conheça que eu amo ao Pai, e faço o que o Pai me ordenou.*

O ESPÍRITO SANTO

No Evangelho de hoje, Jesus nos dá o mais amplo conhecimento do Espírito Santo, mostrando o que Êle é e o que faz neste mundo, enquanto a Epístola do dia narra pormenorizadamente a descida do Espírito Santo sôbre os Apóstolos, e os maravilhosos efeitos de transformação que operou nêles.

Para conhecer bem esta importante doutrina, vejamos:

1. QUEM E' o Espírito Santo.
2. Qual é a sua OBRA VISíVEL.

I. QUEM E' O ESPÍRITO SANTO

O Espírito Santo é a terceira pessoa da Santíssima Trindade, e procede do Pai e do Filho.

Para compreender bem tal procedência, é preciso distinguir a *natureza* e a *pessoa*.

A natureza é a essência de uma coisa, considerada como princípio de operação.

A personalidade é aquilo pelo qual uma subs-

http://www.obrascatolicas.com

tância completa e racional é *sui juris*, ou pertence a si mesma.

Em Deus, a personalidade não se distingue realmente da sua natureza, como acontece nas coisas criadas. A personalidade é *essencial* à natureza divina.

Dizendo, pois, que o Espírito Santo é a *terceira Pessoa* da Sma. Trindade, não quer dizer que seja de menor importância que as duas outras, porque é designada por último.

As *Três Pessoas* são iguais *em tudo*, porque é *um só* e mesmo Deus, porém é impossível designá-las tôdas juntamente.

Adotou-se esta ordem em atenção à *origem*, nomeando: primeiro o *Pai* que gerou o Filho, depois o *Filho* que unido ao Pai, e pelo amor recíproco, forma o *Espírito Santo*.

"O Espírito Santo procede do Pai e do Filho, diz Sto. Tomás, assim como o calor vem do sol e do raio; ou como o fruto vem, a um tempo, da raíz e do tronco".

Êste dogma baseia-se na *Escritura* Santa e na *Tradição*.

a) O Evangelho no-lo mostra claramente. Nosso Senhor diz: *Quando vier o Consolador que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da Verdade.* (Jo. 16, 1).

E no Evangelho de hoje: *O Consolador, o Espírito Santo que o Pai há de enviar em meu nome, vos ensinará tôdas as coisas.*

Estas palavras mostram que o Espírito Santo procede, não só do Pai, mas também do Filho; porque se Êle é enviado, tanto pelo Filho como pelo Pai, é sinal que procede de ambos.

b) Na Tradição vemos que todos os Santos Padres da Igreja nos primeiros séculos ensinam esta mesma verdade, o que prova que esta doutrina era parte integrante da fé católica.

II. A OBRA VISíVEL DO ESPíRITO SANTO

Assim como houve uma grande manifestação do Pai, na obra da *criação*, do Filho na obra da *redenção*, vemos também o Espírito Santo revelando-se em duas ocasiões memoráveis: no *Batismo* de Nosso Senhor, sob a forma de uma pomba, e no dia de *Pentecostes*, sob a forma de línguas de fogo.

A pomba é a imagem da mansidão, da bondade, da paciência, que distinguia o divino Redentor.

As línguas de fogo são o símbolo da *luz*, do *calor* e do *fogo*, porque o ofício do Espírito Santo é iluminar as inteligências, aquecer os corações e fazer arder as almas.

O Espírito Santo é, de fato:

A LUZ das inteligências, fazendo compreender a palavra divina.

O CALOR dos corações, excitando-os ao amor de Deus.

O FOGO das almas, pelo zêlo e o apostolado

http://www.obrascatolicas.com

no bem. Êle produziu todos êstes efeitos na Pessoa dos Apóstolos, no dia de Pentecostes.

A Epístola nos diz que, apenas puseram-se sôbre a cabeça dos Apóstolos as línguas de fogo, logo êles, *cheios do Espírito Santo, começaram a falar diversas línguas.*

Pedro, antes tímido e medroso, levanta-se e, cheio de ardor, prega o Evangelho aos judeus reunidos em Jerusalém, *e os que receberam a sua palavra foram batizados; e ficaram agregadas naquele dia cêrca de* 3.000 *pessoas.* (Atos, 2, 41).

Que luz admirável, que amor generoso, que zêlo intrépido na alma de Pedro e dos outros Apóstolos, após terem recebido o Espírito Santo!

A transformação é completa.

E esta transformação é a obra do Espírito Santo.

III. CONCLUSÃO

Além da missão visível, o Espírito Santo tem também uma missão *invisível.*

Do mesmo modo que êle visitou os Apóstolos, visita nossas almas, e produz nelas efeitos análogos àqueles do domingo de Pentecostes; sòmente a sua visita é invisível, e não o conhecemos senão pela fé: E' a *santificação* das almas pela *graça.*

E' certo que, pela graça santificante, vêm as Três Pessoas divinas habitar em nosso coração. Jesus disse: *Se alguém me amar... meu Pai há de amá-lo, e nós viremos a êle, e nêle faremos morada.* (Jo. 14, 23).

Esta morada de Deus na alma é atribuída especialmente ao Espírito Santo, porque é *obra do amor* divino, e porque o Espírito Santo procede do Pai e do Filho, como seu *amor mútuo.*

E' o que exprimia São Paulo dizendo: *O amor de Deus é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.* (Rom. 5, 5).

E ainda: *Não sabeis porventura que sois o templo de Deus, e que em vós habita o Espírito de Deus?* (I Cor. 3, 16).

Como sendo santificador das almas, o Espírito Santo deve ser honrado e invocado de modo especial pelos católicos, como o faz a Igreja, fazendo preceder as reuniões pela recitação do *"Vinde Espírito Santo"* e cantando nas solenes cerimônias o *"Veni Creator Spiritus".*

Lembremo-nos dêle, fazendo o sinal da cruz, e invoquêmo-lo no comêço dos principais exercícios do dia, recitando piedosamente: *Vinde, Espírito Santo!...*

http://www.obrascatolicas.com

DOMINGO DA SANTÍSSIMA TRINDADE
(Mat. 28, 18-20)

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos:

18. *Foi-me dado todo poder no céu e na terra.*

19. *Ide, pois, instruí a todos os povos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo.*

20. *Ensinando-os a observar tôdas as coisas que eu vos tenho mandado. E eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos.*

O BATISMO

O Evangelho de hoje nos dá a fórmula sagrada do Sacramento do Batismo: *Ide, ensinai a todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.*

O Batismo é um Sacramento instituído por Jesus Cristo, que apaga o pecado original, e nos faz cristãos, filhos de Deus e da Igreja.

E' um Sacramento cuja recepção é absolutamente necessária para entrar no céu (necessidade de meio) sob uma das três formas sob que se apresenta: o batismo de *água*, de *desejo* ou de *sangue*. Entremos nos pormenores da:

1. INSTITUIÇÃO divina do Batismo.
2. EFEITOS do Batismo.

I. A INSTITUIÇÃO DIVINA

O Batismo é um verdadeiro Sacramento da Nova Lei.

E' um *artigo de fé*, baseado na *Sagrada Escritura* e na *Tradição*.

E' certo que foi Nosso Senhor quem instituiu o Batismo, embora haja discussão sôbre a época desta instituição. O mais provável é que foi na ocasião de seu Batismo de penitência no Jordão, por João Batista. Nesta ocasião, Jesus Cristo santificou as águas pelo contato de sua carne imaculada, comunicando-lhes, dêste modo, a dignidade de servir no rito sacro.

Jesus afirmou a necessidade do Batismo em sua palestra com Nicodemos, e depois foi *com seus discípulos ao país da Judéia, batizando.* (Jo. 3, 22). Pode-se supor que nesta ocasião Jesus batizou os seus Apóstolos e lhes ensinou a batizar, de modo que depois da Ressurreição Êle não instituiu o batismo, mas promulgou-o solenemente, como sendo de absoluta necessidade para a salvação.

E' o que o Evangelho de hoje nos narra pormenorizadamente Jesus diz que todo o poder lhe foi dado no céu e na terra, e transmite êste poder

http://www.obrascatolicas.com

aos Apóstolos, dizendo-lhes que devem ir a todos os povos, instruí-los, batizá-los, e ensinar-lhes a observar tudo o que lhes tinha mandado: e que Êle ficaria com êles até à consumação dos séculos.

Êste texto é mais uma *promulgação* do Batismo do que uma instituição, pois, além do Batismo, lembra-lhes os deveres que lhes impõe: a observância da Lei de Deus.

Êste Batismo de Jesus Cristo nada tem de comum com o de João Batista, que era um Batismo de *penitência* e não de regeneração. Êste último era uma preparação ao Batismo *regenerador* de Jesus.

II. EFEITOS DO BATISMO

O Batismo produz um quádruplo efeito naqueles que o recebem.

1. *Apaga todos os pecados*: pecado original para crianças; pecado original e pecados atuais nos adultos. *Fazei penitência,* diz S. Pedro aos judeus, *e receba cada um de vós o Batismo em nome de Jesus Cristo, para remissão dos pecados.* (Atos, 2, 38).

2. *Perdoa tôdas as penas* devidas aos pecados, mas não destrói a concupiscência, nem isenta das misérias, nem da morte.

3. *Confere a graça* santificante e a graça *sacramental.*

A graça santificante é sempre acompanhada pelas virtudes infusas e os dons do Espírito Santo.

O *desejo* e o *martírio* não constituem um sacramento nem imprimem o caráter, mas produzem apenas o efeito de conferir a graça, a qual apaga o pecado original.

4. *Imprime na alma um caráter* indelével; é por isso que pode ser administrado uma vez só.

Êste caráter torna o cristão capaz de receber os demais sacramentos, sendo por isso chamado: a porta da Igreja.

Atenta a sua absoluta necessidade, o batismo de *água* (por infusão, isto é: derramando água sôbre a cabeça do batizando) pode ser suprido pelo batismo de *desejo,* havendo impossibilidade de recebê-lo, ou pelo *martírio,* derramando-se o sangue por causa de Jesus Cristo.

O *desejo* e o martírio não constituem um sacramento nem imprimem o caráter, mas produzem apenas o efeito de conferir a graça, a qual apaga o pecado original.

III. CONCLUSÃO

Sendo o Batismo um Sacramento de *necessidade de meio,* é um dever grave para os pais fazer batizar as crianças quanto antes, o mais possível no primeiro mês.

Para se batizar, basta ter a intenção de administrar êste Sacramento, ou de fazer o que faz a

http://www.obrascatolicas.com

Igreja, derramar água sôbre a cabeça do batizando, dizendo ao mesmo tempo: *Eu te batizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.*

E' costume muito antigo na Igreja haver sempre um padrinho, o mais possível do mesmo sexo do batizando, sendo permitido haver padrinho e madrinha (Cân. 764).

O que dá o Batismo e os padrinhos contraem parentesco espiritual com o batizando sòmente — (Cân. 768).

Para ser vàlidamente padrinho é preciso: Ser batizado, ter o uso da razão; não ser hereje, nem excomungado, não ser pai nem mãe do batizando e segurar a criança, ou tocar nela, por si ou por um procurador, no instante do Batismo. (Cân. 761).

Para a liceidade, é preciso que os padrinhos tenham 14 anos para cima, sejam honrados, conheçam as noções da fé e tenham licença do superior se forem do estado eclesiástico ou religioso. (Cân. 766).

No Batismo impõe-se o nome de *um santo*, que sirva ao batizando de exemplo e de protetor.

E' proibido pela Igreja, como pelo bom senso, impôr nomes extravagantes ou nomes de herejes, pagãos ou homens sem fé.

Consultem os pais um calendário católico, e encontrarão ali milhares de nomes de santos e de santas, harmoniosos, expressivos e belos, em vez de nomes índios, africanos, e muitas vêzes ridículos, se não deprimentes.

II. DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES
(Luc. 14, 16-24)

Naquele tempo, propôs Jesus aos fariseus a seguinte parábola:

16. *Um homem preparou uma grande ceia, para a qual convidou muita gente.*

17. *E à hora da refeição, mandou um dos seus servos dizer aos convidados que viessem, porque tudo estava pronto.*

18. *Mas todos à uma começaram a excusar-se. Disse o primeiro: Comprei uma casa de campo, e preciso ir vê-la; rogo-te me dês por excusado.*

19. *Outro disse: Comprei cinco juntas de bois, e vou experimentá-los; rogo-te me dês por excusado.*

20. *Um terceiro disse: Casei-me e por isso não posso ir.*

21. *Voltou, pois, o servo e referiu tudo ao seu senhor. Então, o pai de família, indignado, disse ao servo: Sai depressa pelas ruas e becos da cidade, e conduze-me aqui os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos.*

22. *Respondeu-lhe o servo: Senhor, está feito o que mandaste e ainda há lugar.*

http://www.obrascatolicas.com

23. *Disse então o senhor ao servo: Sai pelos caminhos e ao longo dos cercados, e obriga a gente a entrar, para que se encha a minha casa.*

24. *Porque eu vos declaro que nenhum daqueles que foram convidados provará a minha ceia.*

NECESSIDADE DA RELIGIÃO

O pai de família ficou indignado, diz o Evangelho, ao ver que o seu convite fôra recusado.

Ora, êste convite que o Pai celestial dirige a todos é o de entrar em sua casa, de serví-lo, de pertencer-lhe neste mundo, para pertencer-lhe no céu.

Em outros têrmos, o convite ao qual devemos responder, é o de praticar a *Religião.*

A Religião é necessária, porque ela é:

1. UM DIREITO de Deus.
2. UMA NECESSIDADE para os homens.

I. O DIREITO DE DEUS

Nós somos as criaturas de Deus.

Ora, um objeto pertence a quem o fêz: Uma estátua pertence ao escultor; um quadro, ao pintor; o mundo, a Deus.

Considerai o mundo: tudo é submisso a Deus.

Os objetos inanimados, as plantas, os animais, tudo segue as normas estabelecidas por Deus.

E' incontestado o domínio de Deus sôbre os menores insetos, como sôbre os astros imensos.

O homem é criatura de Deus como as demais; êle deve, pois, como todo o resto, ficar submisso ao domínio e à vontade do Criador.

O homem, porém, é um ser inteligente e livre; deve, pois, empregar a sua inteligência para conhecer a supremacia divina; e a sua liberdade para submeter-se a ela.

A submissão dos demais sêres da natureza é cega e sem mérito: a do homem deve ser racional, aceita livremente, para ser meritória.

Deus não pode desinteressar-se dos homens; não pode permitir que fiquem independentes dêle; como não permitiu que o mais luminoso dos anjos dissesse: *Non serviam!* como não permitiu que o primeiro homem dissesse: *Serei como Deus,* isto é, independente dêle.

Não permite que um filho de Adão diga: Não preciso de Deus... não quero depender dêle.

Ora, a Religião é precisamente a submissão à vontade de Deus manifestada.

Deus, tem, pois, direito a esta submissão.

II. A NECESSIDADE DO HOMEM

O homem deve ser honesto e feliz; e é a Religião que dá um e outro. Como permanecer honesto sem Religião?

E' impossível!

Somos continuadamente tentados; entre nós e o mal existe a barreira do *dever;* porém, a paixão nos brada: pula por cima!

Um dia ou outro, e talvez mais cedo do que pensamos e queremos, nós acabaremos pulando por cima dêste devér, isto é, passaremos a barreira, para cair... no mal.

Havendo qualquer coisa que nos arrasta para o mal, deve haver também qualquer coisa que nos ajude a afastar-nos dêle. Que será?

Nem o sentido de honra, do dever nem da consciência podem fazê-lo.

Só a Religião. Sem ela não pode haver honestidade perfeita. O homem irreligioso nunca pode ser perfeitamente honesto, pois fica sempre uma dívida que lhe resta a pagar: a dívida para com Deus.

E como ser feliz sem Religião?

Mau grado nosso, "o infinito nos atormenta", disse um poeta.

E' impossível impôr um silêncio perpétuo à consciência que murmura vez por outra:

Quem sou eu? Donde venho? Para oude vou? Qual é o meu destino?

Vi morrerem muitas pessoas, e sei que eu também morrerei. — E depois? Não haverá outra vida?

Qual será ela?

Não tenho nada a fazer para preparar-me?

A estas perguntas o bom cristão tem respostas certas, claras e simples, que lhe satisfazem e suavizam o sofrimento passageiro.

Quanto ao incréu, êle não encontra uma resposta a estas perguntas angustiosas...

Para êle, é o futuro incerto, escuro e ameaçador; e sendo capaz de reflexão, a sua felicidade fica perturbado diante da incerteza do futuro.

III. CONCLUSÃO

Sem Religião o homem é, pois, um ser incompleto, truncado, no que tem de mais íntimo e de mais sagrado.

Êle sabe que é *filho*, mas não conhece a seu pai.

Êle sente que é *filho de Deus*: mas desconhece a seu Pai celeste.

Êle sente que depende de Deus: mas vive em revolta contra êste Deus.

Êle sente-se fraco, miserável, desterrado neste mundo, mas ignora a sua Pátria verdadeira, como desconhece Àquele que pode sustentá-lo, consolá-lo.

Êle tem uma inteligência para conhecer a Deus: e só conhece as coisas perecedoras dêste mundo.

Êle tem uma vontade para fazer o bem, e êste bem perde-se nas brumas de um deprimente egoísmo.

Êle tem um coração para amar... o que é grande, o que é belo, o que é divino, e êste coração mendiga umas gotas de amor às criaturas, que não podem satisfazer-lhe os imensos desejos.

Sim, Deus tem direito ao amor de sua criatura; pois a todo *direito* numa pessoa corresponde um *dever* em outra pessoa.

O homem tem o dever de praticar a Religião, devendo encontrar nela a paz e a felicidade.

E' a ordem estabelecida por Deus.

http://www.obrascatolicas.com

III. DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES
(Luc. 15, 1-10)

1. *Naquele tempo, aproximavam-se de Jesus os publicanos e os pecadores para o ouvirem.*

2. *Os fariseus, porém, e os doutores da lei, murmuravam, dizendo: Êste homem acolhe os pecadores e come com êles.*

3. ***Então Jesus propôs-lhe a seguinte parábola:***

4. *Quem é de vós que, possuindo cem ovelhas, e tendo perdido uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto e vai atrás daquela que se perdeu, até a encontrar?*

5. *E havendo-a encontrado, põe-na aos ombros cheio de alegria.*

6. *E, de volta à casa, reúne os amigos e vizinhos, dizendo: alegrai-vos comigo, porque achei a minha ovelha que andava perdida.*

7. *Digo-vos que semelhantemente maior júbilo haverá no céu por um pecador que fizer penitência, do que por noventa e nove que não precisam de fazer penitência.*

8. *Ou, qual a mulher que, possuindo dez dracmas, e tendo perdido uma, não acende a candeia,*

e varre a casa, e a procura com muito afã, até a encontrar?

9. *E tendo-a achado, reúne as suas amigas e vizinhas e lhes diz: Alegrai-vos comigo, porque achei a dracma que havia perdido.*

10. *Assim eu vos declaro que tal será o júbilo entre os anjos do céu por causa de um pecador que fizer penitência.*

MISERICÓRDIA DE DEUS

O Evangelho de hoje é a manifestação tocante da misericórdia divina.

Jesus compara-se a um bom Pastor que deixa um instante o rebanho fiel, e vai à procura da ovelha perdida; e tendo-a encontrado, toma-a sôbre seus ombros, volta para a casa e se alegra por ter encontrado a ovelha fugitiva.

Seguindo passo por passo o Evangelho, encontramos uma tríplice gradação da manifestação desta misericórdia para com o pecador.

1. O pecador AFASTA-SE: Deus se entristece.
2. O pecador FOGE: Deus o procura.
3. O pecador CANSA-SE: Deus o carrega.

I. O PECADOR AFASTA-SE DE DEUS

Pelo Batismo, o homem torna-se filho de Deus e da Igreja.

Esta dupla filiação é inseparàvelmente unida,

http://www.obrascatolicas.com

de modo que, deixando de ser filho da Igreja, o homem deixa de ser filho de Deus, no sentido rigoroso do têrmo: E' o que faz dizer que: fora da Igreja não há salvação; como se dissesse: fora de Deus não há salvação.

Para compreender esta verdade, é preciso distinguir na Igreja: o *corpo* e a *alma*.

Pertence ao corpo da Igreja aquêle que é batizado e não é excomungado.

Pertence à alma da Igreja aquêle que vive na graça de Deus.

O homem afasta-se do *corpo* da Igreja pela heresia, o cisma, a apostasia e a excomunhão.

Afasta-se da *alma* da Igreja pelo pecado mortal.

Dizendo, pois, que "fora da Igreja não há salvação", significa que não se podem salvar os que estiverem no êrro voluntário e culpado, ou que, pertencendo ao corpo da Igreja, não pertencem à sua alma, pois o estado de graça é *necessário* para quem quer se salvar.

O pecador pertence ao corpo da Igreja; é membro do rebanho de Jesus Cristo, como a ovelha desgarrada é membro do rebanho, porém o homem se afasta dêste rebanho, cometendo o pecado mortal.

Afasta-se de Deus... e êste afastamento contrista profundamente o coração de Deus.

As vossas iniquidades vos separam de Deus, diz o profeta. (Is. 59, 2).

Se dissermos que temos sociedade com Deus, e

andamos nas trevas do pecado, mentimos e não praticamos a verdade, diz São João. (I Jo. 1, 6).

Deus podia castigar o rebelde, mas não; espera, chora a sorte do infeliz, como o pai do filho pródigo chorava a sorte do filho fugitivo.

II. O PECADOR FOGE DE DEUS

Não sòmente o pecador se afasta de Deus, mas foge e vai embrenhar-se nos espinhos do vício, longe do rebanho e longe da casa paterna.

Que desavença:

O filho foge de seu pai!
O necessitado foge de seu benfeitor!
O enfêrmo foge do médico!
O faminto foge do banquete!
A criatura foge de seu Criador!

Deus podia abandonar à sua triste sorte o pobre fugitivo, e êste encontraria castigo em seu próprio pecado, mas Êle *não quer a morte do pecador, mas sim que se converta e viva.* (Ez. 33, 11).

Mais longe foge o pecador, com mais misericórdia, Deus o persegue, abrindo-lhe os braços e o coração para que se arrepende e volte à casa paterna.

O filho pródigo desperdiçava os seus haveres e depois vivia na miséria enquanto o pai ia diàriamente à beira da estrada, esperando a volta do filho pródigo arrependido.

Deus corre atrás do pecador, murmurando-lhe

http://www.obrascatolicas.com

aos ouvidos as tocantes lamentações de Isaías: *Ouví, céus, e tu, ó terra... Criei filhos e engrandecí-os; porém êles me desprezaram.* (Is. 1, 2).

Que coisa há que eu devia fazer... que não tenha feito? (Is. 5, 4).

O' meu povo, que vos fiz eu, ou em que te agravei, responda-me? (Mq. 6, 3).

Não sou eu o teu pai, quem te possuo, quem te fêz e te criou? (Dt. 32, 6).

Tu abandonas, então, o Deus que te gerou; e tu, criatura, tu te esqueces de teu Senhor? (Dt. 32, 18).

E Deus espera... espera 20, 30, 80 anos, até que o arrependimento entre nesta alma e ela se lance nos braços da misericórdia divina.

Pode u'a mulher esquecer-se de seu filho e não ter compaixão do fruto de seu seio. E se ela o esquecesse, eu não me esquecerei de vós, diz Deus, pelo profeta. (Is. 49, 15).

III. CONCLUSÃO

Quando o arrependimento penetra a alma do pecador, Deus não espera que êle mesmo volte, mas, como diz o Evangelho, *Êle o põe sôbre os ombros alegremente,* e o leva até à casa paterna.

De fato, o pecador, sem a graça de Deus, não pode converter-se; mas Deus lhe dá esta *graça,* carregando-o, como em seus braços, pela graça preventiva, fazendo penetrar nêle a graça santificante, que lhe restitui o seu título de filho de Deus.

A satisfação desta conversão é tão grande, que Jesus Cristo não hesita em dizer: *que haverá mais júbilo no céu por um pecador que fizer penitência, do que por noventa e nove justos que não têm necessidade de penitência; e que haverá júbilo entre os anjos de Deus por um pecador que faz penitência.* (Lc. 15, 10).

Será possível imaginar uma misericórdia mais intensa, mais extensa e mais convidativa?

E' impossível!

Deus é a própria misericórdia, sendo êste o atributo de que mais se glorifica: *Misericordiam volo et non sacrificium.* (Mat. 12, 7).

IV. DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES
(Luc. 5, 1-11)

1. *Naquele tempo, estava Jesus no lago de Genezaré, e a multidão do povo se atropelava para ouvir a palavra de Deus.*

2. *E viu duas barcas que estacionavam à borda do lago: e os pescadores tinham saído e lavavam as redes.*

3. *E entrando numa destas barcas, que era a de Simão, rogou-lhe que se afastasse um pouco da terra. E estando sentado, ensinava o povo da barca.*

4. *E quando acabou de falar, disse a Simão: Faze-te mais ao largo, e lançai as vossas redes para pescar.*

5. *E respondendo, Simão disse-lhe: Mestre, tendo trabalhado tôda a noite, e não apanhamos nada: porém, sob a tua palavra lançarei a rede.*

6. *E tendo feito isto, apanharam grande quantidade de peixes, e a sua rede se rompia.*

7. *E fizeram sinal aos companheiros que estavam na outra barca, para que os viessem ajudar. E vieram e encheram tanto ambas as barcas, que quase se afundavam.*

8. *E Simão Pedro, vendo isto, lançou-se aos pés de Jesus, dizendo: Retira-te de mim, Senhor, pois eu sou um homem pecador.*

9. *Porque tanto êle como todos os que se encontravam com êle ficaram possuídos de espanto, por causa da pesca de peixes que tinham feito:*

10. *E o mesmo tinha acontecido a Tiago e a João, filho de Zebedeu, que eram companheiros de Simão. E Jesus disse a Simão: Desta hora em diante serás pescador de homens.*

11. *E trazidas as barcas para a terra, deixando tudo, seguiram-no.*

PAPADO E EPISCOPADO

O Evangelho diz que havia *duas barcas que estavam à margem do lago*, uma pertencendo a Pedro, a outra a Tiago e João.

E' um fato que escapa, às vêzes, às nossas reflexões, mas que tem a sua importância, a sua significação misteriosa.

A barca de Pedro é o papado; ela pertence ao Chefe dos Apóstolos, é nela que Jesus entra e donde Êle ensina, de modo que quem estiver com o Papa, está com Jesus Cristo.

A outra barca é a dos Apóstolos ou do Episcopado; quem entra nela é colaborador de Pedro, ou do Papa, na pesca das almas.

Façamos, pois, esta dupla aplicação:

1. A BARCA DE PEDRO é a imagem do Papado.

2. A BARCA DOS APÓSTOLOS é a imagem do episcopado.

I. A BARCA DE S. PEDRO: O PAPADO

Jesus Cristo é e permanece para sempre o Chefe da Igreja; porém, subindo ao céu, Êle quis ter aqui na terra um delegado, um representante, que fôsse o *chefe visível* de todos os fiéis, dos quais Êle é o *Chefe invisível.*

E' a lei básica da unidade da Igreja.

Jesus escolheu Pedro entre os doze Apóstolos: *Tu és Pedro, e sôbre esta pedra edificarei a minha Igreja.* (Mat. 16, 18).

Uma outra vez Jesus disse: *Confirma os teus irmãos.* (Luc. 22, 32).

E ainda: *Apascenta os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas.* (Jo. 21, 15-17).

A exegese, de acôrdo com a Tradição, nos diz que os cordeiros são os chefes, os pastores, e que as ovelhas são os fiéis.

E' como se Jesus Cristo dissesse: Tu és Pastor Supremo dos Bispos e dos Padres.

Resulta disso que a Igreja é exclusivamente construída sôbre Pedro, ao ponto que aquêle que não está com Pedro não pertence à Igreja de Jesus Cristo.

Resulta ainda disso que Pedro não recebeu uma simples *primazia* de *honra* sôbre os demais Apóstolos, mas de *jurisdição*: êle fica encarregado de conduzir aquêles que são condutores dos outros.

E tudo isso é tão íntimo e inseparàvelmente unido nas palavras do divino Mestre, que se São Pedro não tivesse autoridade sôbre os outros Apóstolos, êstes não a teriam sôbre os fiéis.

Mas Pedro não é imortal, êle deve morrer; é, pois, necessário que tenha *sucessores,* que continuem a sua obra, e sejam, por sua vez, os representantes de Jesus Cristo, na terra.

Devendo confirmar os seus irmãos, é preciso que Pedro não possa errar, ou seja *infalível,* êle e todos os seus sucessores.

II. A BARCA DOS APÓSTOLOS: O EPISCOPADO

A primazia de Pedro não destrói a existência nem a autoridade do Colégio Apostólico.

Ficara êste submisso a Pedro, porém, junto com êle, fica encarregado de conduzir e de governar a Igreja.

Por isso, os Bispos, sucessores dos Apóstolos, formam, junto com o Papa, a *Igreja docente.*

Ninguém pode ser Bispo sem o Papa; e o Papa não pode deixar de nomear Bispos.

Eis que eu estou convosco, todos os dias, até à consumação dos séculos. (Mat. 28, 18), disse o Salvador aos Apóstolos. Deve, pois, estar com êles à condição de êles estarem com o Papa, como os Apóstolos estavam com Pedro.

Além de sua colaboração no ensino e no govêrno da Igreja universal, os Bispos estão geralmente

encarregados, cada um, de uma diocese, isto é: de um território determinado no domínio da Igreja.

O Bispo é enviado à diocese pelo Papa e deve governar a diocese sob a autoridade do Papa.

Esta submissão ao Papa não só não diminui a autoridade do Bispo, mas eleva-o e lhe dá uma consagração divina; pois Jesus Cristo quer que assim seja, e onde está Pedro, ali está a autoridade da Igreja.

Sob sua autoridade, e como seus auxiliares, na diocese, há os sacerdotes, os padres, que completam a harmoniosa hierarquia da Igreja.

Os Padres são os sucessores dos 72 discípulos, escolhidos pelo Salvador, para anunciar o Evangelho ao povo.

Os poderes dos Padres, como os dos Bispos, como os do Papa, vêm diretamente de Jesus Cristo, mas êles se exercem sob a dependência hierárquica estabelecida por êle mesmo.

Os Bispos exercem os seus poderes sob a direção do Papa; os Padres exercem-nos sob a direção dos Bispos.

III. CONCLUSÃO

Tal é a bela e harmoniosa hierarquia estabelecida por Jesus Cristo.

O Papa é o *princípio* de tôda autoridade.

O Bispo é como o *verbo* do Papa, em sua diocese.

O Padre, unido ao Papa e ao Bispo, é como o *santificador* das almas, em sua paróquia.

E' pelo Padre que os fiéis se unem ao Bispo e ao Papa.

Onde há um grupo de almas há uma paróquia.
Onde há um grupo de paróquias há um Bispo.
A reunião das dioceses forma o reino do Papa.

Todos os Bispos estão representados no *Papa*.

Eis a unidade perfeita que só existe e só pode existir na Igreja divina de Jesus Cristo.

As seitas religiosas procuram imitar esta organização divina; nunca, porém, souberam reproduzí-la, porque o divino não se reproduz.

Amor, pois, e submissão à Igreja divina de Jesus Cristo e à hierarquia por êle estabelecida.

E' a barca de Pedro, a única que Deus sustenta e guia, e por isso a única donde fala Jesus Cristo, e pela qual êle leva as almas para o céu.

http://www.obrascatolicas.com

V. DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES
(Mat. 5, 20-24)

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos:

20. *Se a vossa justiça não exceder à dos escribas e fariseus não entrareis no reino dos céus.*

21. *Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não matarás, e quem matar será condenado em juízo.*

22. *Pois eu vos digo que todo aquêle que se irar contra seu irmão, será condenado no conselho. E o que lhe disser: louco, será condenado ao fogo da geena.*

23. *Portanto, se estás para fazer a tua oferta diante do altar, e te lembrares aí que teu irmão tem alguma coisa contra ti;*

24. *Deixa lá a tua oferta diante do altar, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão e depois vem fazer a tua oferta.*

SANTIDADE

O primeiro versículo do Evangelho aplica-se em *particular* a cada cristão, e pode ser aplicado *em geral* a tôda a Igreja de Jesus Cristo.

Pode-se dizer dela que a sua justiça ou *santidade* excede a de tôdas as seitas religiosas.

Por isso, só os membros desta Igreja Santa podem entrar no *Reino dos Céus,* enquanto êste Reino fica interdito à tôdas as seitas humanas, porque a santidade destas não excede a dos escribas e fariseus.

Aplicando, pois, êste versículo à Igreja Católica, temos de examinar:

1. Em que consiste esta SANTIDADE.
2. Onde ela se MANIFESTA.

I. EM QUE CONSISTE A SANTIDADE

A santidade é o característico da verdadeira Igreja, porque esta, sendo obra de Jesus Cristo, é necessàriamente *santa,* como é santo tudo o que sai de suas mãos divinas.

E' santa; é por isso que Jesus Cristo ama-a tão ternamente, como diz o Apóstolo: *Cristo amou a Igreja e por ela entregou a si mesmo para santificá-la, fortificando-a, para apresentar a si mesmo esta Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, ou coisa semelhante, mas santa e imaculada.* (Ef. 5, 27).

A santidade é, pois, uma nota característica da verdadeira Igreja de Jesus Cristo.

Em que consiste o *princípio* da santidade na Igreja Católica?

Consiste na santa ambição de se assemelhar a Jesus Cristo.

Tal palavra parece extravagante aos que não conhecem o Evangelho; entretanto, ela é apenas a tradução desta palavra do Salvador: *Sêde perfeitos, como vosso Pai celestial é perfeito,* (Mat. 5, 18), e desta outra de S. Paulo: *Sêde meus imitadores, como eu sou de Jesus Cristo.* (I Cor. 4, 16).

O *meio* desta santidade é a união com Jesus Cristo, necessàriamente imperfeita neste mundo, mas real, assim como é real a união dos membros com a cabeça, dos ramos com o tronco.

Esta união se faz pela graça, por meio dos sacramentos. E' sobretudo a Eucaristia que opera esta união, unindo o corpo de Jesus Cristo ao nosso corpo, e a sua alma à nossa alma.

Os *instrumentos* da santidade da Igreja são os Sacerdotes de Jesus Cristo, estabelecidos por êle para administrar os Sacramentos, instruir o povo e ser os intermediários entre Deus e os homens.

Os *efeitos* desta santidade são as virtudes praticadas à imitação das virtudes de Jesus Cristo.

São, de modo especial, a prática dos conselhos evangélicos de obediência, pobreza, castidade, observados por milhares de pessoas de ambos os sexos, na vida religiosa.

II. ONDE ELA SE MANIFESTA

A santidade da Igreja deve manifestar-se em seu *fundador,* em sua *doutrina,* em seus *filhos.*

O Fundador da Igreja Católica é Jesus Cristo, e ninguém teria a ousadia de negá-lo.

E Jesus Cristo é a santidade perfeita.

Os protestantes seguem as doutrinas de Lutero, de Calvino, de Knox, João Leyde e outros, cada um mais viciado que o outro; e nenhuma destas seitas pode fazer remontar a sua origem a Jesus Cristo.

A doutrina da Igreja é tôda santa, e não se pode nela encontrar a mínima imperfeição.

Só a calúnia e a ignorância religiosa encontram nela defeitos imaginários, porém, todo homem inteligente e sincero é obrigado a confessar que só a Igreja Católica, tanto em seus dogmas, em sua moral, como em seus Sacramentos, é de uma santidade que mostra universalmente o dedo de Deus.

Estudai sinceramente as seitas religiosas humanas, e em tôdas elas, sem exceção, encontrareis o bem e o mal, coisas santas e coisas ridículas, práticas divinas e outras supersticiosas; porém, o *bem* que encontrareis nestas seitas, encontrá-lo-eis também, e mais extenso, na Igreja Católica

Tudo o que estas seitas suprimiram no dogma, na moral ou nos sacramentos católicos, constitui nelas uma lacuna que as coloca em real inferioridade.

Por exemplo: o protestantismo não admite a virgindade nem nos sacerdotes, nem nos fiéis.

Só dêste feito que transcendência de santidade em favor do catolicismo!

A prática dos conselhos evangélicos, praticados pelos milhares de religiosos e de religiosas, completamente desconhecida do protestantismo, eleva a

Igreja Católica milhares de vêzes acima das seitas da reforma.

Ainda a Igreja é santa numa parte de *seus filhos.*

Sempre houve avultado número de católicos que se sobressairam pelas virtudes mais heróicas.

Não se negam as sombras do quadro.

Na Igreja, como em qualquer sociedade humana, está o jôio misturado com o trigo.

Sempre haverá pecadores no seio da Igreja, como sempre haverá escândalos, porém, isto em nada deslustra o fulgor da santidade.

As deficiências e os desvarios são fraquezas de certos indivíduos, mas não são um patrimônio comum a todos

São Paulo já predisse: *Levantar-se-ão, dentro de vós mesmos, homens a ensinar doutrinas perversas para levarem após si discípulos.* (Atos, 20, 30).

Jesus disse: *E' impossível não acontecerem escândalos.* (Luc. 17, 1).

III. CONCLUSÃO

A conclusão é notória, palpável, visível para todos.

A Igreja verdadeira, oferecendo meios poderosos de santificação, deve necessàriamente produzir santos.

Logo, só ela é a verdadeira Igreja, fundada por Jesus Cristo

Tomai um homem que fielmente observe os

mandamentos da lei de Deus e da Igreja: será necessàriamente um homem *virtuoso.*

Tomai outro que, além dos mandamentos, pratica fielmente os conselhos dados por Jesus Cristo e propostos pela Igreja, para quem quer ser perfeito: será um *santo.*

E há dêstes homens em número imenso em tôdas as épocas e em todos os países, na Igreja Católica.

Pode-se dizer mais:

Deus se encarrega de mostrar esta legião de santos e de santas, permitindo que, às vêzes durante a vida, e sempre depois da morte, façam milagres em favor dos homens.

Qual é o protestante que já fêz um milagre, e qual o seguidor de seus erros que pode colocar-se ao lado de um São Vicente de Paulo, um S. Francisco de Assis, um Santo Antônio, uma Santa Teresinha, um São Gabriel del Adolorata, um pequeno Guy de Fontgalland?

Êste homem não existe... porque entre êles a *santidade* é uma palavra sem sentido, que só a Igreja Católica possui e pode transmitir a seus filhos.

---

http://www.brasilcatolico

VI. DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES
(Mc. 8, 1-9)

1. *Naquele tempo, havendo novamente grande multidão e não tendo que comer, chamou Jesus aos seus discípulos e lhes disse:*

2. *Tenho compaixão dêste povo, porque há já três dias que não se afasta de mim, e não tem que comer.*

3. *E se os despedir em jejum para suas casas, desfalecerão em caminho; porque alguns dêles vieram de longe.*

4 *E os discípulos responderam-lhe: Como poderá alguém saciá-los de pão no deserto?*

5. *E Jesus perguntou-lhes: Quantos pães tendes? Responderam-lhe: Sete.*

6. *E ordenou ao povo que se recostasse sôbre a relva. E tomando os sete pães, dando graças, partiu-os e deu a seus discípulos, para que os distribuissem; e êles os distribuiram pelo povo.*

7. *Tinham também alguns peixinhos; e Êle os abençoou e mandou que fôssem distribuídos.*

8. *Comeram e ficaram saciados, e dos pedaços que sobejaram, levantaram sete cestos.*

9. *Ora, os que comeram eram cêrca de quatro mil: e Jesus os despediu.*

A SAGRADA COMUNHÃO

As duas multiplicações de pães são dois símbolos da Sagrada Escritura.

Já tivemos ocasião de falar sôbre a Sagrada Eucaristia no IV domingo da quaresma, como dogma, como sacramento e como preceito.

O Evangelho de hoje nos apresenta simbòlicamente a Sagrada Comunhão.

Jesus tem também *compaixão de nós,* porque somos fracos, e sem o alimento especial das almas *estamos sujeitos a desfalecer* no caminho do céu.

Examinemos, pois:

1. O QUE E' a Sagrada Comunhão.
2. O QUE ELA FAZ em nós.

I. O QUE E' A SAGRADA COMUNHÃO

Há, neste mundo, a mesa da *intimidade,* onde se reúnem os membros de uma família.

Há também a mesa *festiva,* em redor da qual se reúnem os amigos, na alegria de seus encontros.

Há ainda a mesa real dos reis, onde se reúnem os convidados da alta sociedade, com respeito e dignidade.

Mas há, na Igreja uma mesa única, que se chama a *Mesa Sagrada,* onde o cristão não se assenta, mas ajoelha-se, de mãos postas, de olhos baixos e coração pulsando de fé e amor, por causa da santidade, da *divindade* do alimento que ali é servido.

http://www.obrascatolicas.com

O sacrum convivium, in quo Christus sumitur.

E por que esta *Mesa Sagrada?*

Por que êste *alimento divino?*

E' porque nenhuma vida pode sustentar-se senão à condição de ter alimento.

E' preciso que cada ser tenha um alimento em relação com o seu temperamento.

Ora, nós temos um temperamento divino.

Logo, precisamos de um alimento divino.

Deus teria podido constituir-nos de outro modo, sem dúvida, porém, desde que, pelo Batismo, êle infunde em nós uma vida divina, deve nos preparar um alimento divino.

Eis por que um dia êle disse esta palavra estranha: — *Tomai e comei, isto é o meu corpo. Tomai e bebei, isto é o meu sangue!* E como o meu corpo e o meu sangue, isto é, a minha alma, unida à divindade, vós sois, pela graça, sêres divinos, *dii estis,* alimentai-vos de minha divindade.

Eis a Sagrada Comunhão...

O homem sensato deve crer na parte espiritual, divina, de seu ser, como crê na parte inferior, material, dêste ser.

O cristão come o corpo de Jesus Cristo para alimentar a sua alma, como êle come o trigo da terra para alimentar o seu corpo.

Sem a eucaristia natural, o homem não seria homem: sem a Eucaristia sobrenatural, o homem não é cristão.

A nossa alma vive de Deus, como o nosso corpo vive da natureza.

O homem é um ser duplo, vivendo ao mesmo tempo de Deus e da natureza, alimentando-se do céu e da terra, conforme a expressão do Espírito Santo: *O corpo volta à terra donde foi tirado, e o espírito volta ao céu, donde desceu.* (Ec. 12, 7).

II. O QUE ELA FAZ EM NÓS

Comer Deus! exclama o ateu... — é ridículo! Não! E' sublime!

Comer... é um ato de humildade, pois é confessar que somos pobres criaturas, cuja vida é efêmera e vacilante, dependentes de um pedaço de pão; e que somos radicalmente separados da vida de Deus que nunca come.

Comer Deus é um ato divino... E' o sublime no último grau, pois é proclamar que, apesar da nossa pequenez, o homem pela graça torna-se tão grande, devia-se dizer: tão divino, que precisa de um alimento divino.

Aliás, notamos um fato natural, que forma como a base natural dêste sublime dogma da comunhão ou manducação eucarística.

Nada vive, nada cresce, nada se eleva, nem passa de um reino a outro, senão pela manducação.

Que há de mais ínfimo que a terra, a lama? E entretanto êstes sêres inferiores possuem elementos, sucos que elaboram misteriosamente.

http://www.obrascatolicas.com

A planta apodera-se dêstes sucos e os transforma em sua própria natureza. Eis a terra feita parte substancial da planta e elevada à dignidade de *vida vegetativa.*

A planta cresce, produz flores e frutos. O animal apodera-se dêles, e muda êstes frutos em sua própria substância, elevando-os à glória de *vida sensitiva.*

O animal, por sua vez, é comido pelo homem, e êle muda-se na substância do homem, sendo elevado à participação da *vida humana.*

Fica o homem que, êle também, deve possuir qualquer meio de elevar-se mais alto, e de transubstanciar-se em Deus.

E' o mistério da Sagrada Comunhão!

O homem come o corpo e bebe o sangue de Jesus Cristo; porém, não pode transubstanciá-los em sua própria substância.

Êle é transubstanciado nêles, conforme esta lei descrita por Orígenes, no começo do cristianismo (Com. in Jo., C. 6): "Tomando um alimento inferior a nós, êle se muda em nós; mas sendo êste alimento de uma natureza mais excelente, nós somos mudados nêle".

Eis o que acontece na Sagrada Comunhão.

O homem não muda o corpo de Jesus Cristo em sua própria natureza; êle mesmo participa da natureza de Jesus Cristo... *ut efficiamini divinae consortes naturae.* (II Pt. 1, 4).

Eis a lei misteriosa e universal da manducação e da transubstanciação.

A terra torna-se planta;
A planta torna-se animal;
O animal torna-se homem;
O homem torna-se Deus.

Ego dixi: Dii estis, et filii Excelsis. (Sl. 81, 6).

III. CONCLUSÃO

Duas verdades práticas destacam-se destas considerações:

1. O amor imenso de Deus para com os homens, amor manifestado tão divinamente na Sagrada Comunhão.

2. A fome dêste divino alimento que devemos excitar em nós, para preparar-nos à sua recepção.

Amor e *desejo*: são as duas aspirações que Jesus quer encontrar nos corações que dêle se aproximam, para transformá-los nas chamas de seu amor.

E' a ignorância dêste sublime sacramento que conserva os homens na frieza e na indiferença. Conhecer melhor êste sublime mistério e amá-lo, e não se pode amá-lo sem desejá-lo, pois o amor é essencialmente *unitivo — Ut sint unum sicut et nos unum sumus.* (Jo. 18, 22).

http://www.obrascatolicas.com

VII. DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES
(Mat. 7, 15-21)

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos:

15. *Guardai-vos dos falsos profetas, que vêm a vós com vestido de ovelhas, e por dentro são lobos rapaces.*

16. *Pelos seus frutos os conhecereis. Porventura colhem-se uvas dos espinhos, ou figos dos abrolhos?*

17. *Assim tôda árvore boa dá bons frutos: e a árvore má dá maus frutos.*

18. *Não pode uma árvore boa dar maus frutos; nem uma árvore má dar bons frutos.*

19. *Tôda árvore, que não dá bom fruto, será cortada e lançada ao fogo.*

20. *Vós os conhecereis, pois, pelos seus frutos.*

21. *Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus; mas o que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus: êsse entrará no reino dos céus.*

OS FALSOS PROFETAS

Jesus nos previne contra os *falsos profetas*, os

falsos doutores, que se atribuem u'a missão que não receberam, ensinam o êrro, dando-lhe uma máscara de verdade, para melhor iludir os incautos.

Tais pastores não passam de lobos devoradores que perdem as almas; é pela ação dêstes impostores que milhões de cristãos vivem separados da Igreja verdadeira.

Vejamos, pois, quais são aquêles que vivem fora da Igreja, separados da verdade. Pode-se dividí-los em quatro categorias, fora dos infiéis que nunca conheceram a verdade, como os judeus, os muçulmanos, os budistas e os idólatras.

1. OS HERÉTICOS e os cismáticos.
2. OS APÓSTATAS e os excomungados.

I. OS HERÉTICOS E OS CISMÁTICOS

Heresia é uma palavra grega que significa: *escôlha.*

Os heréticos são aquêles que escolhem, entre os ensinamentos de Jesus Cristo, o que lhes agrada, e rejeitam o que lhes desagrada. Fazem êles uma escôlha, conforme o seu gôsto, fabricando-se dêste modo, uma religião pessoal, que nada tem com o ensino do Salvador.

Os protestantes estão neste caso. Escolhem na Sagrada Escritura o que combina com as suas idéias, rejeitam o que contradiz as suas opiniões. Daí vem a balbúrdia do protestantismo, que se divide hoje em mais de 888 seitas, ou, melhor, em tantas seitas quantos protestantes há.

E' impossível encontrar dois pastores que concordem integralmente em suas crenças.

Todos êles investem contra a Igreja verdadeira, como tôdas as moléstias investem contra a única saúde, mas entre êles não há nenhuma união.

Agir dêste modo é, evidentemente, injuriar o próprio Deus.

Por que acreditamos nós em seus ensinamentos?

Porque Êle é a mesma verdade.

Escolher entre as suas palavras, é desconfiar dêle e confiar em nós. E' estabelecer-nos como juiz do que Êle disse, adotando uma parte como *verdade*, e rejeitando outra como *mentira*.

E' admitir que Deus tenha se enganado em certos pontos, e que nós vamos indireitar o seu êrro.

E' claro que tais sentimentos não combinam com a infalibilidade divina, e que tal herético é indigno de pertencer à Igreja verdadeira.

Os cismáticos são uns rasgadores, conforme a etimologia da palavra: *cisma* — rasgadura.

O cismático, tal o hereje, faz a sua *escolha* entre os artigos de fé, e aceita-os quase todos, porém, há pelo menos um que êle *rasga*. E' sobretudo a supremacia e a infalibilidade do Papa, como Sucessor de S. Pedro, que êle rasga.

Não aceita o Papa de Roma, como Suprema Autoridade da Igreja, mas, como sente a necessidade de uma autoridade suprema, fabrica-se um Papa da sua escôlha, que é para uns: o Patriarca de Constantinopla, para outros, era o czar da Rússia e para outros o rei da Inglaterra, etc.

O cismático não é revoltoso contra o ensino da Igreja, como é o herege, mas rasga dêste modo a unidade da Igreja estabelecida sôbre S. Pedro.

II. OS APÓSTATAS E OS EXCOMUNGADOS

O *apóstata* é um desertor, é aquêle que faz profissão de fé católica, e depois renuncia formalmente a esta fé, passando para as fileiras dos inimigos de Jesus Cristo... ou dos amigos do livre pensamento.

Ninguém é desertor senão depois de ter pertencido ao exército; de modo que não é reputado apóstata aquêle que nunca fôra católico. Os protestantes, que nascem e vivem no protestantismo de boa fé, são *herejes*, não são *apóstatas*.

Apóstatas eram Lutero, Calvino, Zwínglio, Carlostadt, Beza, Menon; todos êstes, padres, renegados da sua fé, que levantaram contra a Igreja Católica o estandarte da revolta e implantaram as heresias no mundo cristão.

Apóstatas são, ainda, os infelizes católicos, que por ignorância, interêsse ou vício, deixam-se desviar da sua religião e aderem às seitas dissidentes e inimigas de Deus.

Os excomungados formam a última e tristíssima categoria dos que não pertencem à Igreja.

O excomungado é aquêle que fica excluído do seio da Igreja, por uma decisão formal da autoridade suprema, em castigo de crimes por êle cometidos.

A comunhão dos santos é a reunião espiritual de todos os católicos, na terra, no purgatório e no céu.

A excomunhão é a exclusão desta comunhão.

São excomungados, reservados muito especialmente ao Soberano Pontífice:

a) Os que tratam sacrilagamente a Sagrada Eucaristia.

b) Os que usam de violência contra o Pontífice de Roma.

c) Os que absolvem o cúmplice de pecado.

d) O confessor que violasse o segrêdo sacramental.

São ainda excomungados, reservados especialmente ao Soberano Pontífice:

a) Os apóstatas, que renegam a Religião Católica e professam o racionalismo, o panteísmo, o livre pensamento.

b) Os herejes voluntários, como são os protestantes, jansenistas e espíritas.

c) Os cismáticos que se constituem em Igreja independente.

d) Os que aderem pùblicamente às seitas heréticas ou cismáticas, incorrendo êstes na nota de infâmia (cân. 2314) como os maçons, comunistas, etc.

e) Os leitores de livros condenados pela Igreja, defendendo a heresia, a apostasia e o cisma.

III. CONCLUSÃO

Lembremo-nos de que tudo o que se opõe à Igreja de Jesus Cristo é êrro, pois é claro que Êle fundou uma só Igreja que Êle chamou: *minha Igreja.*

Ora, vemos em redor de nós várias Igrejas cada uma dizendo-se verdadeira igreja.

Entre estas, a igreja cismática ou ortodoxa e a protestante pleiteiam os foros de verdadeira igreja.

A religião cismática rejeita a autoridade do Chefe Supremo da Igreja, tão clara e positivamente indicada por Jesus Cristo: — *Tu és Pedro, e sôbre esta pedra edificarei a minha Igreja.* (Mat. 16, 18).

Os protestantes rejeitam a maior parte dos ensinamentos do divino Mestre, conservando apenas umas verdades básicas, incompletas no dogma, na moral e na liturgia. Falta-lhes a unidade em sua fé e em seu chefe, de modo que o protestantismo hodierno não passa de uma contínua contradição à Igreja Católica.

Quanto aos pobres espíritas, comunistas, maçons, livre-pensadores, não passam de ignorantes ou de desequilibrados, cujo orgulho vai até querer exaltar-se acima da autoridade estabelecida por Jesus Cristo.

VIII. DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES
(Luc. 16, 1-9)

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos:

1. *Havia um homem rico que tinha um feitor: e êste foi acusado diante dêle de ter dissipado os seus bens.*

2. *E êle chamou-o e disse-lhe: Que é isto que ouço dizer de ti? Dá conta da tua administração: porque não mais poderás ser (meu) feitor.*

3. *Então o feitor disse consigo: Que farei, visto que o meu senhor me tira a administração? Cavar não posso, de mendigar tenho vergonha.*

4. *Sei o que hei de fazer, para que, quando fôr removido da administração, haja quem me receba em sua casa.*

5. *Tendo chamado, pois, cada um dos devedores do seu senhor, disse ao primeiro: Quanto deves ao meu senhor?*

6. *E êle respondeu: Cem cados de azeite: Então disse-lhe: Toma a tua obrigação, senta-te depressa e escreve cincoenta.*

7. *Depois disse ao outro: E tu, quanto deves? E êle respondeu: Cem alqueires de trigo. E disse-*

lhe (o feitor): Toma as tuas letras e escreve oitenta.

8. *E o senhor louvou o feitor iníquo, por ter procedido prudentemente: porque os filhos dêste século são mais hábeis na sua geração que os filhos da luz.*

9. *Portanto, eu vos digo: Granjeai amigos com as riquezas da iniquidade: para que, quando vierdes a precisar, vos recebam nos tabernáculos eternos.*

O JUÍZO PARTICULAR

O Evangelho põe na bôca do rico, que ouvira falar do esbanjamento feito pelo seu feitor, esta frase: *Dá conta da tua administração.*

E' com uma frase semelhante que, após a nossa morte, a nossa alma será acolhida por Deus.

A resposta que a alma dará a esta citação constituirá o juízo particular, que decidirá a sua sorte eterna.

Meditemos, hoje, êsse juízo particular, examinando:

1. OS ACUSADORES.
2. A SENTENÇA definitiva.

I. OS ACUSADORES

Eis o moribundo deitado sôbre o leito mortuário.

E' a hora da separação... suponhamos que seja um pecador impenitente.

De repente o quarto ilumina-se... e numa luz fulgurante, em frente do moribundo, aparece Jesus Cristo glorioso, com a sua cruz na mão, as suas chagas resplandecentes.

De um lado está Maria Santíssima, de outro, São José, em redor os Apóstolos... talvez os pais do moribundo.

Do lado da cabeça aparecem o anjo da guarda e o demônio.

O interrogatório vai começar:

O *demônio* é o grande acusador.

Senhor, esta alma é minha. Ela serviu a mim...

Eu nada fiz para ela: não suei sangue como tu, Cristo eterno; não me deixei açoitar, coroar de espinhos, crucificar; não derramei o meu sangue por ela como tu... esta alma jurou-te fidelidade no batismo... e não te serviu... ela me preferiu.

E o demônio lerá a longa lista dos pecados não confessados: pensamentos, palavras, desejos, ações, omissões, pecados secretos e públicos... dia por dia... ano por ano, percorrendo a juventude, a idade madura, a velhice.

A alma escuta horrorizada...

Quem a defenderá? os anjos?

O anjo da guarda. Eu avisei esta alma; afastei-a do mal... dei-lhe boas inspirações, conselhos... ela não quis escutar-me... escutou o seu inimigo, o demônio.

Outros anjos: *O da Igreja*: Esta alma quase não aparecia ali; ficava distraída... irreverente... ocupada em outras coisas... não rezava...

O do confessionário: Não a vi... não se confessou: fêz confissões sacrílegas, escondendo pecados...

O da mesa Sagrada: Não comungava quase e o fazia sem respeito, sem preparação, sem ação de graças...

O do matrimônio: Infidelidade, limitação de natalidade, infanticídio, prazeres ilícitos...

A alma escuta... compreende... a sua consciência repassa tudo, descobre tudo... e brada com força: Tu és culpada... tu foste ingrata... tu mereces castigo.

A sua sorte vai decidir-se...

O Juiz vai pronunciar a sentença.

II. A SENTENÇA

Ansiosa, a alma espera a sentença... sentença definitiva que vai decidir da sua sorte eterna.

Jesus Cristo, como entristecido pela proclamação dos pecados do moribundo, havia inclinado a cabeça.

De repente, num gesto indignado e majestoso, êle ergue a fronte e fita o moribundo... com um olhar flamejante.

E' o juiz que vai falar...

Passou o tempo da misericórdia...

Narra si quid habes ut justificeris. (Is. 43, 26).

Senhor, geme a alma, eu era ignorante.

www.liturgicas.com

Ignorante voluntário, sim; havia sermões, havia livros.

Senhor, não tinha tempo.

Deus em primeiro lugar, todo o resto era secundário.

Senhor, eu era tão fraca.

A oração é todo-poderosa... a comunhão comunica uma fôrça divina.

Senhor, havia tantas ocasiões!

Era preciso fugir delas e não expor-se.

Senhor, sou culpada, mereço o castigo.

De repente, um imenso relâmpago parece rasgar o firmamento, e abrir as portas do inferno... a terra treme... os anjos cobrem as faces e o demônio se rejubila... o anjo da guarda chora... Maria Santíssima prostra-se de joelhos...

Jesus Cristo, êste Jesus Cristo bondoso, misericordioso, que só queria perdoar, é obrigado, por justiça, a lançar a sentença de condenação sôbre esta alma, criada à imagem de Deus.

Majestoso e triste, Jesus estende então o braço sôbre êste moribundo, e com uma voz penetrante e justiceira, pronuncia a sentença irrevogável: — *Discedite a me, maledicti, in ignem aeternum.*

Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno. (Mat. 25, 41).

Cada um dos presentes repete a sentença...

O anjo da guarda... Os Apóstolos... São José...

Cada um, de braço estendido, confirma a sentença.

Maria Santíssima!... Ela quer estender a mão, mas o braço lhe cai como inerte... Ela desvia a cabeça... encobre o semblante e chora: Não posso... não posso... oh! meu Filho! amaldiçoar uma alma que eu tanto amei... Oh! alma infeliz!...

A visão desapareceu... a luz dissipa-se... as trevas invadem o quarto, o frio penetra o corpo... e o demônio, sarcástico, chacoteando, lança-se sôbre esta alma, que envolve de fogo, e carrega-a para o inferno.

Oh! se pudéssemos ver o que se passa no quarto de um moribundo, na ocasião em que a alma se separa do corpo!!!

III. CONCLUSÃO

E' horrível! Pensemos, às vêzes, nestas grandes e terríveis verdades: O juízo particular, logo após a morte, aí mesmo no quartinho onde a morte vem buscar-nos, no momento da separação do corpo e da alma.

Quem quer receber uma tal sentença?

Quem quer sentir sôbre si a maldição de um Pai, como é Jesus Cristo, e a maldição de u'a Mãe, como o é a Virgem Santíssima?

Se, antes de expirar, o nosso pai agonizante ou a nossa mãe moribunda nos chamasse perto dela e, estendendo a mão trêmula sôbre a nossa cabeça, nos dissesse: Filho ingrato, eu te amaldiçôo, tu serás um desgraçado para sempre — quem o suportaria?

Que remorso, que suplício!

http://www.obrascatolicas.com

E nós, obrigaremos ao nosso Pai celeste e à nossa Mãe querida a pronunciar estas palavras, sôbre a nossa fronte, na hora em que, deixando as misérias dêste mundo, nos apresentarmos diante dêles?

Oh! não! E' impossível!

Reconciliemo-nos, pois, com Êle, para podermos ouvir estas palavras: *Vinde, benditos de meu Pai, possuí o reino que vos está preparado, desde o princípio do mundo.* (Mat. 25, 34).

IX. DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES
(Luc. 19, 41-47)

41. *Naquele tempo, tendo Jesus chegado perto da cidade, chorou sôbre ela, dizendo:*

42. *Se ao menos neste dia, que te é dado, tu reconhecesses ainda o que te pode trazer a paz! Mas agora isto está encoberto aos teus olhos.*

43. *Porque virão para ti os dias em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te apertarão de todos os lados.*

44. *E derribarão por terra a ti e aos teus filhos, que estão dentro de ti, e não deixarão em ti pedra sôbre pedra: porque não conheceste o tempo da tua visita.*

45. *E tendo entrado no templo, começou a expulsar os que vendiam e compravam nêle, dizendo-lhes:*

46. *Está escrito: A minha casa é casa de oração: e vós fizestes dela um covil de ladrões.*

47. *E todos os dias ensinava no templo.*

AS PROFECIAS

O Evangelho nos mostra uma das numerosas profecias do Salvador.

A realização das profecias contém um duplo argumento para provar a divindade de Jesus Cristo.

Por um lado, os profetas do Antigo Testamento fizeram muitas profecias a respeito do Messias. Tôdas se realizaram ao pé da letra. Êle é, pois Deus.

Por outro lado, o próprio Jesus Cristo profetizou, e a realização destas profecias é outra prova da sua divindade.

Vejamos, hoje:

1. O que Jesus PROFETIZOU.
2. O que SIGNIFICA a profecia.

I. O QUE JESUS PROFETIZOU

Entre as profecias, há umas que não se cumpriram ainda, mas hão de cumprir-se, por exemplo, as que dizem respeito ao fim do mundo.

Outras já se realizaram, e outras estão se realizando.

Tais profecias dividem-se em quatro grupos:

De sua própria *pessoa;*
Dos seus *discípulos;*
Dos *judeus;*
Da *Igreja;*

De *sua própria pessoa,* Êle predisse a sua paixão e morte sôbre a cruz, a sua ressurreição e ascensão.

Dos seus *discípulos,* Jesus predisse a traição

de Judas, a negação de Pedro, a pregação do Evangelho pelos Apóstolos, em tôdas as nações; as perseguições.

Dos judeus, Êle predisse a ruína de Jerusalém, depois de um cêrco horrível, a ruína definitiva do templo, a dispersão dos judeus, e a sua substituição pelos povos pagãos, convertidos ao cristianismo.

Enfim, a respeito da *Igreja,* Jesus predisse a pregação do Evangelho no mundo inteiro, o reino de Cristo pela cruz, os milagres que operará pelos santos, o ódio com que o mundo perseguirá os seus discípulos, e, apesar dêste ódio, a Igreja sempre perseguida e nunca vencida, ficando invencível sôbre o rochedo de São Pedro: *Tu és Pedro, e sôbre esta pedra edificarei a minha Igreja; e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.*

II. O QUE SIGNIFICA A PROFECIA

O cumprimento das profecias, tanto as dos antigos profetas como as de Jesus Cristo, provam clara e insofismàvelmente a divindade dêste último.

Só Deus conhece o futuro. Só Êle pode, em um único olhar, abranger, não sòmente o que já foi, o que é e o que será um dia, mas ainda o que teria podido haver, porque para Deus o *passado* e o *futuro* não existem; Êle é um eterno presente.

Êste conhecimento do futuro é a exclusiva prerrogativa de Deus, porém, Êle pode comunicá-lo aos homens, e o comunicou bastantes vêzes, tanto no Novo, como no Antigo Testamento.

Mas Deus nada faz sem ter em vista uma mira. Quando Êle nos desvenda o futuro, é em vista de um grande desígnio

Somos como que instintivamente inclinados a considerar com respeito, escutar com confiança o *profeta* que, nestas manifestações do porvir, tem sido o eleito de Deus, para servir de intermediário entre Êle e nós.

A ciência profética de Jesus é, pois, um carimbo divino, impresso por Deus, sôbre a missão do Salvador. E' um verdadeiro *"Escutai-o"*, pronunciado pelos lábios divinos, como os pronunciou o Pai eterno, no dia do batismo de Jesus, no Jordão. E' uma incitação a escutar os ensinos de Jesus e a aceitá-los: e, tendo Jesus afirmado a sua divindade, é uma nova prova que Jesus é verdadeiramente Deus.

III. CONCLUSÃO

Profecia e *milagres* constituem o duplo critério positivo da verdade e o duplo carimbo de Deus nas coisas humanas.

Desde que uma religião produz *profetas* e *taumaturgos*, a dúvida é impossível: tal religião é divina.

Ora, só na Igreja Católica, e só aí, encontramos êstes dois fenômenos sobrenaturais.

Só na Igreja houve e sempre haverá homens de extraordinária virtude, que predizem fatos futuros, necessàriamente escondidos ao olhar humano; e homens que fazem milagres, realizando atos absolutamente acima do poder humano.

Logo, só a Igreja Católica, Apostólica, Romana, é divina, e tôdas as seitas religiosas não passam de obras humanas.

Poderão os protestantes, espíritas ou maometanos, apresentar-nos, no decorrer dos séculos, um único homem que tenha profetizado, ou tenha feito uma cura milagrosa?

Nenhum... absolutamente nenhum.

A Igreja Católica, ao contrário, pode apresentar centenas de nomes de santos e de santas, para quem o futuro era tal qual um livro aberto, que não guardava segredos para êles... como pode apresentar-lhes milhares e milhares de santos que fizeram e de outros que estão ainda fazendo os milagres mais assombrosos.

Quem não conhece uns dos milhares de milagres operados por São Francisco de Assis, Santo Antônio, Santa Teresinha, e hoje em dia ainda por Guido de Fontgalland, ou uma Teresa Neumann, a estigmatizada, ainda em vida?

Amor e dedicação, pois, à Igreja de Deus, que é a Igreja Católica.

Repilamos as seitas fundadas por homens libertinos, e amemos a Igreja de Jesus Cristo, tão claramente indicada por Deus.

X. DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES
(Luc. 18, 9-14)

9. *Naquele tempo, propôs Jesus esta parábola a uns que confiavam em si mesmos, como (se fôssem) justos, e desprezavam os outros.*

10. *Subiram dois homens ao templo a fazer oração: um fariseu e outro publicano.*

11. *O fariseu, de pé, orava no seu interior desta forma: Graças te dou, ó Deus, porque não sou como os outros homens: ladrões, injustos, adúlteros, nem como êste publicano.*

12. *Jejuo duas vêzes por semana: pago o dízimo de tudo o que possuo.*

13. *O publicano, porém, conservando-se à distância, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu: mas batia no peito, dizendo: Meu Deus, tem piedade de mim pecador.*

14. *Digo-vos que êste voltou justificado para sua casa, e não o outro; porque quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado.*

O ÚNICO NECESSÁRIO

O Evangelho diz que o publicano, reconhecendo

e confessando a sua indignidade perante Deus, voltou para casa justificado.

A justificação de uma alma é a sua *salvação.*

O publicano, humilde e arrependido salvou a sua alma, enquanto o fariseu, orgulhoso e pretencioso, perdeu-se miseràvelmente.

Meditemos hoje sôbre a salvação de nossa alma, para nos compenetrarmos da necessidade de trabalhar eficazmente nesta obra que é:

1. O ÚNICO NEGÓCIO importante nesta vida.
2. O NEGÓCIO MAIS URGENTE que temos.

I. O ÚNICO NECESSÁRIO

Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro se vier a perder a sua alma? disse o Salvador. (Mat. 16, 26).

E' com esta palavra, muitas vêzes repetida, que Santo Inácio converteu S. Francisco Xavier, então professor ilustre, mas mundano, leviano, na universidade de Paris.

Salva animam tuam. Salva a tua alma, diziam os anjos a Ló e a sua família, para retirá-los da corrupção de Sodoma e dos castigos que deviam aniquilar a cidade corrompida. (Gên. 19, 17).

De fato, a alma, estando perdida, tudo está perdido.

São João Crisóstomo diz: Deus nos deu dois olhos, dois ouvidos, duas mãos, dois pulmões, para que, perdendo um dêles, possamos ainda continuar

http://www.obrascatolicas.com

com o outro que nos fica, mas Êle nos deu só uma alma... e perdida esta alma, nada mais nos resta, senão a desgraça.

Podemos formar uma idéia da necessidade de tratar da nossa salvação, pensando no que Deus fêz para nos salvar; o empenho que tem o demônio em nos perder; os esforços feitos pelos santos, para sempre viverem na amizade de Deus.

Maior ainda se torna a necessidade de salvar a nossa alma, porque tal obra não admite meio têrmo, como acontece com os negócios da terra.

O negociante pode dizer que não pretende adquirir uma grande fortuna, mas apenas o necessário para viver bem, sem receio de pobreza.

O estudante pode não querer ser um sábio, nem ficar um ignorante; há um meio têrmo: saber o necessário para a sua orientação.

Mas não acontece o mesmo com o negócio da salvação.

Quem não consegue a salvação completa, está irremediàvelmente perdido.

Quem não quer gozar eternamente de Deus no céu, será lançado no fogo eterno do inferno.

Ou Deus ou o demônio.
Ou o céu ou o inferno.
Ou a salvação ou a perdição.

A salvação é, pois, o único necessário:
Unum est necessarium: salva animam tuam.

II. O NEGÓCIO MAIS URGENTE

Por que tão urgente?

Porque é pessoal... e nossa vida é incerta.

E' um trabalho que deve ser feito por cada um em particular.

Caindo doente, é um médico que trata do restabelecimento da saúde.

Quem tem uma casa de comércio, pode confiá-la a uma pessoa de confiança.

Quem tem um processo, pode entregá-lo a um advogado.

A salvação, porém, é exclusivamente pessoal.

Se não nos salvarmos, ninguém nos salvará.

Conta-se a seguinte parábola, que exprime bem êste fato.

Um casal constava de um homem sem religião e de uma espôsa muito piedosa. A espôsa pretendia fazer participar o marido de seus merecimentos, e dizia: Eu rezo para mim e para o meu marido; eu me confesso, comungo para nós ambos, faço boas obras para mim e para êle.

O marido morreu e se apresentou diante de São Pedro, que perguntou por seus títulos de admissão no céu.

O homem respondeu que tinha direito, porque tendo tido uma santa espôsa, esta rezava, comungava, fazia boas obras para ela e para êle.

Dizem que São Pedro refletiu um instante e pronunciou a seguinte sentença:

Muito bem: a sua espôsa rezava, comungava,

fazia boas obras para ela e para o senhor; é, pois, justo que ela receba a recompensa para ela e para o marido; ela irá, pois, para o céu, para ela e para o marido, e o senhor irá para o inferno.

O negócio da salvação é urgente, porque a nossa vida é curta e a morte é incerta.

Conta-se que Carlos Magno, que tinha um secretário ateu, mas fiel e ativo, que serviu ao imperador durante muitos anos.

Caindo enfêrmo e sentindo aproximar-se a morte, pediu que o imperador lhe fizesse uma visita.

Carlos Magno atendeu logo ao pedido, consolou o enfêrmo e perguntou se podia lhe ser útil em alguma coisa.

O enfêrmo respondeu que sim e que queria fazer-lhe um pedido muito diminuto.

— Está atendido o pedido — respondeu Carlos Magno.

— Majestade, passei 15 anos em vosso serviço, sem nunca tirar uns instantes para tratar da minha alma; desejava emendar-me e fazer penitência; peço-lhe conceder-me mais oito dias de vida.

— Oito dias de vida, — exclamou o monarca com espanto, — meu amigo, lhe darei tudo o que quiser, mas isto me é impossível, só Deus pode prolongar a vida.

— Miserável que sou! — gemeu o moribundo; — nada fiz para Deus, tudo fiz para o meu imperador, e êste não me pode nem conceder-me oito dias de vida para expiar os meus pecados.

Virou-se desesperado e morreu.

III. CONCLUSÃO

A salvação de nossa alma é, pois, o único negócio importante da nossa vida, e é um negócio urgente, pois não conhecemos o têrmo de nossa vida.

Salvemos, pois, a nossa alma.

Por que não faríamos nós, para ganhar o céu o que os mundanos fazem para ganhar os bens terrenos?

Êles trabalham, afadigam-se, sacrificam o repouso, a saúde e a vida, para conquistar uma fortuna que lhes escapa necessàriamente à beira do túmulo; e nós não faríamos nada para conquistar uma fortuna eterna de felicidade e de glória no céu?

Os mundanos não desanimam diante dos revezes, e nós fugimos diante das primeiras dificuldades!

Êles não recuam nem diante dos maiores perigos; e nós nos aterramos diante da menor contrariedade!

Êles com tanto cuidado procuram providenciar sôbre a sua subsistência no futuro; e nós nada procuramos entesourar para a outra vida, que é eterna.

Oh! Não nos esqueçamos que só temos uma alma, e que perdendo esta não temos mais outra para salvar.

Como o publicano do Evangelho, prostremo-nos por terra e digamos: *"O' Deus, tende piedade de mim!..."* para que, comovido pela nossa humildade, Deus nos perdoe as nossas faltas, e possamos, nós também, voltar para casa *justificados,* com a certeza da salvação eterna.

XI. DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES
(Mc. 7, 31-37)

31. *Naquele tempo, deixou Jesus os confins de Tiro, e veio por Sidon ao mar da Galiléia, atravessando o território da Decápole.*

32. *E trouxeram-lhe um surdo-mudo, e suplicavam-lhe que lhe impusesse a mão.*

33. *Então Jesus, tomando-o à parte dentre a multidão, meteu-lhe os dedos nos ouvidos: e cuspindo, com saliva tocou a sua língua.*

34. *E levantando os olhos ao céu, deu um suspiro, e disse-lhe: Efeta, que quer dizer: abre-te.*

35. *E imediatamente se lhe abriram os ouvidos e se lhe soltou a prisão da língua, e falava claramente.*

36. *E ordenou-lhes que a ninguém o dissessem. Porém, quanto mais lho proibiu, tanto mais o suplicavam:*

37. *E tanto mais se admiravam, dizendo: Tudo tem feito bem: fêz que ouçam os surdos e falem os mudos.*

O GOVÊRNO DE DEUS

Êle fêz bem tôdas as coisas! — exclamaram as testemunhas dos milagres de Jesus.

Tal será também a exclamação da humanidade inteira no dia de juízo, quando lhe forem reveladas as leis do govêrno do mundo e o modo admirável pelo qual tais leis foram aplicadas através dos séculos.

Tal govêrno do mundo chama-se Providência. Consideremos hoje esta Providência divina:

1. Do lado DE DEUS.
2. Do lado DO MUNDO.

I. DO LADO DE DEUS

Sabemos que Deus é infinitamente *inteligente* e infinitamente *justo. Ora,* êstes dois atributos exigem que Êle seja ao mesmo tempo a Providência governando o mundo por Êle criado.

Sendo infinita a inteligência de Deus, é preciso suprimir em Deus todos os efeitos da inteligência humana: ignorância, êrro, incerteza.

A ciência de Deus é *infalível,* abrangendo, por inteiro, o seu objeto, isto é: o próprio Deus e suas obras, com um olhar único, por simples intuição, sem auxílio de raciocínio.

O Criador conhece todos os atos e todos os pensamentos secretos das suas criaturas, conhece o passado, o presente, o futuro e até os atos futuros livres, que dependem ùnicamente da liberdade do homem.

Deus é, dêste modo, a inteligência infinita.

Ora, o homem inteligente nada faz sem motivo.

Logo, Deus, criando cada sêr, devia fixar-lhe uma finalidade, e dar-lhe os meios de alcançá-la.

Êstes meios, pelos quais o homem deve realizar a sua finalidade, chamam-se as *leis.*

Deus deve deixar ao homem a liberdade de empregar êstes meios, ou de rejeitá-los, pois Êle criou o homem, inteligente e dotado de livre arbítrio.

Um poder sàbiamente constituído não se contenta em fazer leis; vigia sôbre a execução delas, sancionando-lhe o respeito e castigando as delinqüências.

Sem isto a sociedade não poderia existir.

Deus governa, pois, êste mundo.

De outra parte, Deus vê tôdas as necessidades das suas criaturas, e vendo-as, deve acudir a estas necessidades.

De fato, sendo infinito o poder de Deus, Êle pode fazê-lo; e sendo a sua bondade sem limites, Êle quer fazê-lo.

Logo, Deus se ocupa de nós: Êle é a Providência.

Deus é também infinitamente *justo.*

Logo, Êle deve sancionar as suas determinações. Deve necessàriamente recompensar os bons e castigar os maus; e para isso, deve ocupar-se dos homens, dirigí-los pela sua Providência; para conhecer a fidelidade ou a infidelidade de cada um dêles.

II. DO LADO DO MUNDO

Contemplando êste mundo, averiguamos logo

que, apesar de certas irregularidades particulares, proveniente da maldade dos homens, há uma ordem perfeita neste mundo. Basta ver a regularidade perpétua das leis físicas para o mundo mineral; das leis da vida para o reino vegetal; das leis do instinto, para o reino animal; das leis da inteligência e da consciência, para o reino humano.

Visitando, por exemplo, um país onde encontramos tudo em ordem, em harmonia e em paz, onde todos se ajudam mùtuamente, concluimos necessàriamente que êste país é governado, possui até um bom govêrno.

A mesma conclusão se impõe, examinando êste mundo: Reina nêle uma ordem perfeita: logo, deve haver um govêrno, uma providência que o governa.

Eis porque o mundo crê não sòmente na existência de Deus, mas ainda em seu govêrno.

Representando-se a Deus o conjunto da humanidade, nunca pude admitir que Êle ficasse indiferente aos males e às misérias que nos assolam.

E' a razão porque sempre existiu a *oração* pela qual o homem pede a Deus proteção e auxílio.

Ora, tudo isso implica necessàriamente a confiança na Providência de Deus ou a *intervenção* de Deus nas coisas dêste mundo.

E alcançando o que pedimos, instintivamente nós nos viramos para Deus, a fim de agradecer e proclamar que: *Êle fêz bem tôdas as coisas!*

III. CONCLUSÃO

A Providência de Deus é um dos dogmas mais consoladores da nossa Religião.

Examinando apenas o lado exterior dos acontecimentos dêste mundo, o observador será tentado a revoltar-se, às vêzes, contra a miséria humana, a covardia, a traição, a falta de caráter, etc., mas sabendo que o *homem apenas propõe, mas que Deus dispõe,* êle sabe ver, através do exterior, o dedo de Deus, que dirige tudo com sabedoria e justiça.

Tal acontecimento parece-nos um mal: Sob a mão de Deus, será um bem, pois Êle sabe tirar o bem do mal, e não permite o mal, senão para realizar um bem maior.

Ver o dedo de Deus em tudo é a grande regra da sabedoria dos santos.

O santo homem Jó é o modêlo acabado desta submissão amorosa à Providência de Deus: *Deus me deu, Deus me retirou isso,* disse êle, *bendito seja o seu santo nome.*

XII. DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES
(Luc. 10, 23-37)

23. *Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: Ditosos os olhos que vêem o que vós vêdes.*

24. *Porque eu vos afirmo que muitos profetas e reis desejaram ver o que vós vêdes, e não o viram: e ouvir o que vós ouvís, e não o ouviram.*

25. *E eis que se levantou um certo doutor da lei, e lhe disse para o tentar: Mestre, que devo eu fazer para possuir a vida eterna?*

26. *Jesus disse-lhe: O que está escrito na lei? Como lês tu?*

27. *Êle, respondendo, disse: Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, e com tôda a tua alma, e com tôdas as tuas fôrças, e com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.*

28. *E Jesus disse-lhe: Respondeste bem: faze isso, e viverás (eternamente).*

29. *Mas êle, querendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus: E quem é o meu próximo?*

30. *E Jesus, retomando a palavra, disse: Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu nas mãos dos ladrões, que o despojaram (do que levava), e tendo-lhe feito feridas, retiraram-se, deixando-o meio morto.*

31. *Ora, aconteceu que passava pelo mesmo caminho um sacerdote, o qual, quando o viu, passou de largo.*

32. *Igualmente um levita, chegando perto daquele lugar, vendo-o, passou adiante.*

33. *Mas um samaritano, que ia a seu caminho, chegou perto dêle: e quando o viu, moveu-se de compaixão.*

34. *E aproximando-se, ligou-lhe as feridas, lançando nelas azeite e vinho: e pondo-o sôbre o seu jumento, levou-o a uma estalagem, e teve cuidado dêle.*

35. *E no dia seguinte tirou dois dinheiros, e deu-os ao estalajadeiro, e disse-lhe: Tem cuidado dêle: e quanto gastares a mais, eu to satisfarei quando voltar.*

36. *Qual dêstes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos ladrões?*

37. *E êle respondeu: O que usou com êle de misericórdia. Então Jesus disse-lhe: Vai e faze tu o mesmo.*

A QUEDA DO HOMEM

Neste homem despojado, ferido, deixado semimorto, os santos padres reconhecem a imagem da humanidade caída sob o punhal do demônio desde os primeiros dias da sua existência, pelo pecado original, devendo a sua salvação à intervenção do misericordioso Samaritano, que é Jesus Cristo.

Para compreendermos bem o pecado original, vejamos um instante:

1. O ESTADO a que Deus elevou a humanidade.
2. A QUEDA que lhe tirou os privilégios recebidos.

I. ESTADO SOBRENATURAL DO HOMEM

O estado *natural* do homem é de ser um composto substancial, de uma alma racional e de um corpo mortal.

Pela sua natureza, o homem é, pois, o ser mais nobre da criação visível, porém, esta natureza nos deixa no estado de simples criatura mortal, serva de Deus, porém incapaz de conhecê-lo, ou de vê-lo, senão pela simples razão.

Deus teria podido deixar o homem neste estado; Êle dá a cada ser a sua natureza própria, e pode deixar êste ser nesta natureza, como Êle fêz com o mineral, o vegetal e o animal.

Êste estado chama-se: estado de *pura natureza.*

Mas Deus, que é amor, quis elevar o homem a uma ordem superior, à ordem da graça.

Êle quis que o homem não fôsse simples criatura; mas um *filho de Deus,* chamando-o a entrar em sua família, a participar da sua própria vida, desde êste mundo, pela graça, e na eternidade, pela visão e pela possessão de Deus.

Para isso, Deus outorgou ao primeiro homem,

além dos dons *naturais,* dons de duas qualidades: *sobrenaturais* e *preternaturais.*

Os dons naturais são tôdas as propriedades do corpo e alma, exigidos por sua natureza de homem, e todos os meios que necessitavam, para alcançar êste fim natural.

Êstes dons pertencendo à natureza humana, o homem não pode perdê-los, sem deixar de ser homem: são a *razão* e a *liberdade.*

Os dons sobrenaturais são dons que ultrapassam as exigências da natureza criada, aos quais o homem não teve direito, e que o elevam à vida sobrenatural. São: a graça santificante, a predestinação, a visão beatífica. Êstes dons fazem dos homens verdadeiros filhos adotivos de Deus.

Os dons preternaturais são os que excedem as exigências da natureza humana, no estado natural, mas não excedem a natureza do homem elevado à ordem sobrenatural.

São quatro estas prerrogativas, referindo-se duas ao *corpo*: isenção do sofrimento e da morte; e duas à *alma*: isenção da concupiscência e da ignorância.

Êste estado, em que Deus criou o primeiro homem, é chamado: estado de *inocência,* ou de justiça original.

II. A QUEDA DO HOMEM

Esta queda é o pecado original, cometido por Adão e Eva, comendo do fruto da árvore proibida.

Tal pecado era *atual* em Adão e Eva, como homens, porém, torna-se *habitual* para os seus descendentes, porque Adão era a cabeça da humanidade.

A consequência desta desobediência à ordem de Deus era para Adão e todos os seus descendentes a perda imediata de todos os dons que não excediam às exigências da natureza humana.

Conservaram-se, pois, os *dons naturais*, embora enfraquecidos, e perderam os dons *sobrenaturais* da graça divina e os dons *preternaturais* da alma e do corpo: isenção do sofrimento e da morte, da concupiscência e da ignorância.

Tal perda não se limitou aos nossos primeiros pais, porque além de ser um pecado *pessoal*, era também um pecado *de raça*.

Ora, é natural que o tal pecado, afetando à raça humana, todos os que pertencem a esta raça participem dêste pecado, isto é: a humanidade inteira.

Estende-se, pois, à humanidade a perda dos dons sobrenaturais, os quais foram recuperados pela incarnação e redenção, paixão e morte do Salvador, mas com a obrigação de *cooperar* na obra da própria redenção.

Os dons *preternaturais* não foram recuperados e Deus quis que, como lembrança da queda, o homem ficasse sujeito ao sofrimento, à morte, à concupiscência e à ignorância.

Quanto aos dons *naturais*, não foram retirados em sua constituição intrínseca, mas sim no seu uso,

porque as paixões desnorteiam o juízo e enfraquecem a vontade.

III. CONCLUSÃO

O pecado original é apagado pelo batismo, sendo restituída ao homem a graça de Deus; porém, as consequências do pecado permanecem, e para vencê-las é preciso recorrer à oração, à recepção dos sacramentos da confissão e da comunhão.

Daí a necessidade de fazer batizar, quanto antes, as crianças recém-nascidas.

O pecado original, não sendo em nós um pecado *atual, voluntário*, não acarreta os castigos do inferno; porém, as crianças mortas sem batismo, morrem com o pecado original, não tendo entrado na ordem sobrenatural, pois é esta a coroação da graça, tais crianças vão para o limbo, onde gozarão de uma felicidade natural, correspondente à ordem natural, à qual pertencem.

XIII. DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES
(Luc. 17, 11-19)

11. *Naquele tempo, indo Jesus para Jerusalém, passou pelo meio da Samaria e da Galiléia.*

12. *E, ao entrar numa aldeia, sairam-lhe ao encontro dez homens leprosos, que pararam ao longe:*

13. *E, levantando a voz, disseram: Jesus, Mestre, tem compaixão de nós.*

14. *Tendo-os Êle visto, disse-lhes: Ide mostrar-vos aos sacerdotes. E aconteceu que, enquanto iam, ficaram limpos.*

15. *E um dêles, quando viu que tinha ficado limpo, voltou atrás glorificando a Deus em alta voz:*

16. *E prostrou-se por terra a seus pés, dando-lhe graças: e êste era samaritano.*

17. *E Jesus disse: Não são dez os que foram curados? e onde estão os outros nove?*

18. *Não se encontrou quem voltasse, e desse glória a Deus, senão êste estrangeiro?*

19. *E disse para êle: Levanta-te, vai: a tua fé te salvou.*

O PODER DA IGREJA

Antes de curar os leprosos, Jesus lhes diz que

fôssem mostrar-se aos sacerdotes; e indo êles, antes mesmo de chegar ao têrmo da sua visita, foram curados da lepra.

Jesus quer mostrar com isso a obediência que os fiéis devem aos sacerdotes.

A lei marcava que os leprosos curados da sua enfermidade se apresentassem aos sacerdotes, para que êstes verificassem a cura.

E' a proclamação da autoridade da Igreja.

Sendo a religião uma sociedade, não pode subsistir sem autoridade. O sacerdote, isto é, o Papa, é a suprema autoridade da Igreja, ou sociedade dos fiéis, que êle deve conduzir ao céu.

Para poder conduzir os fiéis, é necessário que a Igreja possua os meios de alcançar êste fim.

Êstes meios são:

1. O poder DOUTRINAL.
2. O poder SACRAMENTAL.
3. O poder GOVERNAMENTAL.

I. O PODER DOUTRINAL

Jesus Cristo comunicou o poder doutrinal a seus Apóstolos, quando os mandou ensinarem tôdas as nações:

Ide, ensinai tôdas as gentes... ensinando-as a observar tôdas as coisas que vos mandei. (Mat. 28, 19).

E' um *poder*, é também uma *ordem*.

Êste poder exige necessàriamente *infalibilida-*

de, pois, para poderem ensinar com fruto e segurança, era necessário que a autoridade docente fôsse infalível.

A infalibilidade reside no Papa, pessoalmente, como representante de Jesus Cristo; e nos Bispos unidos ao Papa.

A Igreja exerce seu poder doutrinal de diversos modos:

1. Pelos seus Concílios Gerais, presididos pelo Papa, por seus legados, ou aprovados por êle.

2. Pela concordância unânime dos Bispos, unidos ao Papa.

3. Pelo Papa sòzinho ex-cátedra.

E' objeto de infalibilidade tudo o que se refere direta ou indiretamente às verdades católicas, reveladas por Deus explícita ou implìcitamente, e que se encontram nos depósitos da revelação: a Sagrada Escritura e a Tradição.

São considerados como objetos indiretos da infalibilidade:

As conclusões teológicas, tiradas de umas premissas reveladas.

Os fatos dogmáticos, ou fatos intrìnsecamente ligados ao dogma.

Os decretos universais relativos ao culto divino.

As decisões aprobatórias de congregações religiosas.

As aprovações do Breviário.

A canonização dos santos.

II. O PODER SACRAMENTAL

O poder de administrar os sacramentos, na Igreja, consiste em comunicar aos homens, por meio dos sacramentos, sobretudo do Batismo, da Penitência e da Eucaristia, as graças sem as quais não se pode salvar a alma.

Êste poder foi dado aos Apóstolos e aos seus sucessores, por Jesus Cristo, que os fêz *"os dispensadores dos mistérios de Deus"* (I Cor. 4, 1) e lhes deu ordem de batizar, de perdoar os pecados, de consagrar a Eucaristia, de santificar o matrimônio e de se perpetuarem.

E' sobretudo pelo poder sacramental que a Igreja verdadeira se distingue das igrejas falsas, humanas, ou seitas religiosas.

A Igreja Católica possui uma série de Sacramentos completa, racional, que abrange tôdas as fases e tôdas as necessidades da vida, enquanto as seitas podem possuir um ou outro sacramento, geralmente um só, mas insuficiente para o desenvolvimento da vida cristã, e incompleto em sua extensão.

Há sete Sacramentos e só pode haver sete.

Santo Tomás explica admiràvelmente a analogia que existe entre a vida natural e a vida sobrenatural. Os sete Sacramentos reunidos são necessários e bastam para a vida, conservação e prosperidade espiritual, quer do corpo inteiro da Igreja, quer de cada membro em particular.

Na ordem natural, para o aperfeiçoamento pessoal é necessário:

1. Nascer; 2. Fortificar-se; 3. Alimentar-se; 4. Curar-se das enfermidades; 5. Refazer-se nos achaques da velhice.

Para o aperfeiçoamento moral, a humanidade precisa de: 6. Autoridade para governar; 7. De propagação para perpetuar-se.

Na ordem espiritual encontramos os mesmos elementos:

1. *O Batismo*: é o nascimento espiritual.
2. *A Crisma*: é a fortificação da graça.
3. *A Eucaristia*: é o alimento da alma.
4. *A Penitência*: é a cura das fraquezas da alma.
5. *A Extrema-Unção*: é o restabelecimento das fôrças da alma.
6. *A Ordem*: dá o poder sacerdotal.
7. *O Matrimônio*: assegura a prole.

Eis tôda a vida tomada, como envôlta numa rêde de graças, do berço ao túmulo.

III. CONCLUSÃO

O terceiro poder que completa os dois outros, é o poder *governamental.*

Tal poder abrange três ramos:

1. Fazer leis (poder legislativo).
2. Julgar os atos (poder judiciário).
3. Impôr sanções (poder penal).

Êste poder resulta das palavras de Jesus Cristo: *Quem vos escuta, a mim escuta.* (Luc. 10, 16); *o que não escutar a Igreja, considerem-no como pagão e publicano.* (Mat. 18, 17).

A Igreja não pode mudar nem modificar êste govêrno, porque foi estabelecido por Jesus Cristo, e Êste não muda.

Os governos humanos podem mudar, porque são humanos; o governo da Igreja não muda porque é perfeito.

Respeitemos sempre êste tríplice poder da Igreja: o poder *doutrinal,* o poder *sacramental* e o poder *governamental* — três característicos instituídos por Jesus Cristo, e que fazem distinguir a Igreja verdadeira das falsas instituições humanas.

Respeito à autoridade da Igreja.
Recepção dos sacramentos.
Obediência às leis da Igreja.

XIV. DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES
(Mat. 6, 24-34)

24. *Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: Ninguém pode servir a dois senhores: porque ou odiará um e amará o outro: ou há-de afeiçoar-se a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e à riqueza.*

25. *Portanto, vos digo: não andeis (demasiadamente) inquietos nem com o que (vos é preciso) para vestir o vosso corpo. Porventura não vale mais a vida que o alimento, e o corpo mais que o vestido?*

26. *Olhai para as aves do céu, que não semeiam nem ceifam, nem fazem provisão nos celeiros; e contudo vosso Pai celeste as sustenta. Porventura não sois vós muito mais do que elas?* .

27. *E qual de vós, por muito que pense, pode acrescentar um côvado à sua estatura?*

28. *E por que vos inquietais com o vestido? Considerai como crescem os lírios do campo: êles não trabalham nem fiam.*

29. *E digo-vos, todavia, que nem Salomão, em tôda a sua glória, se vestiu jamais como um dêstes.*

30. *Se, pois, Deus veste assim uma erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno: quanto mais a vós, homens de pouca fé?*

31. *Não vos aflijais, pois, dizendo: Que comeremos ou que beberemos ou com que nos vestiremos?*

32. *Porque os gentios é que buscam (com excessivo cuidado) tôdas estas coisas. Vosso Pai sabe que tendes necessidade de tôdas elas.*

33. *Buscai, pois, em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça: e tôdas estas coisas vos serão dadas por acréscimo.*

34. *Não queirais, pois, andar (demasiadamente) inquietos pelo dia de amanhã. Porque o dia de amanhã cuidará de si: a cada dia basta o seu cuidado.*

A CONFIANÇA EM DEUS

O Evangelho de hoje pode-se chamar: O código da confiança em Deus.

Esta confiança é baseada sôbre a paternal Providência que faz tudo bem feito, como vimos no Evangelho, há apenas três semanas.

Como são suaves e reconfortantes as palavras de Nosso Senhor, para nos excitar a confiança.

Vosso Pai celeste sabe... diz Êle.
Olhai para as aves do céu...
Considerai como crescem os lírios...
Não vos inquieteis...

Há homens que se queixam de Deus... que acham tudo mal feito neste mundo, porque não sa-

bem reconhecer *o dedo de Deus* nos acontecimentos. Examinemos um instante a injustiça destas queixas, vendo:

1. O QUE MERECEMOS.
2. O QUE FIZERAM OS SANTOS.

I. O QUE MERECEMOS

Que fiz eu a Deus, para que Êle me trate dêste modo? — assim dizem os homens de pouca fé.

Ah! se Deus quisesse responder-lhes, não seria difícil reduzí-los ao silêncio, desenrolando diante de seus olhos a longa e vergonhosa lista de seus pecados, que a sua indiferença religiosa lhes esconde.

Êstes pecados, tão numerosos quão grandes, lhes mereceram o inferno com seus castigos eternos, e têm êles a coragem de comparar uma leve tribulação passageira com êstes castigos eternos que mereceram?

Deus podia mostrar-lhes as tremendas chamas do purgatório!

Que são as penas mitigadas dêste mundo em comparação com as expiações da outra vida?

Não é, pois, proveitoso, para nós, podermos sofrer um pouco neste mundo, para poupar-nos os suplícios horríveis da outra vida?

Deus podia ainda mostrar-nos: o seu presépio e a sua cruz e, enfim, o céu.

Jesus Cristo, o primeiro, nos deu o exemplo da paciência, para que o imitássemos e aceitássemos

com resignação as penas que Deus permite ou nos manda.

O céu, eis o que nunca se deve perder de vista, sobretudo na hora da provação.

A pobreza com suas provações.
A moléstia com suas agonias.
A calúnia com suas amarguras.
A provação com suas agruras.

Tudo isto muda de aspecto, visto à claridade do gôzo eterno.

Vinde a mim, vós todos que sofreis, diz o Salvador, *e eu vos consolarei.*

II. O QUE FAZEM OS SANTOS

Como os santos compreenderam admiràvelmente estas lições de Deus!

O exemplo do Santo Jó é conhecido.

Após cada calamidade que lhe anunciaram, êle se contentou em responder: *Deus mo deu, Deus mo retirou... Seja bendito o seu santo nome!*

Santa Ludvina durante 40 anos ficou como que pregada sôbre um leito de dores, sem que nunca nem um gesto de impaciência, nem uma palavra de murmuração lhe escapasse, conservando uma tal serenidade que parecia não sofrer nada.

Santa Isabel de Hungria, duqueza de Turíngia, expulsa de seus estados, com seus quatro filhinhos, abandonada por todos, reduzida à mendicidade, foi-se a um convento de franciscanos, pedir que cantas-

sem um solene "Te-Deum" em ação de graças pelo benefício que acabava de receber, de poder sofrer qualquer coisa por amor de Deus.

São Luiz, Rei de França, dizia, falando de seu cativeiro no Egito, onde muito sofrera da parte dos sarracenos: "Alegro-me e dou mais graças a Deus, pela paciência que me deu durante o cativeiro, do que se houvesse conquistado tôda a terra".

Os santos olhavam para Deus, enxergavam a sua mão em tôda parte, e beijavam essa mão, através do sofrimento como através das alegrias.

E' Deus que se esconde como através de um véu, e Deus é sempre igualmente bom, é sempre pai, e o pai sempre quer o bem de seus filhos.

Êle permite, às vêzes, o mal *físico* para tirar um bem dêste mal que é apenas aparente. Permite até o mal *moral* ou pecado, que é o único mal verdadeiro, por não poder violentar a liberdade do homem, pois o homem sem livre arbítrio não seria mais homem, mas um simples animal; até do mal moral, porém, Deus sabe tirar um bem.

III. CONCLUSÃO

Excitemos em nós esta confiança ilimitada na Providência divina, que no Evangelho de hoje Jesus nos manifesta tão claramente.

Deus é nosso Pai, e conhece as nossas necessidades.

Êle dirige, governa e dispõe tudo, com pêso e medida, para o bem dos eleitos.

Devemos tomar as nossas precauções; estas são exigidas pela prudência e pela vontade divina; mas, depois de termos feito o que depende de nós, confiemos em Deus... Como disse admiràvelmente Sto. Inácio: Façamos como se tudo dependesse dos nossos esforços, e confiemos em Deus, como se tudo dependesse dêle.

http://www.obrascatolicas.com

XV. DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES
(Luc. 7, 11-15)

11. *Naquele tempo, foi Jesus a uma cidade chamada de Naim: e iam com êle seus discípulos e muito povo.*

12. *E quando chegou perto da porta da cidade: eis que era levado um defunto a sepultar, filho único de sua mãe: e esta era viúva; e ia com ela muita gente da cidade.*

13. *E tendo-a visto, o Senhor, movido de compaixão para com ela, disse-lhe: Não chores.*

14. *E aproximou-se e tocou no esquife. E os que o levavam pararam. Então disse Êle: Jovem, eu te digo, levanta-te.*

15. *E sentou-se o que tinha estado morto, e começou a falar. E (Jesus) entregou-o à sua mãe.*

A MORTE

Êste morto, êste préstito lúgubre, estas lágrimas de u'a mãe desolada, seguindo para o cemitério o cadáver de seu filho único, depois de ter seguido já o cadáver de seu marido, tudo isso nos convida a falar da morte.

Examinemos:

1. AS CERTEZAS da morte.
2. A LINGUAGEM da morte.

I. AS CERTEZAS DA MORTE

A morte é a consequência do pecado...

Ela revela o horror do pecado...

Eva, diante do cadáver de Abel, viu a morte pela primeira vez... mas devia murmurar: Meu filho, fui eu que te matei, pelo meu pecado...

Hoje é a lei universal: *Statutum est hominibus semel mori.* (Hebr. 9, 27). E' certo, absolutamente certo, que:

1. *Havemos de morrer.* Todos morrem... até hoje ninguém escapou! crianças, mocidade, velhice.

Beleza, inteligência, posição, pobre, rico... tudo desaparece...

Que é morrer?
E' deixar tudo...
Ser abandonados de todos...
Apodrecer no cemitério...
Prestar contas a Deus da sua vida...

A morte abate tudo. Há 100 anos a sua cidade era habitada por outros, hoje desconhecidos. — Mais outros 100 anos, e outra geração habitará, ignorando os vivos de hoje, pisando os seus ossos.

2. *Morreremos brevemente.* Que são 50, 80 anos?

Uma fumaça que passa.

O homem nasce com a corda ao pescoço, diz São Cipriano.

http://www.obrascatolicas.com/

Sentimos esta brevidade da vida, e procuramos mentir até a nós mesmos.

Se nos perguntam: Quantos anos tem?
Respondemos: 20, 30, 50, etc.
E' uma mentira.

Em vez de dizer os anos que ainda temos, mas que ignoramos, dizemos os que não temos mais... Devia-se responder: Não tenho mais 20, 30, 50 anos!
Quantos anos temos ainda? Não o sabemos.

3. *Morreremos de morte imprevista.* Todos morrem, não de morte súbita, mas de morte *imprevista*: no tempo e na hora em que menos pensamos. E' a palavra de Jesus Cristo: *Vigiai, visto que não sabeis quando virá o senhor da casa; se de tarde, se à meia noite... para que, vindo de repente, não vos encontre dormindo.* (Mat. 13, 35).

Estai preparados, porque na hora que não cuidais virá o Filho do homem. (Luc. 12, 40).

E' um fato de experiência. Quando um doente está morrendo, pensa na vida... e quando pretende não morrer, está no fim.

II. A LINGUAGEM DA MORTE

A morte *imola* e *prega.*
E' ela que está hoje no púlpito para pregar...
E' o mais eloquente dos oradores.
Escutemo-lo.

Quereis conhecer o meu trabalho? — diz a morte.

Por ano eu mato 30 milhões de pessoas: homens, mulheres, crianças.

Cada dia a minha foice ceifa mais de 30.000 vivos.

Cada hora, eu mando para o cemitério perto de 4.000 pessoas.

Enquanto estais aqui assistindo à missa, eu trabalho e corto a vida a mais de 2.000 pessoas, não presentes na Igreja.

Eu não descanso; a matança é contínua, de dia e de noite. Ninguém me escapa.

Siccine separat amara mors. (I Reis, 15, 32).

Levo diante de mim a humanidade inteira, precipitando tudo no abismo: tronos, riquezas, poder, pobreza, sofrimento e ódio...

Onde há umas casas, eu tenho ali o meu jardim: chamam-no: *o cemitério.*

Há lágrimas, e há gemidos, há súplicas, mas o meu lema é: *Pulvis es et in pulverem reverteris.* (Gên. 3, 19).

Tu és tirado do pó, eu te reduzo ao pó.
Sou inflexível como a eternidade.
A mãe me suplica...
A mocidade me odeia...
A velhice me teme...
A pobreza me invoca...
Para o justo eu trago uma corca!
Para o pecador trago suplícios!

Cada um recebe conforme os seus merecimentos.

http://www.obrascatolicas.com

III. CONCLUSÃO

Lembremo-nos, às vêzes, da morte e de seus ensinamentos, e sobretudo vivamos de tal modo, que a morte não nos possa surpreender num estado merecedor de castigos.

Talis vita, finis ita... Tal vida, tal morte.

Não esperemos o último instante para estarmos bem com Deus, pois não conhecemos êste último instante...

Em negócio tão sério, é mister tomar o partido mais certo e mais seguro.

Por isso, o Salvador não diz: Preparai-vos, mas, sim: *Estai preparados — Parati estote.*

Se não se brinca com o fogo, menos ainda se brinca com a morte, e com a morte certa, próxima e imprevista.

E' tão fácil viver bem com Deus: o arrependimento das faltas passadas, junto com o propósito de não ofender mais a Deus e a confissão, perdoa tudo, e nos dá a certeza de uma boa e santa morte.

Moriatur anima mea, morte justorum. (Núm. 23, 10).

XVI. DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES
(Luc. 14, 1-11)

1. *Naquele tempo, aconteceu que, entrando Jesus um sábado em casa dum dos principais fariseus a tomar a sua refeição, êles o estavam ali observando.*

2. *E eis que estava diante dÊle um homem hidrópico.*

3. *E Jesus, dirigindo a palavra aos doutores da lei e aos fariseus, disse-lhes: E' lícito fazer curas no sábado?*

4. *Mas êles ficaram calados. Então Jesus, pegando no homem pela mão, curou-o e mandou-o embora.*

5. *Dirigindo-se depois a êles, disse: Quem dentre vós que, se o (seu) jumento ou o (seu) boi cair num poço, não o tirará logo (ainda que seja) sábado?*

6. *E êles não podiam replicar a isto.*

7. *Disse também uma parábola, observando como os convidados escolhiam os primeiros assentos à mesa, dizendo-lhes:*

8. *Quando fores convidado para as bodas não te assentes no primeiro lugar, porque pode acontecer*

http://www.obrascatolicas.com

que outra pessoa de mais consideração do que tu tenha sido convidada pelo dono da casa.

9. *E que vindo êste, que te convidou a ti e a êle, te diga: Cede o lugar a êste; e tu, envergonhado, tenhas de ocupar o último lugar.*

10. *Mas quando fores convidado, vai tomar o último lugar, para que, quando vier o que te convidou, te diga: Amigo, vem mais para cima. Então terás com isto glória na presença dos que estiverem juntamente sentados à mesa.*

11. *Porque todo o que se exalta, será humilhado; e o que se humilha, será exaltado.*

O ENSINO DA IGREJA

O Evangelho de hoje, pelo modo de apresentar diversas instruções, nos indica o método de ensino do divino Mestre.

A Igreja, como continuadora dêste ensino, emprega o mesmo método, simples, claro, eficaz, e ao alcance de todos.

O protestantismo entrega a seus crentes uma Bíblia, palavra divina, é certo, mas palavra muda, que precisa de uma interpretação: daí a balbúrdia do protestantismo.

Jesus Cristo usou de outro método, seguiu outras diretivas que a Igreja adotou como norma do seu ensino.

O Evangelho nos mostra dois graus neste método.

1. INSTRUIR os fiéis.
2. INTERPRETAR a palavra de Deus.

I. INSTRUIR OS FIÉIS

Jesus Cristo e a sua Igreja passam fazendo o bem.

Convidado por um fariseu, para jantar em sua casa, Jesus encontra ali um hidrópico e o cura.

Assim faz a Igreja: ela é a grande semeadora do bem. Para compreendê-la, basta passar em revista as suas numerosas e variadas instituições de caridade.

Ela não passa indiferente diante de nenhuma necessidade: desde o berço até ao túmulo, ela acompanha com solicitude a criança, o jovem, o enfêrmo, o aleijado, o velho, o pobre, o abandonado, procurando dar a todos um alívio e um reconfôrto.

Mas se ela trata do corpo, é em vista de alcançar a alma, pela instrução religiosa.

Cada uma das suas instituições, como cada um dos milagres do Salvador, tem por fim: mostrar o caminho da salvação.

Vejamos com quanta delicadeza Nosso Senhor dá aos fariseus uma lição formidável.

Os fariseus interpretavam a lei ao seu talante, ora exagerando, ora diminuindo, como fazem os modernos protestantes, não permitindo no *dia santo* nenhum serviço, nem sequer uma obra de caridade.

Eis porque Nosso Senhor lhes pergunta se é permitido curar no sábado.

Ficaram calados, conhecendo a sabedoria e a perspicácia do Mestre. Jesus dá-lhes a resposta, per-

http://www.obrascatolicas.com

guntando se era permitido tirar um boi do poço, no sábado.

Mesmo silêncio da parte dos fariseus.

A conclusão era lógica: O dia do Senhor é um dia de descanso para o *corpo*, mas um dia de atividade para a *alma*, a fim de santificar êste dia, pelas boas obras e a oração.

II. INTERPRETAR A LEI

E' outra lição aplicável aos protestantes, que pretendem que cada um pode interpretar, à sua vontade, a lei de Deus.

Não! Isso é impossível e até ridículo.

O sentido da lei de Deus ou da palavra de Deus, é um só: e êste único sentido deve ser interpretado por uma única autoridade.

Esta autoridade é o próprio Jesus Cristo, e o Chefe da sua Igreja a quem Êle disse expressamente: *Quem vos escuta, a mim escuta; quem vos despreza, a mim despreza.* (Luc. 10, 16).

Ora, nesta interpretação é possível de usar de *severidade* ou de *indulgência* exageradas.

Daí a incalculável variedade de credos protestantes: os rigoristas vão para o rigor; os laxistas inclinam-se para a indulgência; e cada um fabrica uma religião que se adapta ao seu gênio, às suas tendências, às suas aspirações.

A Igreja Católica, ao exemplo de seu divino Mestre, conserva-se sempre entre êstes dois extremos perigosos, aliando a firmeza à indulgência, o rigor à bondade.

Ela age nisso como agiu o Salvador.

Os fariseus interpretavam a lei sabática de um modo rigorista, até interdizer neste dia o uso de uma bengala, sob o pretexto de que era proibido carregar pesos...

Jesus lhes mostra, com bondade e firmeza, como se santifica o sábado, fazendo o bem, em vez de abster-se de coisas acidentais que nenhuma importância têm na vida.

Vendo depois o orgulho dos fariseus à cata dos primeiros lugares, Jesus lhes dá outra lição cheia de firmeza e de bondade.

E' o que faz também a Igreja: nos obriga a humilhar-nos pela confissão, para nos levar diante de Deus; convida-nos à penitência, na quaresma; indica-nos como e quando nos devemos aproximar dos sacramentos, etc., etc.

E' a continuação do ministério do divino Mestre: instruir e interpretar.

III. CONCLUSÃO

A sublime lição que termina o ensino do Mestre é a *humildade.*

Todo aquêle que se exaltar será humilhado e todo aquêle que se humilhar será exaltado.

O infeliz protestante se exalta, bradando: Estou na luz!... estou salvo!... e os romanos estão nas trevas... e na perdição!

http://www.obrascatolicas.com

Pobres cegos, não notam quanto orgulho encerram tais palavras!

Para conservamo-nos na humildade, o Apóstolo diz que devemos *operar a nossa salvação com mêdo e tremor, porque ninguém sabe se é digno de ódio ou de amor* (Filip. 2, 12; Ecl. 9, 1) e o infeliz protestante, desprezando êste aviso, exalta-se acima dos outros, como se fôsse um santo...

Êles não admitem santos, mas pretendem ser santos...

Exaltam-se: serão humilhados!

Se cabe à autoridade da Igreja *instruir-nos* e interpretar o sentido da palavra de Deus, escutemos êstes ensinos, com humildade, preferindo os seus oráculos às nossas idéias próprias ou interpretações individuais.

E' um ato de humildade que nos elevará bem alto, na estima de Deus.

XVII. DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES
(Mat. 12, 34-46)

34. *Naquele tempo, tendo os fariseus sabido que (Jesus) reduzira ao silêncio aos saduceus, reuniram-se:*

35. *E um dêles, doutor da lei, tentando-o, perguntou-lhe:*

36. *Mestre, qual é o grande mandamento da lei?*

37. *Jesus disse-lhe: Amarás ao Senhor teu Deus, de todo o teu coração e de tôda a tua alma e de todo o teu espírito.*

38. *Êste é o máximo e o primeiro Mandamento.*

39. *E o segundo é semelhante a êste: Amarás o teu próximo, como a ti mesmo.*

40. *Dêstes dois mandamentos depende tôda a lei e os profetas.*

41. *E estando juntos os fariseus, Jesus interrogou-os dizendo:*

42. *Que vos parece do Cristo? De quem é Êle Filho? Responderam-lhe: De Davi.*

43. *Jesus disse-lhes: Como, pois, lhe chama Davi em espírito Senhor, dizendo:*

44. *Disse o Senhor ao meu Senhor: Senta-te*

http://www.obrascatolicas.com

à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés.

45. *Se, pois, Davi lhe chama Senhor, como é Êle seu Filho?*

46. *E ninguém podia responder-lhe uma só palavra; e daquele dia em diante não houve mais quem ousasse interrogá-lo.*

JESUS CRISTO

Recolhamos do Evangelho a pergunta que Jesus dirigiu aos fariseus: *O que pensais do Cristo? De quem é Filho?*

A pergunta penetra no âmago do ensino dogmático sôbre a personalidade de Jesus Cristo.

Os fariseus deram uma resposta incompleta, dizendo que era Filho de Davi.

A resposta verdadeira é a de São Pedro: *Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo.* (Mat. 16, 16).

Examinemos as provas que estabelecem positivamente que Jesus é o Filho de Deus.

1. Pelas suas próprias AFIRMAÇÕES.
2. Pelos milagres PROBATIVOS desta afirmação.

I. AS AFIRMAÇÕES DE JESUS

Jesus afirmava a cada instante que era Deus... Filho de Deus... igual a seu Pai, e tendo todo o poder neste mundo... e chega a jurar que Êle é o *Filho unigênito de Deus.*

Basta examinar umas das asserções do Salvador para ver que não pode haver nem equívocos, nem dúvida a êste respeito.

Êle diz: *Antes que Abraão fôsse feito, eu sou.* (Jo. 8, 48).

— *Glorifica-me, meu Pai, com aquela glória que eu tinha em ti, antes que o mundo existisse.* (Jo. 17, 5).

— *Eu e o Pai somos uma e a mesma coisa.* (Jo. 10, 30).

— *O Pai está em mim e eu estou no Pai.* (Jo. 10, 38).

— *Assim como o Pai tem a vida em si mesmo, assim também deu Êle ao Filho ter a vida em si mesmo.* (Jo. 5, 26).

— *Tôdas as coisas me foram entregues por meu Pai; e ninguém conhece o Filho, senão o Pai; nem ninguém conhece o Pai, senão o Filho, e a quem o Filho o quiser revelar.* (Mat. 11, 27).

— *Foi-me dado todo o poder no céu e na terra.* (Mat. 28, 18).

— *Assim como o Pai ressuscita os mortos, e lhes dá a vida, assim também o Filho dá a vida a quem quiser.* (Jo. 5, 21).

— *Crêde em Deus, crêde também em mim.* (Jo. 14, 1).

No sinédrio dos judeus, Caifás perguntou solemente a Jesus: "Eu te conjuro, pelo Deus vivo, que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus?"

A resposta é positiva, sem nenhuma hesitação:

— *Vós dizeis, eu o sou!* (Luc. 22, 70) *mas também vos digo que vereis o Filho do Homem sentado à direita de Deus, vir sôbre as nuvens do céu.* (Mat. 26, 64).

Não há, pois, dúvida: Jesus é o *Filho unigênito de Deus.* (Jo. 3, 16) ou seria um mentiroso, um blasfemador. Ora, a sua vida contradiz uma tal explicação, como a destroem os seus numerosos milagres, feitos para provar a sua asserção.

II. OS MILAGRES PROBATIVOS

O milagre, considerado isoladamente, prova a santidade e o poder de Jesus Cristo, sem provar por isso a sua divindade.

Muitos santos fizeram igualmente milagres, sem serem êles Deus; porém o milagre, feito propositalmente para provar esta dignidade, é um argumento divino, absolutamente irrefutável, positivamente probativo.

Ora, tais milagres ocorrem a cada passo, na vida de Jesus Cristo.

Êle disse aos judeus incrédulos. *Se não quiserdes crer em mim, crede em minhas obras, porque estas dão testemunho de mim.* (Jo. 10, 28).

Tais obras são os seus milagres.

Jesus afirma ter o poder de perdoar os pecados, e tal poder pertence exclusivamente a Deus e a quem Deus o comunicar.

Ora, curando um paralítico (Mat. 9, 3) Jesus diz aos fariseus que murmuravam: *Ora, para que*

saibais que o Filho do homem tem poder na terra de perdoar pecados: Levanta-te, carrega o teu leito, e vai para casa.

E êle levantou-se e foi para casa. (Mat. 9, 7).

E' claro, é insofismável: Jesus fêz um milagre para provar que pode perdoar pecados, o que só Deus pode fazer.

Além de muitos outros, a ressurreição de Lázaro é outro testemunho da sua divindade.

Diante do sepulcro de Lázaro Jesus fala em alta voz. *Pai, dou-te graças, porque me tens ouvido... falei assim por causa do povo que está em roda de mim: para que creiam que tu me enviaste.*

Tendo dito estas palavras, bradou em alta voz: Lázaro, sai para fora.

E imediatamente saiu o que estivera morto. (Jo. 11, 42).

Que prova mais clara e mais probante, que a ressurreição de um morto, para provar que Jesus é enviado pelo Pai, para salvar o mundo!

III. CONCLUSÃO

Jesus Cristo é, pois, verdadeiramente o *Filho de Deus!...* Deus igual a seu Pai, tendo em suas mãos um poder divino, e sôbre os seus lábios a verdade divina.

Jesus, sendo Deus, é infalível em seu ensino, pois Deus não pode enganar-nos.

Devemos, pois, aceitar tudo o que Êle nos en-

http://www.obrascatolicas.com

sinam como sendo *verdades divinas*; e devemos fazer tudo o que Êle manda, pois: são *ordens divinas.*

Crer firmemente no seu ensino, que nos é transmitido fielmente pela Igreja, a quem Jesus encarregou de conservar e explicar a sua doutrina: *Quem vos escuta, escuta a mim!*

Devemos praticar tudo o que Êle manda, e até procurar fazer o que Êle nos aconselha.

Os mandamentos são leis divinas obrigatórias para todos.

Os conselhos são meios utilíssimos de perfeição para certos estados de vida.

E tudo é para o bem dos que amam a Deus.

Diligentibus Deum, omnia cooperantur in bonum.

XVIII. DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES
(Mat. 9, 1-8)

1. *Naquele tempo, subindo Jesus para uma pequena barca, tornou a passar o lago e voltou para a sua cidade.*

2. *E eis que lhe apresentaram um paralítico que jazia no leito. E vendo Jesus a fé que êles tinham, disse ao paralítico: Filho, tem confiança, são-te perdoados os teus pecados.*

3. *E logo alguns dos escribas disseram dentro de si: Êle blasfema.*

4. *E tendo Jesus visto os seus pensamentos, disse: porque pensais mal nos vossos corações?*

5. *Que coisa é mais fácil dizer: São-te perdoados os teus pecados; ou dizer: Levanta-te e caminha?*

6. *Pois, para que saibais que o Filho do homem tem poder sôbre a terra de perdoar pecados: Levanta-te, disse então ao paralítico, toma o teu leito, e vai para tua casa.*

7. *E êle levantou-se e foi para sua casa.*

8. *E vendo isto as multidões, temeram e glorificaram a Deus, que deu tal poder aos homens.*

NECESSIDADE DA CONFISSÃO

Notemos bem a primeira palavra de Jesus, di-

rigida ao paralítico: *Tem confiança, filho, que os teus pecados te são perdoados!*

Todo pecador é um paralítico: E todos nós somos pecadores!

O viciado é um leproso: já vimos como Jesus cura os leprosos; vejamos hoje como êle cura os paralíticos espirituais: é pelo sacramento da confissão.

A confissão é o grande sacramento da *misericórdia* divina.

Já tratámos dêle (I domingo da páscoa). Vejamos hoje outro aspecto da confissão, mostrando:

1. A sua NECESSIDADE.
2. As suas DOÇURAS.

I. NECESSIDADE DA CONFISSÃO

A confissão corresponde admiràvelmente a tôdas as necessidades de nossa alma; e esta perfeita adaptação é uma prova da sua divindade.

A confissão tem por fim arrancar o *mal* do coração do homem.

Ora, o mal contém três elementos: o orgulho, a concupiscência, a revolta.

O pecador repete, em atos senão em palavras, o brado orgulhoso de Lúcifer: *Non serviam!*

O orgulho leva o homem a rejeitar e desprezar a lei do Criador.

O homem prefere obedecer às suas paixões, deixando levar-se pela concupiscência; e como encontra um obstáculo — a lei divina — êle se revolta.

A confissão cura êste mal com os três elementos opostos.

De fato, a confissão inclui três atos essenciais:

a *humildade*, oposta ao orgulho;
o *sacrifício*, oposto à sensualidade;
a *obediência*, oposta à revolta.

O pecador é obrigado a ajoelhar-se aos pés de um homem, seu igual como homem, seu mestre e juiz pela dignidade: é um ato de humildade.

O pecador deve declarar as suas misérias: é um sacrifício.

Enfim, êle deve cumprir a penitência imposta: é um ato de obediência.

Eis como Deus destrói, até à raiz, o mal que cometemos. Êle nos castiga com três atos opostos aos atos do mal cometido... mas se Êle castiga, Êle cura e consola também, como vamos ver.

II. AS DOÇURAS DA CONFISSÃO

A confissão é sobretudo um *remédio* mas todo remédio é amargo.

Deus, que é Pai, quer dulcificar a amargura do remédio, passando um pouco de mel na beira do cálice que Êle nos apresenta... e chega até a misturar o mel com o próprio remédio.

De que precisa o pecador arrependido?
De três coisas: *consolação, luz* e *perdão*.

Oh! quanto nós precisamos de *consolação!*

http://www.obrascatolicas.com

Há horas tristes na vida... há amigos falsos e inconstantes... há traições... há Pilatos e Judas em grande número.

Daí os desesperos... os suicídios!

O pecado é um abcesso cheio de pus, que faz sofrer horrìvelmente.

A confissão é como uma lanceta que abre o apostema.

O sacerdote é um amigo fiel... um consolador incomparável!

Nós precisamos também de *luz!*

Jesus Cristo nos trouxe um duplo luzeiro: um luzeiro *geral* e um *particular*.

O primeiro indica o caminho.

O segundo mostra as pedras e espinhos do caminho.

O primeiro é a *pregação* e o segundo é a *confissão*.

Precisamos de luz, para ver as nossas fraquezas.

A pregação nos faz olhar para o *céu*.

A confissão nos faz olhar *para nós*.

A pregação nos mostra o ideal.

A confissão nos mostra como devemos abraçá-lo.

A primeira, é a luz da inteligência.

A segunda é a luz do coração.

Precisamos ainda de *perdão*.

A sociedade castiga, não perdoa.

A sociedade avilta e, cumprido o castigo, não

reabilita... mas deixa a vítima entregue à sua miséria.

Um assassino, por exemplo, pode chegar a tôdas as honras... mas o povo, ao vê-lo cercado de glória, murmura sempre: é um assassino! e seus filhos, embora inocentes, são filhos de um assassino.

Só Deus perdoa, reabilita, apaga tudo: esta é a obra prima da confissão.

A confissão fere, humilha, mas reabilita e consola.

O pecador, uma vez perdoado, está regenerado: é de novo filho de Deus, como se nunca houvesse pecado.

Isto prova a divindade da confissão.

III. CONCLUSÃO

Adorável invenção de um coração de Pai amoroso: a confissão é uma *necessidade* para os homens, pois são pecadores; mas é também uma *consolação*, pois Deus conhece as amarguras da vida.

Deus instituiu êste sacramento da misericórdia para destruir o *mal* no homem, êste mal, sendo o orgulho, a concupiscência e a revolta, o remédio deve ser: a humilhação, o sacrifício e a obediência.

Deus suaviza todo sacrifício; Êle quer também suavisar o sacrifício da confissão.

O pecado deixa no homem tristeza, trevas e remorso.

E eis que Deus arranca estas raízes amargas,

http://www.obrascatolicas.com

dando, ao arrependido que se confessa, consolação, luz e perdão.

Oh! como é divinamente belo... e divinamente paternal!...

E' o sacramento da misericórdia divina.

XIX. DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES
(Mat. 12, 1-14)

1. *Naquele tempo, tomando a palavra, Jesus tornou-lhes a falar em parábolas, dizendo:*

2. *O reino dos céus é semelhante a um rei que fêz as núpcias de seu filho.*

3. *E mandou os seus servos chamarem os convidados para as núpcias, e não quiseram vir.*

4. *E enviou de novo outros servos, dizendo: Dizei aos convidados: Eis que preparei o meu banquete, os meus touros e animais cevados já estão mortos, e tudo pronto: vinde às núpcias.*

5. *Mas êles desprezaram (o convite) e foram-se, um para a sua casa de campo, e outro para o seu negócio:*

6. *Outros, porém, lançaram mão dos servos que êle enviara e depois de os terem ultrajado, mataram-nos.*

7. *O rei, ouvindo isto, irou-se, e mandando os seus exércitos, exterminou aquêle homicidas, e pôs fogo à sua cidade.*

8. *Então disse a seus servos: As núpcias com efeito estão preparadas, mas os que tinham sido convidados não foram dignos.*

http://www.obrascatolicas.com

9. *Ide, pois, às encruzilhadas das ruas, e a quantos encontrardes, convidai-os para as núpcias.*

10. *E tendo saído os seus servos pelas ruas reuniram todos os que encontraram, maus e bons; e ficou cheia de convidados a sala do banquete de núpcias.*

11. *Entrou depois o rei para ver os que estavam à mesa, e viu lá um homem que não estava vestido com a veste nupcial.*

12. *E disse-lhe: Amigo, como entraste aqui, não tendo a veste nupcial? Mas êle emudeceu.*

13. *Então disse o rei aos seus ministros: atai-o de pés e mãos, e lançai-o nas trevas exteriores: aí haverá pranto e ranger de dentes.*

14. *Porque são muitos os chamados e poucos os escolhidos.*

A GRAÇA DIVINA

O Evangelho de hoje nos dá ocasião de explicar um ponto de doutrina de suma importância e bastante ignorado pelos fiéis: trata-se da *graça* de Deus.

O rei que celebra as núpcias de seu filho é o Pai Eterno, que une a natureza divina de seu Filho à natureza humana, na Pessoa de Jesus Cristo.

Há aí uma dupla união: a da natureza divina à natureza humana; e a da humanidade a Deus, pelos laços da caridade, união esta que produz em nós a vida sobrenatural, ou a *graça.*

A união da natureza divina e humana, em Jesus Cristo, chama-se a *"Incarnação"*.

A união do homem com Deus faz-se por meio da graça.

Procuremos compreender bem:

1. O QUE E' a graça.
2. O modo pelo qual se DIVIDE.

I. O QUE E' A GRAÇA

a) A graça é um *dom gratuito de Deus,* é um presente da bondade divina feito à nossa humanidade, para elevá-la acima de si mesma, e fazê-la passar a um estado *sobrenatural,* fazendo de nós, não mais simplesmente criaturas e servos, mas: filhos adotivos de Deus.

b) Êste *dom* é, pois, um dom *sobrenatural,* o que o distingue de todos os outros dons divinos.

Tudo o que possuimos é dom de Deus: nossas qualidades físicas, nossas faculdades intelectuais, etc.... tudo é *presente* de Deus, porém são presentes *naturais dados* para alcançar um fim natural.

A graça, pelo contrário, nos é dada para alcançar um fim sobrenatural, para nos elevar acima da condição humana, fazendo-nos participar da vida divina e tornando-nos capazes de ver a Deus no céu.

Sob todos êstes pontos de vista, ela é, pois, um *dom* completamente sobrenatural.

c) Em terceiro lugar, êste dom é *gratuito.*

Deus no-lo concede em vista dos merecimentos de Jesus Cristo, é certo, porém o valor dêstes méri-

http://www.obrascatolicas.com

tos provêm do fato de o homem que os adquiriu ser Deus: ou *Homem-Deus.*

Sendo Êle Deus, as suas obras são divinas e, como tais, de valor infinito.

Eis o que é a graça: um dom gratuito da bondade divina.

II. DIVISÃO DA GRAÇA

A graça tem por fim ajudar-nos a operar a nossa salvação, isto é, obter-nos a vida eterna. Para isso, ela nos constitui, desde êste mundo, num estado que nos torna capazes de merecer o céu, e êste estado chama-se: estado de graça, ou *graça habitual* (santificante).

Para ajudar-nos a adquirir e a conservar esta graça, e a readquirí-la, se tivéssemos tido a desgraça de perdê-la, nós precisamos ainda do auxílio de Deus; êste novo auxílio chama-se a *graça atual.*

Para compreender estas duas espécies de graça: a *habitual* e a *atual,* basta meditar bem a parábola do Evangelho de hoje.

Todos os convidados do banquete real — exceto um — estão revestidos da *veste nupcial,* símbolo da inocência que os torna agradáveis aos olhos do Rei.

E' a graça *habitual.*

Mas, para chegar a êste banquete, para poder penetrar no palácio do Rei e sentar-se à sua mesa, era preciso o *convite* do Rei.

Êste mandou-lhes os seus servos para convidá-

los, revestí-los da veste nupcial e introduzí-los na sala do festim. Tôdas estas atenções e preparações são a imagem da graça *atual.*

Em duas palavras, pode-se dizer que a graça *habitual* adorna a nossa alma, tornando-a agradável aos olhos de Deus; enquanto a graça *atual* faz agir nossas faculdades, para a prática da virtude.

A graça habitual é um *estado.*

A graça atual é uma *ação.*

III. CONCLUSÃO

Sem mim nada podeis fazer, disse Jesus Cristo.

De fato, o homem, *por si mesmo,* é incapaz de vencer os inimigos que o rodeiam e o atacam incessantemente: o demônio, a carne e o mundo.

Êle precisa de uma *fôrça* extrínseca que não encontra em si mesmo.

Esta fôrça é a graça.

A graça é um auxílio divino, uma fôrça divina que opera a dupla ação acima indicada: embelezar a alma: a graça *santificante*; pôr em movimento as faculdades da alma: a graça *atual.*

A primeira graça é chamada *habitual,* porque permanece na alma, enquanto esta não cometer o pecado.

A segunda chama-se *atual,* porque é dada na ocasião da ação.

Os sacramentos, *por si* mesmos, dão ou aumentam a graça santificante; e, pela *cooperação* do homem, dão a graça atual.

http://www.obrascatolicas.com

Com esta dupla graça o homem é uma fôrça divina; sem ela é uma pobre nulidade. *Bonus vir, sine Deo, nemo est,* disse Sêneca e Nosso Senhor afirmou: *Sine me nihil potest facere.*

XX. DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES
(Jo. 4, 46-53)

46. *Naquele tempo, foi Jesus novamente a Caná da Galiléia, onde tinha convertido a água em vinho. Havia ali um régulo, de Cafarnaum, cujo filho estava doente.*

47. *Êste, tendo ouvido dizer que Jesus vinha da Judéia para a Galiléia, foi ter com êle, e rogou-lhe que fôsse à sua casa curar seu filho, que estava a morrer.*

48. *Disse-lhe, pois, Jesus: Vós, se não virdes milagres e prodígios, não crêdes.*

49. *Disse-lhe o régulo: Senhor, vem, antes que meu filho morra.*

50. *Disse-lhe Jesus: Vai, o teu filho vive. Deu o homem crédito ao que Jesus lhe disse, e partiu.*

51. *E quando êle já ia para casa, vieram os seus criados ao seu encontro, e deram-lhe provas de que seu filho vivia.*

52. *E perguntou-lhes a hora em que o doente se achara melhor. E êles disseram-lhe: Ontem, pelas sete horas, o deixou a febre.*

53. *Reconheceu então o pai ser aquela mesma a hora em que Jesus lhe dissera: Teu filho vive: e creu nÊle, e tôda a sua casa.*

http://www.obrascatolicas.com

A EXTREMA-UNÇÃO

Não podemos deixar de admirar a fé que mostrou êste pai, deixando o seu filho enfêrmo, moribundo, e indo ao encontro de Jesus, para pedir-lhe a cura.

Podemos admirá-lo; devemos imitá-lo.

Quando alguém cai gravemente enfêrmo, em casa ou na família, o primeiro dever é chamar o ministro de Deus, o sacerdote, para tratar da alma, ao mesmo tempo que outros tratam do corpo.

O sacerdote trata da alma, administrando o sacramento dos enfermos: a Extrema-Unção.

Há muita ignorância a respeito dêste sacramento; para dissipá-la, vamos ver hoje:

1. A IMPORTÂNCIA da Extrema-Unção.
2. OS EFEITOS que produz na alma.

I. A IMPORTÂNCIA

E' de uma importância extrema, pois é a preparação imediata à morte e ao juízo.

E' um sacramento instituído por Jesus Cristo e promulgado pelo Apóstolo S. Tiago.

Não sabemos exatamente quando Jesus Cristo instituiu êste sacramento. Parece ter sido na ocasião em que enviou os Apóstolos para pregarem a primeira vez em Galiléia.

São Marcos diz de fato: *Expeliam muitos demônios, ungiam com óleo muitos doentes e curavam-nos.* (Mc. 6, 13).

Tiago nos seguintes têrmos:

O rito dêste sacramento foi descrito por São

Está entre vós algum enfêrmo? Chame os sacerdotes da Igreja, e êstes façam oração sôbre êle, ungindo-o com óleo em nome do Senhor: e a oração da fé salvará o enfêrmo, e o Senhor o aliviará; e se estiver com pecados ser-lhe-ão perdoados. (Tiago, 5, 14-15).

Vê-se claramente indicada nestas palavras a matéria do sacramento: a oração e a unção com óleo, feita pelo sacerdote, assim como a produção da graça especial.

Os protestantes rejeitam êste sacramento, e pretendem que tal unção seja simplesmente um remédio caseiro.

Vê-se a ignorância e a má fé de tal interpretação.

Por que chamar o sacerdote para ungir um doente com óleo? O médico, o farmacêutico, e até os próprios parentes podem fazer isto.

E depois, por que *fazer orações,* fazendo tal unção?

A virtude de um remédio natural depende da sua virtude própria e não da oração.

E, depois, como é que tal unção pode perdoar pecados?

Trata-se, pois, realmente de um sacramento instituído por Jesus em benefício dos enfermos; por isso é chamado: última, ou extrema-unção.

http://www.obrascatolicas.com

http://www.obrascatolicas.com

II. OS EFEITOS

Êste sacramento, segundo a indicação de São Tiago produz um duplo efeito: um na *alma* e outro no *corpo*.

Na alma:

Como Sacramento dos vivos, a Extrema-Unção aumenta a graça santificante, e em caso de necessidade pode restituir esta graça aos pecadores.

São Tiago indica como efeito: *Se estiver em pecados, ser-lhes-ão perdoados.*

Perdoa, pois, os pecados *veniais;* e se o enfêrmo estiver impossibilitado de confessar-se, perdoa também os pecados *mortais.*

E' bom lembrar, entretanto, que êstes pecados mortais, se o enfêrmo recuperar o uso dos sentidos, devem depois ser confessados.

Além disso, a Extrema-Unção, na medida das disposições do enfêrmo, perdoa a *pena temporal,* devida aos pecados já perdoados.

A graça sacramental própria é fôrça que comunica à alma, para resistir aos ataques do demônio.

No corpo:

A Extrema-Unção pode restituir a saúde corporal, quando Deus o julgar de proveito para a alma do enfêrmo; e em todo caso lhe dará paciência, calma e reconfôrto, como diz São Tiago: *O Senhor o aliviará!*

Muitos consideram êste sacramento como uma sentença de morte. E' um grande êrro.

Bastantes vêzes a Extrema-Unção restitui a saúde, e sempre alivia os sofrimentos.

Há católicos que pensam que, para receber êste sacramento, é preciso estar nos *extremos*: é outro êrro; neste estado, a Extrema-Unção já não pode produzir todos os efeitos que lhe são próprios.

Êste sacramento não faz ressuscitarem os mortos, mas alivia e às vêzes cura os enfêrmos; porém um enfêrmo, nos extremos, é um agonizante e não um simples enfêrmo.

III. CONCLUSÃO

A Extrema-Unção não é um Sacramento de necessidade de meio, mas sim de *preceito,* pelo menos quando o doente, em estado de pecado mortal, não pode mais confessar-se.

Para poder recebê-lo, é preciso ser batizado, ter a idade de razão, a intenção implícita de recebê-lo, e estar em perigo de morte, *quer por moléstia, quer por velhice.* (Cân. 940).

Não é preciso que o perigo seja iminente; basta que seja real e próximo.

O enfêrmo, podendo confessar-se, deve fazê-lo antes de receber a Extrema-Unção, pois é um sacramento dos vivos; e só acidentalmente, por impossibilidade de confissão, torna-se: sacramento dos mortos.

E' um dever grave, para os parentes, chamar a tempo o sacerdote, para ungir os enfermos em perigo de morte, para não os privar dêste último recurso de salvação.

XXI. DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES
(Mat. 18, 23-35)

23. *Naquele tempo, disse Jesus a seus discípulos esta parábola: O reino dos céus é comparado a um rei, que quis fazer as contas com os seus servos.*

24. *E tendo começado a fazer as contas, foi-lhe apresentado um que lhe devia dez mil talentos.*

25. *E como não tivesse com que pagar, mandou o seu senhor que fôsse vendido êle, e sua mulher, e seus filhos, e tudo o que tinha, e se saldasse a dívida.*

26. *Porém o servo, lançando-se-lhe aos pés, lhe suplicava dizendo: Tem paciência comigo, e eu te pagarei tudo.*

27. *O senhor, compadecido daquele servo, deixou-o ir livre e perdoou-lhe a dívida.*

28. *Mas êste servo, tendo saído, encontrou um dos seus companheiros, que lhe devia cem dinheiros; e lançando-lhe a mão, o sufocava, dizendo: Paga o que me deves.*

29. *E o companheiro lançando-se-lhe aos pés, lhe suplicava dizendo: Tem paciência comigo e eu te pagarei tudo.*

30. *Porém, êle não quis: mas retirou-se, e fêz que o metessem na prisão, até pagar a dívida.*

31. *Ora, os outros servos, seus companheiros, vendo isto, ficaram contristados, e foram, e referiram ao seu senhor tudo o que tinha acontecido.*

32. *Então o senhor chamou-o e disse-lhe: Servo mau, eu te perdoei a dívida tôda, porque me suplicaste:*

33. *Não devias tu logo compadecer-te também do teu companheiro, como eu me compadecí de ti?*

34. *E o seu senhor, irado, entregou-o aos algozes até que pagasse tôda a dívida.*

35. *Assim também vos fará meu Pai celestial, se não perdoardes do íntimo dos vossos corações cada um a seu irmão.*

O PURGATÓRIO

O rei, de que fala o Evangelho, entregou o devedor aos algozes, *até que pagasse tôda a dívida.*

A parábola refere-se *ao reino do céu,* à outra vida; logo deve haver, na outra vida, um lugar de expiação temporária, onde os devedores de Deus possam pagar umas dívidas atrasadas ou expiar certos pecados.

Êste lugar é o purgatório.

Após a morte, a alma em estado de graça, havendo ainda a expiar faltas leves, será obrigada a expiar estas faltas no purgatório.

Consideremos hoje:

1. A EXISTÊNCIA do purgatório.
2. A NATUREZA do purgatório.

http://www.obrascatolicas.com

XXI. DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES
(Mat. 18, 23-35)

23. *Naquele tempo, disse Jesus a seus discípulos esta parábola: O reino dos céus é comparado a um rei, que quis fazer as contas com os seus servos.*

24. *E tendo começado a fazer as contas, foi-lhe apresentado um que lhe devia dez mil talentos.*

25. *E como não tivesse com que pagar, mandou o seu senhor que fôsse vendido êle, e sua mulher, e seus filhos, e tudo o que tinha, e se saldasse a dívida.*

26. *Porém o servo, lançando-se-lhe aos pés, lhe suplicava dizendo: Tem paciência comigo, e eu te pagarei tudo.*

27. *O senhor, compadecido daquele servo, deixou-o ir livre e perdoou-lhe a dívida.*

28. *Mas êste servo, tendo saído, encontrou um dos seus companheiros, que lhe devia cem dinheiros; e lançando-lhe a mão, o sufocava, dizendo: Paga o que me deves.*

29. *E o companheiro lançando-se-lhe aos pés, lhe suplicava dizendo: Tem paciência comigo e eu te pagarei tudo.*

30. *Porém, êle não quis: mas retirou-se, e fêz que o metessem na prisão, até pagar a dívida.*

31. *Ora, os outros servos, seus companheiros, vendo isto, ficaram contristados, e foram, e referiram ao seu senhor tudo o que tinha acontecido.*

32. *Então o senhor chamou-o e disse-lhe: Servo mau, eu te perdoei a dívida tôda, porque me suplicaste:*

33. *Não devias tu logo compadecer-te também do teu companheiro, como eu me compadecí de ti?*

34. *E o seu senhor, irado, entregou-o aos algozes até que pagasse tôda a dívida.*

35. *Assim também vos fará meu Pai celestial, se não perdoardes do íntimo dos vossos corações cada um a seu irmão.*

O PURGATÓRIO

O rei, de que fala o Evangelho, entregou o devedor aos algozes, *até que pagasse tôda a dívida.*

A parábola refere-se *ao reino do céu*, à outra vida; logo deve haver, na outra vida, um lugar de expiação temporária, onde os devedores de Deus possam pagar umas dívidas atrasadas ou expiar certos pecados.

Êste lugar é o purgatório.

Após a morte, a alma em estado de graça, havendo ainda a expiar faltas leves, será obrigada a expiar estas faltas no purgatório.

Consideremos hoje:

1. A EXISTÊNCIA do purgatório.
2. A NATUREZA do purgatório.

http://www.obrascatolicas.com

I. A EXISTÊNCIA DO PURGATÓRIO

A existência do purgatório, como a do céu e do inferno, é verdade de fé, definida pela Igreja.

E' provada pela Sagrada Escritura, e pela razão.

a) *Sagrada Escritura*:

No II Livro dos Macabeus (12, 43) lemos que Judas Macabeu ofereceu um Sacrifício pelos mortos, para que ficassem livres dos seus pecados. Ora, se *é pensamento santo e salutar o rezar pelos defuntos a fim de que fiquem livres de seus pecados,* é sinal de que estão num lugar donde é possível sair.

Ora, tal lugar não é nem o céu, nem o inferno, que são eternos: E' o purgatório.

Não é preciso que o *nome* de purgatório figure na Bíblia, basta o *lugar* estar indicado.

No Novo Testamento encontramos também a indicação do purgatório.

Jesus Cristo diz que *o pecado contra o Espírito Santo não será perdoado, nem neste século, nem no século vindouro.* (Mat. 12, 32).

Logo, há pecados que podem ser perdoados neste século e no século vindouro.

E qual é êste lugar? E' o purgatório.

São Paulo ensina: *alguns serão salvos depois de terem passado pelo fogo.* (I Cor. 3, 15).

Não é o fogo do inferno... e no céu não há expiações. Logo, é no purgatório.

São Paulo *roga a Deus que se compadeça de Onesíforo que prestra bons serviços à Igreja.* (Tim. I, 16-18).

Logo, acredita que Onesíforo precisa de orações...

Nem no inferno, nem no céu, as almas precisam de orações. Logo, está no purgatório.

A razão nos indica a existência do purgatório.

Para entrar no céu *é preciso ser perfeitamente limpo.* (Apoc. 21, 27).

Para ser réu do inferno é preciso ter cometido um pecado mortal.

Ora, há muitas pessoas que não estão bastante puras para entrar no céu, nem bastante manchadas para irem para o inferno.

Logo, devem ir para um lugar, onde possam purificar-se, expiar as faltas leves, até poderem entrar no céu: êste lugar de expiação, de *purgação,* é o purgatório.

II. NATUREZA DO PURGATÓRIO

No purgatório, como no inferno, há uma dupla pena: *pena moral* (de dano) e pena *dos sentidos* (de fogo).

A pena *moral* consiste na separação de Deus, pena suavizada, entretanto, pela esperança.

A pena dos *sentidos,* segundo o ensino de muitos teólogos, é da mesma natureza que as do inferno, menos a eternidade e consequente desespêro.

http://www.obrascatolicas.com

As almas sofrem no purgatório, pois sendo salvas, tarda-lhes entrar na contemplação de Deus e de outro lado são atormentadas pelo fogo, até expiarem as penas temporais devidas aos pecados mortais perdoados e às penas dos pecados veniais não perdoados.

"Reuni, diz Sta. Catarina de Gênova, tôdas as penas que os homens têm sofrido, sofrem e sofrerão, juntai-lhes todos os tormentos que os algozes têm feito sofrer aos mártires, será uma pálida imagem dos tormentos do purgatório".

Deus, escolhendo o *fogo*, soube achar um *reparador* digno de sua justiça.

Não há dor, dizem os químicos, que iguale à dor do fogo.

Não objetem que o *corpo* não está no purgatório: "A dor, diz Sto. Tomás, não é o golpe que se recebe, mas a sensação dolorosa dêsse golpe".

Quanto mais delicadeza há nessa sensação, mais viva é a dor, e a alma, ainda sendo ferida ela sòzinha, experimenta, *ao mesmo tempo*, a aflição que lhe fariam sofrer todos os membros do corpo atacados separadamente.

A pena moral, ou pena do dano, é mais terrível ainda que a pena dos sentidos.

A alma, por instinto de sua natureza, quer unir-se a Deus... mas uma fôrça irresistível a afasta bruscamente de seu ideal.

Pode-se fazer uma idéia dêste suplício, comparando-o ao tormento de u'a mãe que, chamada

por seu filho prestes a ser devorado por uma fera, fôsse retida por fôrça qualquer, no momento em que se precipitasse em seu socorro, e isso não uma só vez, mas centenas de vêzes em seguida.

III. CONCLUSÃO

Quanto tempo durará esta expiação? Não o sabemos; sabemos apenas que êsse tempo é proporcionado à dívida de cada alma — que as almas do purgatório nada podem fazer por si mesmas — e que as suas penas podem ser abreviadas pelas nossas orações.

E', pois, um dever sagrado para nós, um dever de caridade, e muitas vêzes de justiça, orar pelas almas dos nossos defuntos.

Talvez haja no purgatório almas que ali sofrem, por causa de nós, porque as temos escandalizado, ou não as temos afastado do mal, quando era dever nosso fazê-lo.

Elas sofrem por causa de nós; é, pois, lógico que sejam libertadas por nós.

E' talvez o nosso pai, a nossa mãe, são filhos queridos, amigos íntimos, benfeitores?!

Oh! oremos pelos nossos queridos defuntos!...

Depois de entrarem no céu, estas almas serão os nossos protetores e intercessores perto de Deus.

---

http://www.obrascatolicas.com

XXII. DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES
(Mat. 22, 15-21)

15. *Naquele tempo, os fariseus consultaram entre si como haviam de surpreender Jesus em suas palavras.*

16. *E enviaram-lhe seus discípulos juntamente com os herodianos, os quais disseram: Mestre, nós sabemos que és verdadeiro, e que ensinas o caminho de Deus segundo a verdade, sem atender a ninguém, porque não fazes acepção de pessoas.*

17. *Dize-nos, pois, o teu parecer. E' lícito dar o tributo a César, ou não?*

18. *Porém, Jesus, conhecendo a sua malícia, disse: Por que me tentais, hipócritas?*

19. *Mostrai-me a moeda do tributo. E êles lhe apresentaram um dinheiro.*

20. *E Jesus disse-lhes: De quem é esta imagem e inscrição?*

21. *Êles responderam: De César. Então disse-lhes: Dai, pois, a César o que é de César; e a Deus o que é de Deus.*

PODER CIVIL E RELIGIOSO

Jesus cita no Evangelho de hoje um princípio

que serve de base a tôdas as relações entre o poder civil e o poder religioso.

Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.

E' curto, é claro e positivo; se o mundo, os governos sobretudo, tivessem entendido melhor êste princípio, ter-se-iam poupado muitas discussões, lutas e guerras.

Hoje ainda, hoje sobretudo, todos aquêles que são detentores de qualquer parcela de poder devem lembrar-se desta sentença divina.

Esplanemos brevemente em nossa instrução de hoje o que é:

1. O PODER civil e religioso para o homem.
2. O ABUSO da intromissão de um no outro.

I. O PODER CIVIL E RELIGIOSO

O homem é essencialmente um composto substancial de *corpo* e *alma*, e cada parte dêste composto pertence a uma sociedade diferente.

O homem não pode viver sòzinho, isolado, como disse Deus no princípio do mundo: *"Não é bom que o homem esteja só"*.

O corpo tem uma vida própria: a vida *natural* e esta vida não pode ficar isolada.

A alma tem também a sua vida própria: a vida *sobrenatural*. Esta por sua vez, não pode ficar isolada.

Corpo e alma devem ter, pois, a sua sociedade

http://www.obrascatolicas.com

própria, à qual pertençam, pelo fato de seu nascimento natural e sobrenatural.

A terra onde o homem nasce à vida natural é a *pátria.*

A sociedade onde êle nasce à vida sobrenatural é a *Igreja.*

São as duas pátrias do homem: a pátria de seu corpo e a pátria de sua alma.

Ora, nenhuma sociedade pode existir sem autoridade: o homem deve, pois, obedecer a estas duas autoridades.

O homem deve respeitar a sua pátria, deve amá-la, deve defendê-la, serví-la; é o que se chama o *patriotismo.*

Êle deve também respeitar, amar e defender a sua fé, é o que se chama: *religião.*

A Igreja é uma sociedade constituída, a mais completa e a mais harmoniosa das sociedades.

Pelo *batismo* estamos inscritos no registo da Igreja, como pelo *nascimento* estamos inscritos nos registos do govêrno civil.

A sociedade civil e a sociedade religiosa são, dêste modo, a dupla *pátria do* cristão; eis por que Jesus Cristo diz: "Dai a César, que é o representante do poder civil, o que é dêle; mas não vos esqueçais de dar a Deus, representado pela autoridade da Igreja, o que é de Deus".

Como seria bela e harmoniosa esta instituição divina da autoridade, se ela fôsse sempre bem compreendida e se não houvesse abusos ou usurpações nos limites destas duas autoridades!

II. ABUSO DE INTROMISSÃO

Para podermos cumprir integralmente o preceito de Jesus Cristo, e dar a cada um dos poderes o que lhe devemos, é mister que não haja oposição entre êles, de modo que, obedecendo a um, não desobedeçamos ao outro.

Suponhamos, por exemplo, que o poder civil proiba santificar o domingo, ir à missa, rezar ou fazer outros atos prescritos pelo culto; neste caso é impossível obedecer a César, sem desobedecer a Deus.

Neste caso não há meio têrmo: temos que obedecer a um dos dois poderes.

Donde vem tal alternativa?

Do fato de um poder sair das suas atribuições e ingerir-se nas atribuições do outro.

O govêrno civil deve ocupar-se dos interêsses *materiais* e a Igreja dos interêsses *espirituais.*

A lei básica de acôrdo entre estas duas autoridades é de cada um ficar no terreno de sua alçada.

No exemplo supra, o poder civil sai dêstes limites, entrando em assuntos religiosos que dependem da Igreja.

Um outro ponto de contestação na ordem do dia: Só Deus pode permitir e santificar a cohabitação do homem e da mulher, pelo *matrimônio.*

Infelizmente, o tal *contrato civil,* que é legítimo regulando os interêsses materiais dos cônjuges, pretende muitas vêzes penetrar no domínio religioso

http://www.obrascatolicas.com

dêste sacramento, dando ao contrato civil, um valor sacramental perante Deus, que não tem, e que o govêrno civil não pode dar.

O cerimonial civil em certos países é simplesmente grotesco, pois faz dizer ao escrivão: "Eu, em nome da lei, vos declaro casados!"

Por que tal intromissão?

Só a Igreja pode casar... o govêrno deve limitar-se ao *contrato civil*, e deixar o *casamento* ao poder religioso.

Tais intromissões têm sido a causa de grandes lutas, e enfraquece no espírito do povo o valor das leis civis querendo regulamentar o que não é de seu domínio.

III. CONCLUSÃO

Que fazer em semelhantes casos?

O que declarou S. Pedro no Sinédrio: *Obedire oportet Deo, magis quam hominibus.* (Atos, 5, 29). Deve-se obedecer antes a Deus que aos homens.

Vêde com quanto escrúpulo a Igreja deixa o govêrno ocupar-se do lado civil do matrimônio, não se preocupando com a questão do dote, de regime dos bens, etc. Ela deixa a César o que é da alçada de César, porém, exige que se respeitem os direitos de Deus; ora, êstes direitos são que os católicos devem casar na Igreja e conservar a *unidade* e a *indissolubilidade* do matrimônio contra a infâmia dos divorcistas, sexualistas e comunistas.

Se os governos respeitassem sempre o poder espiritual da Igreja, como esta respeita o poder civil, viveriam em paz e perfeita união.

Demos, pois, conforme o conselho do divino Mestre, a César o que é dêle... e demos a Deus o que lhe pertence... e em caso de conflito: *Deus em primeiro lugar*, pois Êle é a primeira autoridade.

http://www.obrascatolicas.com

XXIII. DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES
(Mat. 9, 18-26)

18. *Naquele tempo, estando Jesus falando ao povo, eis que veio um príncipe da (sinagoga) aproximou-se dÊle e o adorava, dizendo: Senhor, morreu agora minha filha: mas vem, põe a tua mão sôbre ela e viverá.*

19. *E Jesus, levantando-se, o seguiu com seus discípulos.*

20. *E eis que uma mulher, que havia doze anos padecia um fluxo de sangue, se chegou por detrás dÊle e tocou a fímbria do seu vestido.*

21. *Porque dizia dentro de si: Ainda que eu toque sòmente o seu vestido, serei curada.*

22. *E voltando-se Jesus, e vendo-a, disse: Tem confiança, filha, a tua fé te sarou. E ficou sã a mulher desde aquela hora.*

23. *E tendo Jesus chegado à casa daquele príncipe (da sinagoga) e tendo visto os tocadores de flauta e uma multidão de gente que fazia muito barulho, disse:*

24. *Retirai-vos, porque a menina não está morta, mas dorme. E êles o escarneciam.*

25. *E tendo-se feito sair a gente, Êle entrou e tomou-a pela mão. E a menina levantou-se.*

26. *E divulgou-se a fama (dêste milagre) por tôda aquela terra.*

A IMORTALIDADE DA ALMA

Escolhamos: tal vida, tal morte. *Talis vita, mors ita.*

Esta menina não está morta, mas dorme, diz Jesus da filha de Jairo.

Sôbre três ressurreições que o Evangelho narra, há duas em que Nosso Senhor chama a morte: um *sono.*

O nosso amigo Lázaro dorme, dizia Êle, e percebendo que os Apóstolos tomaram a frase no sentido literal, Êle lhes diz abertamente: *Lázaro está morto.*

Jesus, chamando à morte um *sono,* quer fazer entender que a morte é transitória e que a vida volta aos mortos.

A vida volta, porque a alma é imortal.

Meditemos um instante a imortalidade da alma, mostrando que é exigida:

1. Pela SABEDORIA de Deus.
2. Pela VERACIDADE de Deus.

I. PELA SABEDORIA DE DEUS

A alma, pela sua natureza, é imperecível. De fato: que é a morte?

E' a separação do corpo e da alma.

http://www.obrascatolicas.com

Ora, para poder separar-se é preciso serem dois, no mínimo.

A alma e o corpo podem separar-se, porque constituem dois elementos distintos, embora substancialmente unidos.

O próprio corpo pode ser dividido, separado em partes, porque é constituído de vários elementos, e tais elementos podem decompôr-se.

Assim não acontece com a alma: ela é espiritual, simples, não podendo decompor-se em partes, por não ter partes. Logo, para ela, não há morte, e não havendo morte, ela é imortal.

Por seu poder *absoluto*, Deus poderia aniquilar a alma, porém, por seu poder *constituído*, não o deve fazer.

A razão é que a sabedoria divina requer que o *destino dos sêres seja proporcionado à sua excelência.*

Ora, sabemos quanto a alma, pela sua natureza, está acima do corpo. O corpo não perecendo, subsistindo sempre todos os seus elementos, mesmo depois da decomposição do total, a sabedoria divina proíbe a destruição da alma. De outro lado, Deus quer *que os sêres sejam dirigidos conforme à sua natureza.*

Tendo, pois, Deus feito a alma imortal, a sua sabedoria exige que se conserve esta imortalidade.

II. PELA VERACIDADE DE DEUS

Nossa alma é ainda imortal, porque Deus é verdadeiro.

Podemos distinguir em nós duas inclinações distintas mas conexas: Nós sentimos a *necessidade* do infinito e temos o *instinto* dêste infinito.

O homem aspira a uma felicidade perfeita, e a quer sem *limites* e sem *fim*, porque, sem isso, tal felicidade não seria perfeita e sentimos em nós um como *instinto* que alcançaremos tal destino sem fim.

Vemos o corpo desaparecer na podridão. A alma nos deixa sem nos dizer para onde segue; *aparentemente* a morte acaba com tudo, e entretanto no fundo da alma nós protestamos, nós reagimos contra estas aparências e, apesar de tudo e contra tudo, a humanidade proclama a imortalidade, de todos os modos.

O homem diz instintivamente: dedico-te um amor eterno.

Êle cerca de respeito e veneração os restos mortais dos antepassados.

Nas horas de saudade, o homem fala com os seus desaparecidos, como se estivessem presentes.

Sentimos a necessidade de orar por êles e de implorá-los, além do túmulo.

Ora, êste desejo do *infinito*, quem o pôs em nós, senão o *Infinito vivo?*

Êste instinto que se encontra em todos os homens, quem o gravou em nossa alma, senão Deus?

Ora, Deus, que não ilude nem o instinto de um animal pequeno, por pequeno que seja, como poderia iludir o nosso?

Não, não: Deus é verdadeiro. Logo, somos imortais.

http://www.obrascatolicas.com

III. CONCLUSÃO

Há um terceiro argumento em favor da imortalidade da alma: *A justiça* de Deus exige que o mal seja punido e o bem recompensado.

Ora, onde se fará tal distribuição da justiça?

A justiça perfeita não existe na terra; e muitas vêzes a perfeita injustiça domina neste mundo.

E' a objeção que se faz às vêzes contra a Providência divina.

Tal objeção seria fundada, se não existisse uma vida futura.

Havendo, porém, uma vida futura, tudo muda; a justiça, um instante violada, reaparecerá em todo o seu esplendor.

Não nos admiremos, quando na terra, vemos o bem oprimido pelo mal.

Devemos ver neste fenômeno uma prova da imortalidade da alma, e proclamar com mais fé e confiança o que diz o *Credo* católico:

Creio na vida eterna — creio na alma imortal— creio na justiça de Deus, não podendo acreditar na justiça dos homens.

XXIV. DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES
(Mat. 24, 15-35)

15. *Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: Quando, pois, virdes a abominação da desolação que foi predita pelo profeta Daniel, posta no lugar santo, — o que lê, entenda.*

16. *Então os que se acham na Judéia, fujam para os montes.*

17. *E o que se acha sôbre o telhado, não desça para tomar coisa alguma de sua casa.*

18. *E o que está no campo, não volte a tomar a sua túnica.*

19. *Mas ai das (mulheres) grávidas e das que tiverem criança de peito naqueles dias.*

20. *Rogai, pois, que não seja a vossa fuga no inverno ou em dia de sábado:*

21. *Porque então será grande aflição, como nunca foi desde o princípio do mundo até agora, nem jamais será.*

22. *E se não se abreviassem aquêles dias, não se salvaria pessoa alguma: porém, serão abreviados aquêles dias em atenção aos escolhidos.*

23. *Então se alguém vos disser: Eis aqui está o Cristo, ou ei-lo acolá: não deis crédito.*

http://www.obrascatolicas.com

24. *Porque se levantarão falsos cristos e falsos profetas, e farão grandes milagres e prodígios, de tal modo que (se fôsse possível) até os escolhidos se enganariam.*

25. *Eis que eu vo-lo predisse.*

26. *Se, pois, vos disserem: Eis que Êle está no deserto, não saiais: ei-lo no lugar mais retirado da casa, não deis crédito.*

27. *Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até ao ocidente: assim será também a vinda do Filho do homem.*

28. *Em qualquer lugar, em que estiver o corpo, aí se juntarão também as águias.*

29. *E logo depois da tribulação daqueles dias, escurecer-se-á o sol, e a lua não dará a sua luz, e as estrêlas cairão dos céus e as potestades do céu serão abaladas.*

30. *E então aparecerá o sinal do Filho do Homem no céu: e então todos os povos da terra chorarão, e verão o Filho do Homem vir sôbre as nuvens do céu com grande poder e majestade.*

31. *E enviará os seus anjos com trombeta e com grande voz, e ajuntarão os escolhidos dos quatro ventos. desde a extremidade da terra, do mais remontado dos céus até às extremidades dêles.*

32. *Aprendei da figueira uma comparação: Vêde a figueira; quando os seus ramos estão tenros e nascidas as folhas, conheceis então que está próximo o estio.*

33. *Assim também, quando virdes tudo isto,*

sabei que o Filho do Homem está perto, (que está) às portas.

34. *Na verdade, vos digo, que não passará esta geração, sem que se cumpram tôdas estas coisas.*

35. *O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão.*

RESSURREIÇÃO E JUíZO FINAL

O Evangelho de hoje nos põe diante dos olhos a terrível verdade do fim do mundo.

Há os fins do homem, que são: a morte, o juízo particular e o inferno.

Há também os fins últimos do mundo que são a ressurreição dos mortos e o juízo final.

Meditemos estas duas grandes verdades:

1. A RESSURREIÇÃO dos mortos.
2. O JUíZO final.

I. A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

O mundo há de acabar-se um dia.

Então, de repente, o sol perderá a luz, a lua ficará vermelha como sangue, — a tera tremerá até em suas entranhas — o mar bramirá — relâmpagos sinistros e trovões rasgarão o firmamento. (Mc. 13, 24).

Lembrai-vos de uma noite de tempestade: assim, de repente, o fogo acabará com tudo.

Se alguém sobrevivesse, poderia recolher na

http://www.obrascatolicas.com

mão um punhado cinzas e dizer: isto era a humanidade, os seus palácios e as suas riquezas.

Tudo morreu.

De repente, uma trombeta ressoa e clama: — Mortos, levantai-vos e vinde ao juízo! *Canet enim tuba et mortui resurgent.* (I Cor. 15, 552).

As almas acorrem: umas do céu, outras do purgatório, outras do inferno.

A alma do justo encontra o seu corpo belo. O réprobo encontra o seu: disforme, horrível.

O' corpo bendito! exclama o santo, tu foste um servo fiel, submisso na vida; vem partilhar agora da minha felicidade.

Enquanto isto, brada a alma reprovada: Corpo miserável! tu me arrastaste ao mal, eu te escutei, segui os teus instintos perversos, vem partilhar agora a minha eterna desgraça!

A trombeta ressoa. Os anjos clamam: *Ad judicium!*

Tunc aparebit signum Filii hominis in caelo. (Mat. 24, 30).

Cristo virá nas nuvens com grande poder e majestade, tendo a seu lado Maria Santíssima e os anjos.

Todos nós estaremos ali: Eu, tu, parentes, amigos.

II. O JUÍZO FINAL

Judicium sed et libri aperti sunt. O juízo começará.

Tudo ali será revelado. Quem não queria confessar-se, em segredo, na terra, há de confessar-se ali pùblicamente: confissão de tudo... perante todos!

Se neste momento aparecesse aqui um anjo, proclamando em alta voz todos os nossos pecados, que imensa confusão se apoderaria de nós!

E ali nada ficará escondido: tudo nos acusará, até as pedras das casas, como o profeta diz: *Lapis de pariete clamabit.*

Só serão proclamados os pecados não confessados; os que foram confessados e perdoados não existirão mais, e não podem aparecer.

Após esta manifestação pública, Jesus Cristo levantará a fronte, o olhar flamejante, a voz trovejante: *Ego sum!* Sou eu, o teu Criador, Salvador, Pai e Senhor; tu me renegaste, tu rejeitaste a minha lei, tu não quiseste aceitar o meu *amor*: agora aceita a minha *justiça.*

Discedite a me, maledicti in ignem aeternum! (Mat. 25, 41). *Retira-te de mim, maldito, para o fogo eterno!*

Oh! palavra terrível.

O pobre sacerdote que se sacrificou para a salvação da tua alma, que te ensinava a verdade e a virtude, que te amava tanto, será obrigado a confirmar esta sentença.

Meu Deus, não, eu não poderei calar-me.
Mas, Senhor, permita-me uma palavra:
Esta alma era tão ignorante!

http://www.obrascatolicas.com

Havia instruções, sermões, exortações, dirá o Juiz Supremo.

Mas, Senhor, esta pessoa era muito tentada.
Podia orar, a oração dissipa as tentações.

Senhor, vivia cercada de perigos!
Podia fugir dêles, em vez de expor-se ao perigo.

Mas, Senhor, lembrai-vos que sois Pai!
Sim, mas sou Juiz também.

Mas, e o vosso sangue derramado por esta alma, Senhor!
O meu sangue... ela o pisava aos pés.

Deverei calar-me!

De novo ressoa a palavra terrível: *Retira-te de mim, maldito!*

Mas, permita-me mais uma palavra: Para onde irá esta alma? Vós sois a Vida.

Ela não me quis durante a vida, não a quero agora.

Mas, Senhor, para onde ela irá?

In ignem aeternum. — Para o fogo eterno.

Que horror!

Um demônio aparece, toma conta desta alma... a terra abre... e ela cai no fundo do abismo, onde só há desesperação, lágrimas e ranger de dentes.

III. CONCLUSÃO

Felizmente haverá, ao lado dos réprobos, almas escolhidas, belas, santas.

Para elas, Jesus Cristo dirigirá o seu olhar e estenderá os braços, dizendo: *Venite benedicti.* (Mt. 25, 34).

Vinde, benditos de meu Pai, receber o reino que vos preparei.

Vós me amastes na vida; eu quero retribuir o vosso amor durante tôda a eternidade.

Seguistes-me nas tribulações; segui-me agora na glória. Vivestes por mim na terra: eu quero agora ser a vossa felicidade na eternidade.

Os anjos, radiantes, seguem êstes escolhidos, o céu se abre... e ei-los em cortêjo glorioso tomando o vôo para a mansão celeste.

Meus irmãos, que quereis vós?

Quereis a maldição ou a felicidade?

O pecado, a indiferença, a moleza levam à perdição.

A fidelidade à lei de Deus, o cumprimento dos deveres, a frequência dos sacramentos, as boas obras, merecem a vida eterna.

Escolhamos, enquanto é tempo!

Reconciliemo-nos com Deus, hoje mesmo; amanhã será talvez tarde demais.

---

http://www.obrascatolicas.com

ÍNDICE

Aprovação 5
Introdução 7

1º. Domingo do Advento 11
2º. Domingo do Advento 17
3º. Domingo do Advento 22
4º. Domingo do Advento 28

Festa de Natal 34
Domingo dentro da oitava do Natal 41

Festa da Epifania 47
1º. Domingo depois da Epifania 53
2º. Domingo depois da Epifania 58
3º. Domingo depois da Epifania 64
4º. Domingo depois da Epifania 69
5º. Domingo depois da Epifania 74
6º. Domingo depois da Epifania 80

Domingo da Setuagésima 85
Domingo da Sexagésima 91
Domingo da Quinquagésima 97

http://www.obrascatolicas.com

1º. Domingo da Quaresma 103
2º. Domingo da Quaresma 109
3º. Domingo da Quaresma 115
4º. Domingo da Quaresma 121

Domingo da Paixão 127
Domingo de Ramos 133

Domingo de Páscoa 139
1º. Domingo depois da Pascoa 145
2º. Domingo depois da Páscoa 152
3º. Domingo depois da Páscoa 158
4º. Domingo depois da Páscoa 165
5º. Domingo depois da Páscoa 170
6º. Domingo depois da Páscoa 176

Domingo de Pentecostes 182
Domingo da Santíssima Trindade 188
2º. Domingo depois de Pentecostes 193
3º. Domingo depois de Pentecostes 198
4º. Domingo depois de Pentecostes 204
5º. Domingo depois de Pentecostes 210
6º. Domingo depois de Pentecostes 216
7º. Domingo depois de Pentecostes 222
8º. Domingo depois de Pentecostes 228
9º. Domingo depois de Pentecostes 235
10º. Domingo depois de Pentecostes 240
11º. Domingo depois de Pentecostes 247
12º. Domingo depois de Pentecostes 252
13º. Domingo depois de Pentecostes 258
14º. Domingo depois de Pentecostes 264

15º. Domingo depois de Pentecostes 270
16º. Domingo depois de Pentecostes 275
17º. Domingo depois de Pentecostes 281
18º. Domingo depois de Pentecostes 285
19º. Domingo depois de Pentecostes 293
20º. Domingo depois de Pentecostes 299
21º. Domingo depois de Pentecostes 304
22º. Domingo depois de Pentecostes 310
23º. Domingo depois de Pentecostes 316
24º. Domingo depois de Pentecostes 321

http://www.obrascatolicas.com

PUBLICAÇÕES DA EDITORA «O LUTADOR»

DIABO, LUTERO E O PROTESTANTISMO. — *Pe. Júlio Maria, S. D. N.* — A' luz da história demonstra a falsidade do Protestantismo pondo em foco a figura de seu fundador: a sua vida, seu pensamento, seus erros, suas lutas, os progressos da idéia protestante, sua multiplicidade de seitas, etc.— e tudo isso numa linguagem que prende e cativa o leitor. Cr$ 30,00.

OS IRMÃOS DE JESUS. — *Dayl de Almeida.* — Refutação ao tolo "biblismo" protestante que nega à Virgem Bendita e Imaculada sua Virgindade Perpétua. Cr$ 1,00.

POR QUE MATAR A QUEM TEM DIREITO A' VIDA? — *Pe. Milton Santana.* — Leitura reservada aos esposos, enfermeiras, noivos e obstetras. Livro que trata de questões de moral conjugal à luz da ciência e da religião. Cr$ 40,00.

DEUS E O HOMEM — *Pe. Júlio Maria,S.D.N.* — O livro mais popular talvez que esclarece cientificamente os segredos de Deus e as suas relações com o homem. Em 4ª edição. Formato grande. — Cr$ 80,00.

CATECISMO DOS NOIVOS — *Pe. Antônio Miranda, S. D. N.* — O problema do lar não se resolve depois do casamento. Exige-se uma preparação séria para êle. E' o que nos explica e ensina o autor neste livrinho — cujas edições se repetem continuamente — explicando a natureza do sacramento do matrimônio, seus deveres, seus predicados, os erros contrários, prevenindo o jovem noivo na escolha de seu futuro cônjuge, ensinando-lhe a preparar-se para êste passo. (Procure-o com seu Vigário ou diretamente à nossa Editora). Cr$ 6,00.

EDUCAÇÃO SEXUAL: — *Pe. Casemiro Campos, S. D. N.* — Para os pais e educadores foi um achado o livro do Pe. Casemiro. Não diz apenas qual deve ser a educação sexual da nossa juventude, mas ensina como transmití-la. "O jovem para o autor não é um ser platônico. E' aquêle jovem ali. E' êsse adolescente que êle vê, que está em suas mãos, que depende de sua paplavra, de seu estímulo, de seu coração. E' o mocinho concreto que êle sabe estar às voltas com o mal, na sua casa, entre seus amiguinhos, na rua, na escola... Isso dá ao seu livro um caráter dramático, arrebatante".

Acaba de sair do prelo a 3ª edição dêste livro, òtimamente apresentável, corrigida pelo autor.

Preço: Cr$ 30,00.

---

http://www.obrascatolicas.com

UMA OFERTA PARA OS SRS. PÁROCOS

Para os pedidos superiores a 100 exemplares, damos 30% de desconto na venda dos seguintes livros.

PRIMEIRO CATECISMO — Fizemos o Catecismo atraente e popular, pelo menor preço possível, para assim auxiliar o trabalho dos Srs. Párocos.
Preço por unidade: Cr$ 2,50.

CREIO, ORO E CANTO — Um livrinho que os Vigários admiram muito e não tem outro que o substitua — um trabalho baseado em textos bíblicos, feito para a instrução popular. Preço: Cr$ 7,00

SÚMULA BÍBLICA — Nos meios onde domina o protestantismo, *Súmula Bíblica* é um livro indispensável. Os textos bíblicos mais claros e convincentes para uma refutação aos ataques protestantes. — Cr$ 10,00.

MALES DOS CRENTES — Outro folheto cujas edições se sucedem sem parar, porque os Srs. Vigários não se cansam de repartí-lo entre o seu rebanho — quando o "lobo" aparece camuflado sob uma veste de ovelha mansa... — Preço: Cr$ 1,00.

Pedidos: *A' Editora "O Lutador — Manhumirim — Minas — E. F. L.*

http://www.obrascatolicas.com